

Miraíra Noal Manfroi

**SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA:
MEMÓRIAS, BRINCADEIRAS E NATUREZA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física.
Orientadora: Profa. Dra. Alcyane Marinho

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Manfroi, Miraira Noal
SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA: : MEMÓRIAS,
BRINCADEIRAS E NATUREZA / Miraira Noal Manfroi ;
orientadora, Alcyane Marinho - Florianópolis, SC, 2015.
331 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em
Educação Física.

Inclui referências

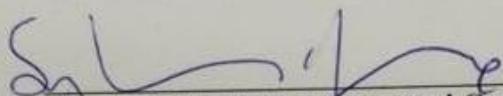
1. Educação Física. 2. Educação Física. 3. Crianças. 4.
Brincadeiras . 5. Natureza. I. Marinho, Alcyane . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Educação Física. III. Título.

Miraira Noal Manfroi

**SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA:
MEMÓRIAS, BRINCADEIRAS E NATUREZA**

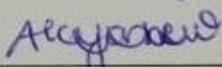
Essa dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Educação Física”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2015.

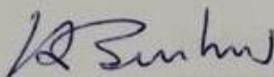


Prof. Dr. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação Física da
UFSC

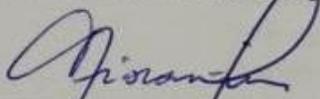
Banca examinadora:



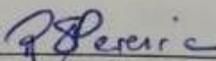
Prof.ª Dr.ª Alcyane Marinho
Orientadora
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)



Prof.ª Dr.ª Heloisa Turini Bruhns
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)



Prof. Dr. Givani De Lorenzi Pires
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Prof. Dr. Rogério Santos Pereira
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Dedico esta dissertação aos meus cuidadores e educadores (Mirian Lange Noal, José Manfroi e Maridalva Maranhão Pio) pela educação “selvagem” que me deram, por me incentivarem a andar descalça, a ouvir os pássaros, a bater as asas.

Às crianças da Costa da Lagoa por terem partilhado suas infâncias comigo, pelos abraços e beijos, pelas risadas, pelo gosto saboroso e leve que devolveram ao meu paladar de ser criança novamente.



AGRADECIMENTOS

*Depois de sair pelas ruas, entrar pelos jardins e falar com as crianças. [...]
Saber que o céu está em cima.
Saber que os olhos estão perfeitos e que as mãos estão perfeitas.
Saber que os ouvidos estão perfeitos. [...].
Girar os braços, respirar o ar fresco, lembrar dos parentes.
Lembrar da cidade onde se nasceu, com inocência, e rit sozinha.
Rir de coisas passadas. Ter saudade de pureza. [...]
Sentir o sol. Gostar de ver as coisas todas. [...]
Ter vontade de escrever para todos os amigos.
Ter vontade de lhes contar a vida até o momento presente.
Pensar em encontrá-los de novo. Pensar em reuni-los em torno de uma
mesa.
Uma mesa qualquer em um lugar que a gente ainda não escolheu.
Conversar com todos eles. Rir, cantar, recordar os dias idos. [...]
Pensar que eles já vêm. Abrir os braços.
Procurar descobrir, no mundo que nos envolve, alguma voz que tenha
acentos parecido.
Alguns andar que lembre o andar longínquo de algum deles...
Ah, como é bom a gente ter infância! [...]
Como é bom a gente ter tido infância e poder lembrar-se dela.
E trazer uma saudade muito esquisita escondida no coração.
Como é bom a gente ter deixado a pequena terra em que nasceu.
Ter fugido para uma cidade maior, conhecer outras vidas. [...]
Olhar para todos os lados, olhar para as coisas mais pequenas, e descobrir em
todas uma razão de beleza.
Agradecer a Deus, que a gente ainda não sabe amar direito,
A harmonia que a gente sente, vê e ouve. [...]
Agradecer tanta coisa que a gente não pode acreditar que esteja
acontecendo.*

Manoel de Barros (2010, p. 58-63)

A gratidão tem sido um exercício constante no meu cotidiano, pois acredito ser uma das ações mais energizantes e fortalecedoras. Ao fazer este exercício sempre lembro de algumas **forças divinas, momentos, emoções e pessoas**. Esta retrospectiva faz com que o meu ser desperte e se nutra para continuar diariamente no caminho do bem e do amor, orientando os meus passos pessoais e profissionais. Quando penso em **forças divinas**, me remeto à capela da minha casa, onde fazíamos as nossas orações, em frente ao altar, no qual sempre couberam todos os deuses, mestres e santos. Ali meu pai e minha mãe me ensinaram a pedir proteção, luz e a agradecer. Com o tempo, aprendi que aquela conexão e a paz que sentia na capela poderiam ser estendidas para todos os lugares, inclusive para este parágrafo. Agradeço ao cuidadoso e zeloso olhar da Mãe Divina, dos meus anjos protetores, dos grandes mestres da humanidade e dos santos de todas as religiões, sempre presentes neste processo de significativas aprendizagens.

Quando penso nos **momentos**, me remeto a um álbum mágico de fotos, como se a cada imagem eu conseguisse reviver o instante passado, abraçar as pessoas novamente, olhar nos seus olhos, falar bobagens, dançar, rir, comer uma comida gostosa e uma deliciosa sobremesa. Dentre as várias fotos que compõem este álbum, uma me marcou de forma especial neste período. Nesta foto estavam todos os meus amigos de infância em cima do pé de ingá, da rua onde morei por vinte e dois anos, antes de mudar para Floripa. Quando lembro da sensação do meu pé tocando a casca áspera da árvore da minha infância, me reconecto com as minhas raízes faceiras e brincantes, sentindo nutrir a minha molequice da qual não abro mão. Ela me acompanha, com ela vejo o mundo mais fluido, mais colorido, mais engraçado, mais brincante. O que tornou o processo do mestrado mais leve. Quando abro a caixinha das **emoções**, meus olhos brilham, meu peito estufa, a respiração fica espaçada... Sou adepta de viver emoções, falo, abraço, beijo, choro, sorrio... Tenho gosto por sentir diferentes emoções, em diferentes intensidades. Agradeço a todos que me tocaram, seja por abraços, cartas, mensagens, visitas, telefonemas, conversas no sofá, vídeos, festas, convívio diário, pensamentos... Vocês fizeram a diferença neste percurso e continuarão ressignificando a minha vida.

Na última escala do meu ritual de agradecimentos diários, e não menos importantes, vêm as **pessoas**. Cada uma com sua vida, dilemas, contradições, ensinamentos, aprendizados, amores, sonhos... As pessoas que cortam, cruzam, pousam, costumam, ficam na minha vida. Começo agradecendo ao padre e a professora terem se apaixonado, caso contrário eu dificilmente estaria por aqui nesta condição. Agradeço

profundamente a mãe e ao pai aos quais fui enviada. A minha mãe, minha inspiração, minha mestra, minha companheira fiel. Com ela aprendi a saborear a vida, dançar horas em uma roda de samba, me concentrar na meditação, ler poesias e livros, ter paciência para escrever e revisar textos, cultivar os amigos, fazer decorações, ficar no cinema até acabarem as letrinhas dos filmes, pois vai que tem alguma coisa a mais... Aprendi com você, mãe, que tudo pode ser bom, pode ser proveitoso, pode ser vivido com alegria, estando com quem estiver e onde estiver. Meu pai, agradeço pelo homem que é em nossas vidas, sua sensibilidade me impressiona e o seu excesso de bom humor me diverte. Agradeço por me ensinar a admirar as paisagens, as plantas, os bichos, por me acompanhar nas trilhas, nas aulas de natação, nas reformas do apartamento em Floripa, a fazer o bem... Com você, pai, realmente aprendi a viver de maneira leve, tranquila, harmoniosa e em paz. Agradeço aos meus antepassados, às extensas famílias Lange Noal e Carrer Manfroi, em especial aos meus avós (Sabino, Evany, Angelo e Assunta) que são raízes de fé, amorosidade, honestidade, força, trabalho, alegria e paz. Também aos tios e tias, primos e primas que, mesmo na distância, são presenças amorosas e alegres em minha vida.

Quando a mãe e o pai precisavam trabalhar, a “Mirinha” ficava com a Bá, Maridalva, a índia terena que trabalhou em minha casa por dezoito anos e que passou a fazer parte da nossa família, assim como somos parte da família Maranhão Pio. Agradeço, Bazinha, por todas as receitas de bolos que deixava eu me intrometer colocando farinha a mais, por tomar banho de sol todos os dias comigo para captar vitamina D, pelas peraltices que acobertava, por todo amor, cuidado e zelo. Agradeço também as demais pessoas que passaram por nossa casa e cuidaram de nós com tanto amor, em especial ao Seu Edson, a Marli e a Vera.

Agradeço aos moradores da rua “Arlindos” com a sua Praça da Poesia que formam uma grande família maluca e amorosa, em especial aos meus amigos-irmãos (Maria Eugenia, Fernando, Vithor, Nathalia, Sara, Bruno, Mariana, Dayane e todos os demais) que me ensinaram o respeito com o outro, a esperar a vez para entrar no jogo, a comer ingá, a andar descalça na rua de pedrinhas. Com vocês compartilho os sonhos de criança, adolescente e adulta. Que assim continuemos pela vida afora. Agradeço as amigas da época da escola (Jade, Ana Paula e Gabi), a “turma do trevo”, com as quais sempre poderei contar e dividir todas as minhas particularidades. Vocês são amigas raras.

Tem amigos que viram da família, que a gente nem lembra mais quando conheceu, pois eles estão desde o batizado até quando a

existência permitir. Agradeço imensamente essa grande e querida família de amigos que se reúne por qualquer motivo, em qualquer lugar, somente pela vontade de estar junto e partilhar a vida (Patrícia, Douglas, Geni, Chico, Romana, Giovani, Mariete, Pedro, Ianca, Iago, Esoldeide, Dario, Sandrinha, Neto, Luiz Fernando, João Guilherme, Elizangela, Anielle, Richard, Regiane, Clarinha, vó Terezinha, vô Amilcar, tia Dulce, tio Ari, Betinha, Luiz Fernando, Norma, Cris, Leo, Paula, Benício, Pedro, Leon, Joslei, Washington, Luiz Darci, Angela, Mauro, Mel, Daniela, Fernando, Tales, Rafael Carioca, Gisele, Rafael Paniago, Markinhos e tantos outros. Em especial à Norma, grande incentivadora e parceira de vida, que me doou a sua biblioteca de livros e depositou em mim a sua total confiança em mais este processo de formação. Agradeço aos meus amigos de graduação (Laís, Patrícia, Renata, Kleber, Augusto - meu primeiro afilhado, Helo, Carol, Iana, Serginho, Fisichella, Isabela, Dayane...) que nunca negaram o convite para um encontro. Sempre estiveram disponíveis a me ouvir, apoiar, me enchendo de energia para continuar.

Agradeço aos amigos de Floripa (Rodrigo, José, Salete, Andrea, Maria do Carmo, Dandara e Anaia) que me acolheram em suas vidas. Agradeço aos funcionários do edifício Sagres por todo o cuidado e carinho nestes dois anos.

Agradeço à comunidade educativa das Escolas Máxima, Gappe, Avant Garde e Dom Bosco pelas primeiras letras, experiências e aprendizagens, pela disciplina e encantamento com os estudos, pelas amizades que permanecem em mim. Agradeço ao curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, por me dar a oportunidade da formação inicial, e principalmente ao grupo PET - Educação Física, a todos os seus integrantes e, em especial, a Prof^a. Dr^a. Claudia Aparecida Stefane, que foi uma grande incentivadora para o início do meu percurso acadêmico e ao Prof. Me. Marcelo Victor da Rosa, por ter-me tutoriado nesse mesmo grupo e orientado no trabalho final do curso. Vocês são referências para a minha trajetória.

Na sequência da minha formação acadêmica, agradeço profundamente a Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho pela oportunidade de fazer mestrado sob a sua orientação. Com você, Alcy, aprendi sobre trilhas, criar filhos, fazer comidas naturebas e, claro, de gramática, formatação de texto e, além de tudo isto, muitos conhecimentos que permanecem na vida acadêmica e pessoal. Você é um exemplo de mulher, mãe e professora. Gratidão pela sua orientação tão amável, sensível, humana e competente neste processo. Agradeço também pela

oportunidade de conviver com seu filho, Gui - “sapeco e lindo” - pelas nossas brincadeiras e risadas que nutrem a alma.

Agradeço a todos os meus amigos e aos professores do LAPE - Laboratório de Pedagogia do Esporte da (UFSC) e do LAPLAF - Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (UDESC) pelas trocas, aprendizados, festas, jogos, risadas. Construímos mais do que um laboratório. Construímos uma rede de pessoas ligadas pelo afeto, pelo respeito e pela admiração. Espero que os nossos laços se estendam para além deste período.

Quero fazer um agradecimento mais detalhado aos meus amigos que ingressaram no mestrado comigo em 2013, pois compartilhamos as angústias, as alegrias, os sonhos, enfim, a vida. Agradeço à Priscila, minha irmã, minha dupla, minha manézinha favorita. Nós compartilhamos a vida durante estes dois anos, dividimos risos, choros, segredos, dias de sol na praia, apresentações de trabalhos, resumos para provas e até a orientadora... Sem a sua presença, delicadeza, amorosidade e cuidado este mestrado não teria o mesmo sabor. Priscila, agradeço também à sua família e ao Andrew pela parceria, pelos lanches saudáveis e saborosos que foram alimentos para o corpo e para alma. Agradeço à Liudmila, Raphael e Lilian pelo companheirismo desde o primeiro almoço no RU, pelas risadas, danças e aos seus familiares por me receberem em diferentes momentos em sua casa. Agradeço a Nathalia (e ao Alex) pelas conversas, parceria de dança, idas aos jogos do Avaí, cachorro quente caseiro e tantas outros encontros. Agradeço ao Vinicius e à sua família por me acolherem em Floripa, por me receberem em sua casa, pelas longas conversas, pelas aulas de surfe, pelos almoços de domingo. Agradeço ao William por ajudar na instalação dos programas no computador e alertar sobre as novidades tecnológicas. Agradeço ao Otávio, pelas brincadeiras, chimarrão e repertório musical das festas. Vocês foram fundamentais para que este processo tenha sido tão harmonioso e prazeroso. Espero que a amizade sempre esteja conosco e se fortaleça.

Agradeço aos professores que compuseram a banca de qualificação por suas contribuições, mesmo que não tenham continuado no processo: Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz, Prof^ª. Dr^ª. Gilka Elvira Ponzi Girardello e Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. Espero que possamos ter outros encontros na vida acadêmica e pessoal.

Agradeço a Prof^ª. Dr^ª. Heloisa Turini Bruhns, ao Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel, ao Prof. Dr. Rogério Santos Pereira e ao Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira que se disponibilizaram a compor a banca de defesa desta dissertação. Tenho certeza que as contribuições

de vocês foram profundas e significativas. Um agradecimento especial ao também integrante da banca, Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires, por ter feito parte do meu processo seletivo de entrada no mestrado e ter me incentivado de maneira muito afetuosa durante este processo.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, ao seu coordenador e funcionários, pela organização, atendimento aos discentes e qualidade do curso ofertado. Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida nestes dois anos de estudos.

Agradeço a comunidade, aos amigos, aos velhos e as crianças da Costa da Lagoa pela acolhida, pelo respeito, pelo afeto com que fui recebida para a realização desta dissertação. Cada encontro, abraço, café, almoço, janta, brincadeira e conversa estão emaranhadas em mim. Em especial, agradeço à Rosária por me acolher e cuidar durante todo o período em que morei na comunidade. Aos seus filhos Rosimari e Fernando - meus amigos e irmãos - com quem divido a pesquisa, os segredos, os sonhos de moleca, a vida. À Elizete, uma inspiração de mulher e professora, a quem devo muito do que aprendi na Costa e que ainda aprenderei.

Na certeza de que, nesta dissertação, eu “queria que as palavras me gorjeassem”, agradeço ao Manoel de Barros - querido poeta da minha terra - que tem me inspirado em leituras, reflexões e escritas. Manoel de Barros, gratidão por ter poetizado este trabalho com as suas “raízes cianceiras” e o seu desejo de “crescer pra passarinho”.

Por fim, agradeço ao meu “cachorro etnográfico”, Toquinho, pela companhia, animação e lambidas. Você é um ser especial.

Naquele dia, no meio do jantar, eu contei que tentara pegar na bunda do vento – mas o rabo do vento escorregava muito e eu não consegui pegar. Eu teria sete anos. A mãe fez um sorriso carinhoso para mim e não disse nada. Meus irmãos deram gaitadas me gozando. O pai ficou preocupado e disse que eu tivera um vareio da imaginação.

Mas que esses vareios acabariam com os estudos. E me mandou estudar em livros. Eu vim. E logo li alguns tomos havidos na biblioteca do Colégio. E dei de estudar pra frente. Aprendi a teoria das ideias e da razão pura. Especulei filósofos e até cheguei aos eruditos. Aos homens de grande saber. Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo — o Alberto Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante do que o saber. Fiquei alçadorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi.

Manoel de Barros (2008, p. 183)

RESUMO

A proposta da pesquisa, desenvolvida em 2014, foi compreender os significados de ser criança na Costa da Lagoa, comunidade açoriana, localizada na Lagoa da Conceição, em Florianópolis (SC). A definição da Costa partiu da concepção de que há comunidades que mantêm princípios de liberdade com as crianças que, de certa maneira, possuem os tempos e os espaços, no ambiente natural e cultural, para se desafiarem e crescerem. Fundamentada em concepções teóricas que consideram as crianças como seres sociais, que têm o direito de serem respeitadas em suas historicidades e culturas, constatei que estava convivendo com uma realidade aparentemente simples, mas inegavelmente complexa. Neste percurso, a pesquisa traz como objetivo geral a proposta de desvendar os sentidos e significados encontrados nas relações estabelecidas pelas crianças, moradoras da Costa da Lagoa, entre o ser, o brincar e a natureza. Tendo como objetivos específicos: a) ouvir as narrativas dos velhos moradores sobre as suas memórias de infância, com foco na infância de outrora e nas brincadeiras; b) encontrar os espaços de brincadeiras existentes na Costa da Lagoa voltados às crianças residentes nessa comunidade, bem como se dão as suas apropriações; c) buscar os significados das diferentes formas de brincar das crianças moradoras da Costa da Lagoa; d) experimentar o cotidiano dessas crianças, detectando suas experiências com e na natureza. A definição metodológica partiu da etnografia, com seu “olhar de perto e de longe” e seu “olhar de dentro e de fora” e se configurou como caminho a ser seguido, com predominância qualitativa e caráter descritivo. O foco foram os velhos moradores, alguns adultos e as crianças que, de maneira geral, estão habilitados a participar do contexto social, segundo as suas vontades e as suas habilidades, pois pertencer e fazer parte é um direito que se conquista ao nascer. A metodologia esteve em permanente construção para dar conta de uma realidade dinâmica e mutante. Para a coleta de dados foram utilizados diferentes instrumentos, complementares entre si: observações participantes; caderno de apontamentos; conversas informais; visitas a residências e moradores mais antigos; fotografias; filmagens; desenhos das crianças; participação em eventos. Ao concluir a pesquisa, mas longe de saciar as inquietações como pesquisadora, avalio que a etnografia oportunizou uma caminhada significativa pelas trilhas e travessias da Costa. Os velhos moradores, que ali viveram as suas infâncias, mesmo que permeadas pelo trabalho e por dificuldades, possuem lembranças alegres

e divertidas, mantendo vivacidade e participação social. As crianças que aí vivem têm a oportunidade de realizar atividades no ambiente natural, entre árvores, águas, terras e bichos. São crianças desafiadas a superar medos, a desenvolver o autoconhecimento e a ampliar a capacidade de sensibilização. Posso afirmar que minha estada na Costa foi uma “experiência vivida” em minha trajetória pessoal, como estudante e profissional. As conversas fluíram, as relações flutuaram, as fotografias mergulharam e meu ser segue a sua navegação sabendo que há laços e compromissos que são para sempre.

Palavras-chave: Costa da Lagoa. Crianças. Velhos moradores. Brincadeiras. Natureza.

ABSTRACT

The research proposal, developed in 2014, was to understand the meanings of being a child in Costa da Lagoa, Azores community, located in Lagoa da Conceição, in Florianópolis (SC). The definition of Costa started from the idea that there are communities that keep principles of freedom with children, in a way, it has the time and space in the natural and cultural environment, to challenge and grow. Party of the theoretical concepts that consider historical beings children, social, ethnic, cultural, political and, therefore, entitled trajectories to be respected, I felt I was in front of children - sheltered all the similarities with the other - still have, in community dynamics, the right to be protagonists of experiences, learning and freedoms. Along the way, the research brings the general objective of the proposal to unravel the meanings found in the relations established by the children living in the Costa da Lagoa, between being, play and nature. Having the following objectives: a) to hear the stories of the old on his childhood memories, focusing on childhood and once in the games; b) find the existing leisure facilities in Lagoa da Costa directed to children living in this community, as well as give their appropriations; c) seek the meanings of the different ways of playing children living in the Costa da Lagoa; d) experience the daily life of these children and detecting their experiences with nature. The methodological definition came from ethnography, with its "look closely and away" and his "inside and outside look" and was configured as a path to be followed with a qualitative prevalence and descriptive. The focus was the older residents, some adults and children, in general, are able to participate in the social context, according to their wills and their skills, because belonging and being part is a right that is earned at birth. The methodology has been in permanent construction to account for a dynamic reality and changing. For data collection different instruments were used, complementary to each other: participant observation; notebook; informal conversations; visits to homes and older residents; photographs; shooting; children's drawings; participation in events. Upon completion of the survey, but far from satisfy the concerns as a researcher; I evaluate that ethnography provided a significant hike by the trails and crossings from Costa. The old residents who lived their childhoods, even permeated the work and difficulties, have happy and fun memories, keeping their liveliness and social participation. Children who live there have the opportunity to carry out activities in the natural

environment, among trees, water, land and animals. Children are challenged to overcome fears, to develop self-knowledge and to increase the awareness capability. I can say that my stay in Costa was one "lived experience" in my personal journey as a student and professional. Conversations flowed, the relations floated, photographs plunged and my own follow its browsing knowing that there are ties and commitments that are forever.

Keywords: Costa da Lagoa. Children. Old. Play. Nature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Costa da Lagoa	48
Figura 2 - Localização das Vilas da Costa da Lagoa.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMOCOSTA	Associação de Moradores da Costa da Lagoa
CELESC	Centrais Elétricas de Santa Catarina
COMCAP	Companhia de Melhoramentos da Capital
COOPERBARCO	Cooperativa dos Barqueiros Autônomos da Costa da Lagoa
COPERCOSTA	Cooperativa de Trabalho dos Barqueiros da Costa da Lagoa
LIC	Lagoa Iate Clube
SAL	Sociedade Amigos da Lagoa

SUMÁRIO¹

1 INTRODUÇÃO	27
2 COSTA DA LAGOA: ESPAÇOS E TEMPOS NUM LUGAR ENSOLARADO DE VIVER	45
2.1 CAMADAS DO TEMPO HISTÓRICO E DAS MEMÓRIAS DE OUTRORA.....	47
2.2 CONTEXTOS E CENÁRIOS DE AGORA.....	52
2.3 TRILHAS E TRAVESSIAS METODOLÓGICAS: “DEIXEI UMA AVE ME AMANHECER”.....	68
2.3.1 Primeiras aproximações: a chegada e a gestação do campo de pesquisa	69
2.3.2 Encantamentos: mergulhos, aproximações, distanciamentos, reaproximações	76
2.4 COSTA DA LAGOA: VEJO-TE VIVA E CERCADA DE NATUREZA.....	89
3 MEMÓRIAS DAS CRIANÇAS DE OUTRORA:PUXANDO AS REDES DO TEMPO AO CONTAR HISTÓRIAS DE ANTIGAMENTE	115
3.1 A COSTA DA LAGOA QUE ESTÁ GUARDADA DO LADO ESQUERDO DO PEITO.....	124
3.1.1 “Distâncias somavam a gente para menos”: as famílias de antigamente	125
3.1.2 Os namoros do tempo do onça	130
3.1.3 Benzedoiras e benzedores	135
3.1.4 Quero ficar no seu corpo feito tatuagem	137
3.1.5 Os servicinhos de antigamente e de agora	140
3.1.6 “Tal como os peixes, lhes foi dada uma fisiologia especial”	144
3.2 ENTRE RECORDAÇÕES E SAUDADE, AS BRINCADEIRAS, AS TRAQUINAGENS E OS BRINQUEDOS.....	146
3.2.1 “Nossa brincadeira era só serviço”	146
3.2.2 “Esses meninos faziam parte do arrebol como os passarinhos”	150
3.2.3 “Tenho um livro sobre águas e meninos.”	155
3.3 “Imagens são palavras que nos faltaram.”	162
3.4 “Os ventos levam-me longe... Longe...”	170

¹ As poéticas de Manoel de Barros (2010), inseridas entre aspas duplas no Sumário, estão referenciadas no Apêndice A.

4 AS CRIANÇAS DE AGORA: ENTRE AS BRINCADEIRAS, AS CONVERSAS E OS RISOS, OS EXERCÍCIOS DE SER GENTE.....	173
4.1 AS CRIANÇAS: SERES DE DIREITOS, HISTÓRICOS, SOCIAIS, POLÍTICOS, CULTURAIS.....	177
4.2 NARRATIVAS QUE DIZEM DE IMAGINAÇÃO, DE LIBERDADES E DE SONHOS.....	184
4.2.1 Crianças, barcos e travessias.....	185
4.2.2 Coisas desimportantes, um sofá descartável, aprendimentos.....	187
4.2.3 A metade de um barco nos leva para onde?.....	188
4.2.4 Quantas horas eu levo para ir à escola de dinossauro?.....	190
4.2.5 Sem presente? Não acredito!.....	192
4.2.6 Chuta aí! Sempre há uma possibilidade de gol.....	194
4.2.7 Bergamota azeda, limão doce?.....	196
4.2.8 Macacos que mamam, crianças desmamadas.....	198
4.2.9 Procura-se um cágado visto pela última vez embaixo da ponte.....	201
4.2.10 Siri assustado assusta?.....	203
4.2.11 Correio elegante em tempos de WhatsApp?.....	205
4.3 DESENHOS: “HOJE EU DESENHO O CHEIRO DAS ÁRVORES.”.....	207
4.4. “EU GOSTO DO ABSURDO DIVINO DAS IMAGENS.”.....	217
4.5. “MEUS PASSOS NÃO ERAM PARA CHEGAR PORQUE NÃO HAVIA CHEGADA.”.....	294
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “NÃO PRECISO DE FIM PARA CHEGAR.”.....	299
REFERÊNCIAS.....	305
APÊNDICES.....	318
APÊNDICE A - POÉTICAS DE MANOEL DE BARROS UTILIZADAS NO SUMÁRIO.....	318
APÊNDICE B - CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS.....	319
APÊNDICE C - CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES (MENORES).....	320

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	321
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MENORES).....	324
APÊNDICE F - TERMO DE ASSENTIMENTO.....	327
ANEXOS	329
ANEXO A - PARECER COMSUNSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UDESC.....	329

*Percorro todas as tardes um quarteirão de paredes nuas.
Nuas e sujas de idade e ventos.
Vejo muitos rascunhos de pernas de grilos pregados nas pedras.
As pedras, entretanto, são mais favoráveis a pernas de moscas do que de grilos.
Pequenos caracóis deixaram suas casas pregadas nestas pedras
E as suas lesmas saíram por aí à procura de outras paredes.
Asas misgalhadinhas de borboletas tingem de azul estas pedras.
Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa.
Caminho todas as tardes por estes quarteirões desertos, é certo.
Mas nunca tenho certeza
Se estou percorrendo o quarteirão deserto
Ou algum deserto em mim.
Manoel de Barros
(2010, p. 409)*



1 INTRODUÇÃO

A Costa da Lagoa², localizada ao norte-leste de Florianópolis (SC), com suas montanhas cercadas de águas e suas cachoeiras, pode ser descrita como um singular espaço ao qual se tem acesso somente por meio dos barcos, que fazem as travessias, ou das trilhas que cruzam as montanhas, atravessando as matas. A ausência de estradas e de meios de transportes mais rápidos tem, de certa maneira, protegido a natureza deste povoado composto por núcleos familiares extensos, formados, em sua maioria, por descendentes de portugueses que, ao chegarem, constituíram sítios, nos quais plantavam roças e criavam animais como meio de sobrevivência.

Embora ainda existam resquícios dessa época, a Costa da Lagoa, no decorrer do tempo, também foi atraindo artistas, artesãos e pessoas que buscam viver em maior contato com a natureza e distantes dos ruídos dos bairros mais movimentados. Geralmente, são pessoas com essas pessoas apresentam características nômades, sem residência fixa, com estilos de vida mais simples, com tempos mais alargados para a confecção de seus artefatos que são vendidos para assegurar a sobrevivência. Estes novos moradores diferem dos turistas eventuais que frequentam os restaurantes ou das famílias que possuem residências de veraneio, às vezes luxuosas, com trapiches e iates. No transcorrer da pesquisa, foi possível constatar que ocorre uma convivência, de certa maneira harmoniosa, entre os moradores antigos, descendentes das primeiras famílias que chegaram à Costa da Lagoa, com os novos moradores que, por serem pessoas que buscam a natureza e a tranquilidade para viver, apresentam algumas características similares aos que lá residem há mais tempo. No entanto, como em qualquer coletivo humano, também foi possível observar estranhamentos, desconfianças, discordâncias e até inimizades. É inevitável perceber que há estranhamentos entre os diferentes grupos que habitam a Costa, dando sentido e significado às dinâmicas ali existentes vividas. No entanto, considerando que o foco do estudo não foram os conflitos existentes, não apresentarei mais detalhes sobre os mesmos por

² A Costa da Lagoa também é identificada somente por Costa pelos seus moradores e, assim, utilizarei nesse trabalho, mesclando com os nomes completos, os seguintes termos: “Costa” para designar a Costa da Lagoa como espaço geográfico no qual a vida acontece de maneira diferenciada das demais localidades; “Ilha” para designar Florianópolis em sua parte insular; “Lagoa”, para designar o bairro da Lagoa da Conceição e “lagoa” para referenciar as águas da Lagoa da Conceição de maneira geral. Estes termos são usados e reconhecidos na região de Florianópolis (SC).

compreender que a conduta ética como pesquisadora não me permite abordar uma temática tão complexa, que não foi pesquisada e compreendida suficientemente em seus contextos mais amplos.

Neste cenário bucólico, habitado por seres impregnados de suas humanidades, com qualidades e limites, os dias e as noites apresentam ritmos próprios de locais cercados por uma natureza abundante, ainda bastante preservada, na qual é possível assistir ao nascer do sol e da lua, ouvindo ao longe os ruídos dos motores dos barcos se misturando ao canto dos pássaros e ao coaxar das rãs. Entre montanhas, mangues e águas são, generosamente, gestados os frutos do mar que, transformados pela gastronomia local, atraem turistas para os reconhecidos restaurantes - uma das fontes de renda mais significativas da Costa.

Aos domingos, feriados e períodos de férias de verão, intensifica-se o turismo que movimenta a economia, mas, mesmo assim, durante a semana, alguns moradores precisam se deslocar para trabalhar em diferentes ofícios, fora dos limites da Costa. Nesta dinâmica, os trabalhadores se juntam aos estudantes, mantendo em funcionamento as cooperativas de barcos, constituídas também por moradores³. A travessia dos que moram na Costa, geralmente, é feita pelo percurso mais longo (Costa da Lagoa - Lagoa da Conceição - Costa da Lagoa), pois é o que assegura o acesso aos meios de transportes coletivos. Ao todo são 23 paradas para os barcos, localizadas em trapiches, para facilitar o acesso de pessoas e o transporte de mercadorias. A travessia, nesta rota, tem a duração aproximada de uma hora. Há famílias que têm seus próprios barcos para o seu transporte, a pesca e o aluguel para passeios turísticos.

Nas dinâmicas de convivência, a palavra das pessoas vale muito na Costa. Elas, dialogando com a poética de Cora Coralina (2004, p. 133), preferem “Antes acreditar do que duvidar.”. Compartilham, trocam objetos, ingredientes, quitutes, experiências, afetos, cuidados. Vivem experiências em seus cotidianos, que as tornam capazes dos encontros, das trocas, do coletivo.

³ Na Costa da Lagoa há duas cooperativas de barqueiros locais que fazem o serviço de transporte regularmente: Cooperbarco (Costa da Lagoa - Lagoa da Conceição - Costa da Lagoa) e Coopercosta (Costa da Lagoa - Rio Vermelho - Costa da Lagoa). O valor da passagem é diferenciado para moradores (R\$ 2,50) e para não moradores (R\$ 7,50), sendo correspondente a uma travessia e, portanto, ida e volta totalizam R\$ 5,00 ou R\$ 15,00.

O emprego da palavra experiência, nesta dissertação, segue a concepção de Larossa (2015) quem a descreve como algo que se vive, que se prova, que nos toca e que requer tempo alargado para ser vivido. Na concepção do autor, a experiência se distancia da informação, da opinião, do julgamento e do experimento, pois é algo singular que marca, que passa a fazer parte do sujeito, penetrando em sua existência e o transformando, mas que, ao mesmo tempo, pode ser um território de passagem, uma vez que é vivida na medida em que se responde aos acontecimentos da vida e de acordo com os sentidos que se vão construindo ao longo do tempo. Assim, para o autor, a experiência é o que nos acontece e que constrói sentido ou não sentido ao que vivemos, está sempre relacionada com a existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana em particular e, portanto, a finitude é uma de suas características. Para Larossa (2015, p. 32), o saber da experiência não se separa do indivíduo singular e concreto, pois: “[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência.”. O mesmo autor (2015, p. 32) ainda adverte que o saber da experiência não está fora de nós, como o conhecimento científico, pois se constitui como uma sensibilidade que se manifesta como: “[...] uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)”. Neste processo, a experiência é pessoal, pois não aprendemos com a experiência de outro, a não ser que “seja revivida e tornada própria” (p. 32) por uma escolha nossa, pois, para Larossa (2015, p. 25):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Viver a experiência exige romper com a agitação e a movimentação excessiva, desfazer-se do poder e do controle, conviver com a dúvida, a busca, a admiração, o espanto, a paixão e a entrega, na busca de viver cada experiência com coragem e encantamento, pois nas palavras de Larossa (2015, p. 34):

[...] a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. [...] a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”.

A concepção de experiência apresentada por Larossa (2015) também se fundamenta e dialoga com as “experiências vividas” de Benjamin (1980, 2009, 2012), expressão que foi adotada nesta dissertação com o objetivo de superar o esfacelamento da vida e das relações sociais mais profundas. É a busca de uma expressão enraizada no viver cotidiano entre pessoas que, efetivamente, encontram-se como singularidades e, dialeticamente, como coletivo. Esta expressão se contrapõe às vivências que têm caráter mais superficial e mais passageiro, como também se contrapõe ao domínio da informação e da opinião. As “experiências vividas”, na concepção benjaminiana, configuram-se como caminhos de trocas entre diferentes pessoas que sentem e vivem de maneiras singulares, provocando ressignificações e mudanças pessoais e coletivas, pois estas experiências penetram em quem as vive e passam a fazer parte da história individual e coletiva, rompendo com as práticas do automatismo impostas pela cultura dominante focada no trabalho, no produto, no consumo, no efêmero, no fugaz. Essa maneira de viver é assim descrita por Larossa (2015, p. 34): “A vida humana se fez pobre e necessitada, e o conhecimento moderno já não é o saber ativo que alimentava, iluminava e guiava a existência dos homens, mas algo que flutua no ar, estéril e desligado dessa vida em que já não pode encarnar-se.”

Fundamentada nas concepções de Benjamin (1980, 2009, 2012) e de Larossa (2015), é possível afirmar que os moradores da Costa se contrapõem a este esvaziamento dos significados de estar em sociedade e ainda vivem experiências que os tornam singulares, experiências que têm se constituído em caminhos de ensinamentos e de aprendizagens. As suas falas nascem de observações, de escutas, de momentos vividos. Desde a primeira vez em que fiz a travessia, constatei que são observadores atentos do seu entorno e que não se furtam de chegar para o “estranho” e iniciar uma sequência de perguntas na busca de informações: “*Você vai atravessar agora? São 18h30min!*”; “*Vai*

dormir por lá? Conhece alguém?”; “Se vai comer, os restaurantes já fecharam.” Logo que entrei no barco já queria saber em qual ponto eu iria descer. No início, este verdadeiro interrogatório se torna invasivo e até incomoda, mas na sequência, na medida em que o barco começa a navegar e as conversas rolam soltas, é possível constatar que o barco é um espaço de convivência e de cuidados mútuos, sendo um adequado cenário para essa primeira recepção que passou a ser compreendida, ao longo do processo da pesquisa, como um cuidado comigo e com a comunidade. Afinal, o barco é o caminho para se chegar a um território que se aproxima do sagrado e é preciso estar alertas.

Sagrado, não só por seu isolamento geográfico, uma vez que só é possível chegar de barco ou por trilhas, mas também por sua natureza viva e pulsante, pelas águas que o cercam, pelos bichos soltos e cantantes, pelo barulhinho marcante dos barcos indo e vindo, pelas crianças brincando em todas as partes, até nos em cima dos telhados, pelos jeitos de ser das pessoas, pelos sorrisos, pelas trocas de olhares e cumprimentos de acordo com a posição do sol e da lua: “Bom Dia!”, “Boa tarde!”, “Boa noite!”. Efetivamente, quando pisamos no chão da Costa da Lagoa, o coração bate com mais calma e podemos sentir o arzinho quente que sai do nariz, no compasso da nossa respiração. Estar na Costa é a possibilidade de estar em comunicação com os compassos da própria vida, disponível para viver em contato com os mistérios da natureza e participar na construção de novas maneiras de estar no mundo e com os demais.

Ao definir a Costa como um lugar sagrado (e profano), não nego a sua correlação com outros tantos territórios - também sagrados (e profanos) - nos quais a vida se faz presente, mesmo que, às vezes, esteja desrespeitada, aviltada, diminuída, negada. É importante evidenciar que na Costa, apesar de haver tempos e espaços que sejam favoráveis a relações mais próximas e plenas, também se fazem presentes todos os conflitos gestados por relações de poder, de disputas, de interesses econômicos e outros, como já evidenciado anteriormente. Considero, neste trabalho, a concepção defendida por Bruhns (2010, p.163), de que o homem ao ser natureza e estar mergulhado nela: “[...] é produtor e produto de seu meio, e os problemas consequentes referem-se, não ao fato, mas à maneira dessa intervenção. [...]” Nesta análise, a autora apresenta questões fundamentais para que se faça o contraponto a uma visão romantizada que eu possa ter construído ao longo dos meses em que permaneci na Costa: a) a natureza não deve ser concebida como algo estagnado, parado no tempo, ela é movimento ininterrupto; b) a natureza que atualmente temos na Costa é resultado de intervenções

constantes, inclusive queimadas e derrubada das matas, e nenhuma ação poderá voltar no tempo e apagar essas consequências; c) a relação com a natureza não deve se fundamentar na “pedagogia racional”, técnica, futurista e tampouco na “pedagogia bucólica”, saudosista, de volta ao passado; d) a natureza humana está imbricada com o “natural” que se torna também cultural - belo, harmonioso, cruel, conflitivo; e) as relações de poder e a divergência de interesses estão presentes em todos os momentos, inclusive, entre moradores e turistas que possuem vínculos diferentes com a natureza e com a cultura local.

Neste percurso é necessário, na concepção de Bruhns (2009, p.11), redimensionar o “tradicional naturalismo”, na busca da “reconciliação entre a natureza e a cultura”, evitando, neste percurso, posicionamentos ingênuos, dogmáticos ou excessivamente racionais, como a mesma autora, na obra supracitada (p. 53), apresenta:

O ambientalismo requer um grau complexo de espiritualidade que promova uma reaproximação do encantamento para com a espécie humana e suas formas sociais, em conexão com a natureza. O ambientalismo não deve basear-se apenas em uma pedagogia racional (que acreditava que a solução viria da mesma matriz danosa que se tenta evitar), tampouco em uma pedagogia bucólica, que tenta resgatar os vínculos com o passado como proposta da mudança. Deve basear-se em um olhar sobre a natureza (assim como sobre nossa natureza humana), em como ela é (e sempre foi) na sua beleza e harmonia, e também na sua crueldade e conflitos.

Ao projetar a dissertação, quando passei a buscar o campo a ser pesquisado, também passei a percorrer estudos que se desenvolveram em comunidades similares a que estava procurando: convívio diário com a natureza; número significativo de crianças; níveis de convivência informais; tempos e espaços mais livres. Neste percurso, encontrei a etnografia desenvolvida por Pereira (2012), sobre a gravidez na Costa da Lagoa⁴. Após ler o trabalho, estabeleci contato com a autora para saber

4 Maria Fernanda (Maria Fernanda Salvadori Pereira), a autora da dissertação Gravidez, corpo e pessoa: a formação da criança na Costa da Lagoa (Florianópolis), defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC, em 2012. No decorrer deste trabalho, como a estudante que me

onde morou no período da pesquisa de campo, porque escolheu esse campo específico e como foi o seu percurso como pesquisadora. Estes detalhes, que ficam nas entrelinhas dos textos acadêmicos, foram importantes para mapear o local, mesmo que por meio de uma pesquisa ainda exploratória. Agendamos uma visita a senhora Flor⁵, proprietária da casa na qual residiu. Esta foi a maneira pela qual fiz o meu primeiro contato com a Costa da Lagoa como campo de pesquisa, pois já havia percorrido suas vielas por duas vezes, como turista.

A proposta da pesquisa, em um local tão singular, partiu da concepção de que os processos urbanos, em geral, têm privilegiado os prédios e as vias asfaltadas em detrimento dos espaços para os encontros, para as convivências, para os movimentos corporais. Vivemos em uma sociedade amedrontada pela violência, pelas doenças, pelos acidentes. Neste contexto, a educação das crianças tem se constituído em uma série de princípios que buscam evitar os riscos, a desordem e a “sujeira” que, afinal, fazem parte dos aprendizados da vida. Na busca por evitá-los, os cuidados com a segurança, a higiene e a assepsia passam a ser evidenciados, em detrimento das experiências, visto que estas algumas vezes mancham e rasgam roupas, machucam, quebram objetos, provocam barulhos. No entanto, as traquinagens, dialeticamente, também desafiam e estimulam a criatividade, a sensibilidade, a descoberta, entre tantos outros saberes que podem ser aguçados e aprendidos. Estas experiências exigem entrega e são fundamentais, no percurso de crescimento e de humanização, na concepção defendida por Larossa (2015, p. 26):

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de

acompanhou na primeira visita a Costa, será tratada como Maria Fernanda e como autora, será referenciada como Pereira (2012).

5 Os nomes e os apelidos citados nesta dissertação para referenciar os moradores e as crianças da Costa são imaginários, com o objetivo de preservar as suas identidades. Foram definidos, intuitivamente, na busca de identificar, pelo nome atribuído, as características pessoais de cada participante.

experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

No entanto, se contrapondo a esta necessária exposição, que só a experiência pessoal proporciona, ouvimos, seguidamente, na convivência de adultos com crianças, vozes que gritam: “Não se pendura no corrimão menina!”, “Aqui não é lugar de correr!”, “Não vai se sujar, acabou de tomar banho!”, “Cuidado! Pode cair, pode cortar, pode queimar!”, “Não pegue no cachorro, ele é bravo!”, “Fica quieto!”, “Não vá brincar com a terra, fique aqui sentadinho!”. De fato, embora tenham se ampliado os estudos com as crianças, o acesso ao brincar seja assumido como direito e as estatísticas indiquem a diminuição dos índices de mortalidade infantil (IBGE, 2012), os espaços e o tempo livre, em contato com o ambiente natural⁶, têm sido reduzidos nas experiências cotidianas das crianças. O adultocentrismo (FARIA, DEMARTINI; PRADO, 2002; FARIA; FINCO, 2011) está presente nas relações e as crianças são reguladas por obrigações, horários e rotinas massacrantes que, muitas vezes, se contrapõem ao direito de brincar (TONUCCI, 1997, 2005; MARCELLINO, 2005). No entanto, ainda há comunidades que, por questões geográficas, econômicas e/ou culturais, mantêm princípios de maior liberdade com as crianças que, de certa maneira, possuem os tempos e os espaços, no ambiente natural, para se desafiarem e crescerem (AGUIAR, 1994, 1998; NOAL, 2006). As crianças que aí vivem têm a oportunidade de realizar atividades

6 Etimologicamente, “meio” (do latim *medium*) pode ser entendido como o lugar e o contexto imediato, nos quais se encontra ou se movimenta qualquer ser vivo. Por sua vez, “ambiente” (do latim *ambire*) é o que está periférico, que envolve o ser vivo, o seu entorno imediato; completando e reforçando a ideia de “meio”. Assim, o uso isolado ou conjunto dos dois termos (um pleonismo justificável) não modifica o significado essencial daquilo que representam, em seus respectivos contextos. Desta forma, nesta dissertação optou-se pela utilização do termo ambiente apenas. A natureza, por sua vez, está sendo entendida sob dois sentidos distintos: a) como sinônimo de ambiente natural referindo-se ao ambiente físico; b) como representação de tudo o que nos cerca e suas inter-relações sem hierarquizar a vida humana e as demais manifestações de vida, na busca da unidade (CORNELL, 1996).

coletivas entre árvores, águas, terras e bichos. São crianças desafiadas a superar medos, a desenvolver o autoconhecimento e a ampliar a capacidade de sensibilização, vivendo a experiência anunciada por Maturana e Verden-Zölller (2004, p. 19-20):

A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba. [...] Os meninos e meninas devem crescer na biologia do amor e não na biologia da exigência e da obediência.

Nessa concepção, por meio da proximidade com o ambiente natural e a convivência com adultos que as respeitam, as crianças adquirem e constroem a cultura lúdica. Os adultos, ao brincarem com as crianças, ou ao observá-las brincando, também participam da (re)construção desta cultura. Quando brincam juntos, adultos e crianças descobrem e constroem novas maneiras de se relacionar e de brincar, conhecendo universos simbólicos que constituem a cultura lúdica compartilhada (BENJAMIN, 1980, 2009, 2012; BROUGÈRE, 1998, 2000; HUIZINGA, 2004; MARCELLINO, 2005, 2013; MANFROI; MARINHO, 2014). Nestas experiências, cada um, ao mesmo tempo em que assimila valores e conhecimentos, é também questionador e construtor da cultura, criando espaços de esperanças e de utopias em uma sociedade que precisa reaprender a viver em diálogo com a natureza (TIRIBA, 2010).

Pensando sobre os significados da vida, é inegável que as crianças (e os adultos) precisam de mais brincar, mais poetizar, mais cantar, mais cirandar, mais conversar, mais compartilhar, mais contemplar. Aspectos estes que precisam ser inseridos e ampliados, intencionalmente, no cotidiano das populações e fomentados pelas políticas públicas, pois a cultura da paz precisa ser construída coletivamente. Esta busca é intencional, pois é aprendida, como Verden-Zölller (2002, p. 133) afirma:

Temos capacidade de viver no amor se nele crescemos; e nele precisamos viver para ter saúde espiritual e fisiológica. Não há dúvida de que também podemos aprender a indiferença, a desconfiança ou o ódio, mas quando isso acontece

cessa a vida social. E, considerando que ela está constituída como um domínio de existência fundado no amor - e não na indiferença, desconfiança ou ódio -, se termina a convivência social humana, acaba-se o humano.

Em uma visão exploratória, ainda inicial, panorâmica e distante, a Costa da Lagoa apresentou um coletivo brincante e dialogável, em que os segundos do tempo são mais longos e os espaços mais livremente pisados. Neste cenário a pesquisa foi desenvolvida e buscou compreender como as crianças brincam, do que brincam e como compartilham este brincar na natureza para viver estas experiências. Busquei para tanto fundamentação nos estudos sobre as brincadeiras, o lazer e a “desnaturalização” do agir humano que se origina em contextos sociais e culturais determinados (BENJAMIN, 1980, 2009, 2012; CORNELL, 1996; BROUGÈRE, 2000; HUIZINGA, 2004; MARCELLINO, 2005, 2013). A pesquisa iniciou com um estudo exploratório, efetivado por meio de visitas regulares, para verificar se a comunidade permitiria o seu desenvolvimento e continuou com a minha permanência, pelo período de três meses (maio, junho e julho de 2014), como moradora da comunidade e continuou, de maneira mais flexível, mas regular, até a conclusão deste texto. A definição da Costa da Lagoa, como campo de pesquisa, embora movida por um inegável encantamento inicial, não se deu de maneira ingênua e romantizada, pois, nos primeiros contatos, observei que o próprio barco é cenário de contradições, de adultocentrismo e de busca de comportamentos padronizados, inerentes a qualquer comunidade humana. A decisão de morar na Costa, como necessidade da proposta metodológica, também se constituiu em um desafio para os meus padrões urbanos de vida e para a liberdade de ir e vir que, na Costa, fica limitada após o anoitecer e após o encerramento dos horários dos barcos.

Após estas considerações e visitas exploratórias, a pesquisa procurou responder aos seguintes questionamentos: Quais cenários e brincadeiras fazem parte da memória individual e coletiva dos velhos moradores⁷ da Costa da Lagoa, homens e mulheres? O que significa ser

⁷ A opção pelo termo “velhos” e “antigos moradores” ocorreu na concepção de que, na Costa, não há a separação das crianças e dos mais velhos do convívio cotidiano, resultando em um grau de envolvimento que gera satisfação e bem estar. Não encontrei na Costa velhos abandonados. A maioria tem a sua casa própria, mas no mesmo quintal ou muito próxima de seus familiares e amigos. Neste contexto, optei pelo termo “velhos” por considerar que as demais

criança na Costa da Lagoa? Quais são as principais formas de brincar dessas crianças? Quais os significados da natureza para as crianças? Quais experiências acontecem no cotidiano da Costa da Lagoa envolvendo a natureza? Fundamentada em concepções teóricas que consideram as crianças como seres sociais que têm o direito de serem respeitadas em suas historicidades e culturas (AGUIAR, 1994, 1998; FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2002; FARIA; FINCO, 2011; ABRAMOWICZ, 2011), constatei que estava convivendo com uma realidade aparentemente simples, mas inegavelmente complexa. As crianças da Costa protagonizam as suas infâncias mediadas por experiências, brincadeiras, curiosidades, aventuras, aprendizagens e liberdades. Usufruem do cotidiano da Costa, mas também passeiam para além destes limites. Os adultos trabalham com responsabilidade, apresentam agilidade corporal, parecem brincar ao pilotar os barcos, sorriem e conversam facilmente, brincam com as crianças, com a terra e com as águas. Neste percurso, a pesquisa traz como **objetivo geral**:

Desvendar os sentidos e os significados encontrados nas relações estabelecidas pelas crianças, moradoras da Costa da Lagoa em Florianópolis (SC), entre o ser, o brincar e a natureza.

denominações (idosos, terceira idade, melhor idade) são contemporâneas e, de certa maneira, usam eufemismos na tentativa de minimizar as perdas do processo de envelhecimento - que também tem ganhos - fazendo parte do ciclo vital de todos os seres vivos. Busquei quebrar preconceitos e mitos, na compreensão de que a dignidade e o respeito são fundamentais para viver a velhice sem negá-la, viabilizando a abertura de caminhos para o resgate da cidadania mediada pela convivência familiar e social que quebra paradigmas e estereótipos. Esta opção também se fundamentou na concepção de Minayo e Coimbra Jr. (2002, p. 14): "o processo biológico, que é real e pode ser reconhecido por sinais externos do corpo, é apropriado e elaborado simbolicamente por todas as sociedades, em rituais que definem, nas fronteiras etárias, um sentido político e organizador do sistema social.". Minayo (2003) cita uma pesquisa realizada por Simmons (1945) e relativiza a questão cronológica (finitude) ao afirmar que, na realização dos desejos expressos pelos mais velhos, pode estar o caminho para a ressignificação do envelhecimento: viver o maior tempo possível; morrer com dignidade e sem sofrimento; encontrar ajuda e proteção no decorrer do processo; continuar protagonista na vida familiar e comunitária; manter, ao máximo, os seus espaços e tempos (propriedades, autoridade e respeito). No decorrer da pesquisa, pelas características coletivas e parentais da Costa, outros adultos foram participando. Desta maneira, nomeiei os participantes com mais idade (acima de 70 anos) acrescentando pronomes de tratamento de acordo como são chamados pelos demais moradores (seu, dona, vô, tio).

E, como **objetivos específicos**:

Ouvir as narrativas dos velhos moradores sobre as suas memórias de infância, com foco na infância de outrora e nas brincadeiras.

Encontrar os espaços de brincadeiras existentes na Costa da Lagoa voltados às crianças residentes nessa comunidade, bem como se dão as suas apropriações.

Buscar os significados das diferentes formas de brincar das crianças moradoras da Costa da Lagoa.

Experimentar o cotidiano dessas crianças, detectando suas experiências com e na natureza.

A definição da metodologia partiu da concepção de que a comunidade em foco é dinâmica, embora apresente traços culturais singulares e mantidos, de certa maneira, pelas circunstâncias geográficas de sua localização. No decorrer da pesquisa, ao mesmo tempo em que a Costa se mostrava simples, manifestava-se complexa. Cada estada por lá, ainda nos primeiros contatos, gerava dúvidas e trazia problematizações. Para a simplicidade e a complexidade da proposta de pesquisa, a etnografia, com o “olhar de perto e de longe” e o “olhar de dentro e de fora” (MAGNANI, 2002) se configurou como o caminho a ser seguido, com predominância qualitativa e caráter descritivo. A Costa apresenta características peculiares como a não circulação de automóveis, mas está organizada como espaço urbano (edificações contínuas, água encanada, sistema de esgoto, coleta regular de lixo e outros), além de estabelecer um constante contato com a Lagoa. Nesta perspectiva, evitei reificar as relações observadas, como evitei categorizar “urbano” e “não urbano ou rural ou do campo”, considerando que há conotações complexas nestes vocabulários e também porque correria o risco, segundo Velho (1973, p. 92, grifos do autor) de: “[...] perceber a *totalidade* da experiência destes indivíduos e destes grupos.” De acordo com Velho (1973), as Ciências Sociais evidenciam a existência de diferentes realidades ou níveis de realidade, o que torna cada opinião tão real e concreta como qualquer outro objeto materializado. Estas características justificam a fundamentação do estudo na etnografia urbana de Magnani e na leitura dos textos de Velho (2011, p. 166), evidenciando que:

Conhecer exigiria de nós um esforço de aproximação e distanciamento que poderia fornecer indicações para uma compreensão mais complexa dos fenômenos em que estávamos diretamente envolvidos, através de experiência, emoções, sentimentos e formas de classificação internalizadas. Isto era visto como um grande desafio, mas enfrentá-lo era essencial para que pudéssemos estabelecer pontes entre a

tradição antropológica e, em geral, a produção de conhecimento sobre a nossa sociedade.

O estudo focou os mais velhos e as crianças, moradores na Costa da Lagoa, que utilizam os tempos e os espaços para viver as suas vidas e as suas infâncias. Na Costa, de maneira geral, a idade não habilita ou proíbe, *a priori*, a participação em uma determinada atividade. Nesta comunidade cada um, de acordo com a sua vontade e as suas habilidades participa do coletivo da sua maneira, como é capaz. Nesta dinâmica, todos vão ensinando e aprendendo, pois existem normas de convivência e a compreensão dos significados de ser criança, de ser adulto e de ser velho (AGUIAR, 1994, 1998). Portanto, nesta pesquisa, a faixa etária dos antigos moradores e das crianças não foi considerada como variável, pois em comunidades como a Costa, na qual os valores estão fundamentados na natureza, nas relações de parentesco e de vizinhança, as crianças e os adultos convivem em suas “desidades” (NOAL, 2006)⁸. Aspectos relacionados com a cronologia e as idades, na pesquisa proposta, sem serem negados, não foram determinantes.

Com a compreensão de que as brincadeiras estão impregnadas de historicidade e de cultura (BROUGÈRE, 2000), foram convidadas a participar e a descrever as suas infâncias, as crianças de outrora, ou seja, os anciãos que ainda são moradores na Costa. A definição dos participantes foi se compondo ao longo do estudo, às vezes extrapolando o que havia sido planejado (QUEIROZ, 1988; POLLAK, 1992; PORTELLI, 1997). A metodologia, assim, foi se construindo no decorrer do processo. Para efetivar a pesquisa e os registros foram utilizados diferentes instrumentos, complementares entre si, com o objetivo de interpretá-los em conjunto, na busca de assegurar maior fidedignidade, a saber: observações participantes; caderno de apontamentos (termo inspirado em poesia homônima de Manoel de Barros, 2010, p. 275); conversas informais; visitas a residências e moradores mais antigos; fotografias; filmagens; desenhos das crianças; participação e registros fotográficos em festas, apresentações das

⁸ O termo *desidades* é uma palavra criada por Noal (2006), inspirada nos neologismos de Manoel de Barros (despalavras, despropósitos), na busca de evidenciar o que ocorre com a participação social das crianças em contextos que relativizam as cronologias, flexibilizam os resultados e valorizam as experiências nos processos de crescimento humano. Nesta concepção, não há uma idade determinada *à priori* para subir em uma árvore ou tomar banho na lagoa. Cada ser possui tempos e espaços alargados para ser bebê, criança pequena, criança maior, jovem e adulto que vai continuar brincando pela vida a fora.

crianças e em reuniões da Associação de Moradores. A aplicação destes instrumentos se apoiou em estudos anteriores realizados com propostas semelhantes, em comunidades similares, com velhos e crianças (GEERTZ, 1989; LAGROU, 1992, 1994; SCHWADE, 1992; MAGNANI, 2002; FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2002; GOBBI, 2002; COHN, 2005; TRICHÊ; MORETTI-PIRES, 2012; entre outros).

A progressiva aceitação da minha presença no cotidiano da Costa, o reconhecimento pelos moradores e, principalmente, pelas crianças, foram abrindo as portas das casas, foram ampliando o acesso aos baús de memórias e culminaram no dia em que o proeiro⁹ passou a cobrar o valor da passagem de moradora. De certa maneira, eu, sem deixar de ser a pesquisadora, passei também a ser um pouco da Costa. Assim, este foi o caminho percorrido para estar no campo de estudo, buscando não certezas, mas a compreensão dos significados de ser criança - outrora e agora - e, ao mesmo tempo, estar na Costa com a objetividade necessária para desenvolver a pesquisa, mas com a convicção de que, como nos legou Benjamin (1980, p. 61) há “experiências vividas” que não cabem nas palavras e não se explicam:

Cada manhã nos informa sobre as novidades do universo. No entanto somos pobres em histórias notáveis. Isso ocorre porque não chega até nós nenhum fato que já não tenha sido impregnado de explicações. Em outras palavras: quase mais nada do que acontece beneficia a narrativa, tudo reverte em proveito da informação. Com efeito, já é metade da arte de narrar, liberar uma história de explicações à medida que ela é reproduzida.

O autor, desta maneira, aborda a complexidade de manter o diálogo entre a objetividade e a sensibilidade ao estar no campo de pesquisa, ao estabelecer contato com os participantes e ao registrar no caderno de apontamentos. A intenção foi manter a habilidade de perceber e registrar os detalhes e as peculiaridades do observado e do vivido, mesmo com a ampliação do tempo de convivência na Costa. Na busca de conservar, no registro da pesquisa, a riqueza do observado, optei pela estrutura das pequenas narrativas (BENJAMIN, 1980, 2012),

⁹ Proeiro é o encarregado, no barco, de verificar se há passageiros para descer ou subir em cada ponto, que puxa a corda para atracar o barco, que ajuda as pessoas para sair ou entrar e que recebe as passagens.

estruturando esta dissertação em três partes, além da introdução e das considerações finais.

Após a introdução, a segunda parte busca situar o leitor nas camadas do tempo histórico da Costa da Lagoa estabelecendo o encontro entre os tempos de outrora com os contextos e os cenários de agora. Na sequência, apresento as trilhas e as travessias metodológicas que indicaram e definiram o campo de pesquisa, trazendo encantamentos, mergulhos, aproximações, distanciamentos e reaproximações. Um caderno de imagens encerra esta parte, na busca de possibilitar o mergulho à Costa com suas gentes, barcos, travessias, paisagens e singularidades. A seguir, apresento as memórias das crianças de outrora - os velhos moradores - sobre a Costa da Lagoa, as brincadeiras e os brinquedos, relacionando com as suas opiniões sobre as crianças de hoje. Na terceira parte, apresento as crianças de agora, a relação delas com a natureza, as brincadeiras, os desenhos, as falas, as peraltices e as transgressões por meio de pequenas narrativas, encerrando com um caderno de imagens que foca as crianças, as suas brincadeiras, os seus fazeres. Por fim, apresento as considerações que não se pretendem finais, pois, com Manoel de Barros (2010, p. 348), “Não preciso de fim para chegar.”.

Como ser humano e como pesquisadora, foi belo estar com uma comunidade que, com suas contradições, ainda busca orientar o seu cotidiano com preceitos humanizantes como o sorriso, a conversa solta, a gentileza, as brincadeiras que viram festas de alegria e, somadas aos silêncios, encontram a alma. Chamo você para conviver na companhia de pessoas que cruzaram as trilhas desta pesquisa e que me ensinaram a navegar em novas águas de “experiências” (LAROSSA, 2015) e de “experiências vividas” (BENJAMIN, 1980, 2012). Chamo você para mergulhar no cotidiano vivido pelos antigos moradores e pelas crianças da Costa da Lagoa, para andar de barco, para nadar nas águas salgadas, para percorrer as trilhas, para colher frutas, para jogar futebol, para andar de bicicleta e se equilibrar em um *skate*, para descer de cascuda¹⁰, para jogar tarrafa, para capturar cágados, para rodopiar nas cirandas da vida que este trabalho apresenta.

Chamo você para conhecer a Costa, na medida em que vivi ali, como e como senti o frescor da água entrando no nariz, o cheiro de mar e peixe, a textura rústica das pedras e dos conflitos humanos, os barcos em harmonia com a textura macia maciez dos sorrisos, e das conversas

¹⁰ Cascuda é o nome atribuído para a casca de palmeira que as crianças usam para escorregar sentadas.

permeadas de acolhidas e também de impaciências. Você poderá perceber de qual lugar escrevo e como ele é: seus cheiros, suas cores, seus sabores, suas amarguras, suas delícias, seus encontros e desencontros. Depois vou apresentar algumas crianças e veremos o que elas têm para nos contar. Você ainda poderá conhecer as histórias de algumas pessoas que viram seus fios de cabelo ficar brancos naquelas terras, ar e águas. Quem sabe você ainda terá mais coisas para me contar... Vamos conhecer a Costa? Quer fazer o percurso mais longo e junto com os moradores pegando o barco na Lagoa da Conceição? Ou quer chegar mais rápido saindo do Rio Vermelho? Quer ir pelas trilhas? Quer pegar sol? Vento? Chuva?

*Ser como as coisas que não têm boca!
Comunicando-me apenas por infusão
Por aderências
Por incrustações... ser
bicho, criança,
Folhas secas!*
Manoel de Barros (2010,
p. 117)



2 COSTA DA LAGOA: ESPAÇOS E TEMPOS NUM LUGAR
ENSOLARADO DE VIVER

A Costa da Lagoa, que se constituiu como o campo da pesquisa, é uma comunidade localizada ao redor da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, com uma população aproximada de 800 moradores, em sua maioria, descendentes de açorianos - migrantes provenientes das Ilhas dos Açores (LUZ, 2014). Atualmente é reconhecida por sua natureza abundante e seus restaurantes especializados em frutos do mar, preparados no mesmo dia em que são pescados pelos moradores. A tradição turística do local faz com que a população aumente, aos finais de semana e feriados, sendo que, em períodos de férias de verão, praticamente duplica (SANTOS, 2013).

Atualmente há dois roteiros diferentes para a travessia de barco, mas os moradores que se deslocam costumeiramente, por motivos de trabalho, compras e/ou estudo, utilizam o trajeto Lagoa da Conceição-Costa da Lagoa-Lagoa da Conceição que, embora seja mais longo, mantém um roteiro pré-determinado que assegura o acesso dos usuários aos 23 pontos de paradas, assim como acesso ao transporte coletivo terrestre em dois locais: Canto dos Araçás e Lagoa da Conceição. A ausência de estradas para chegar até a Costa tem mantido, de certa maneira, os espaços e tempos protegidos de ruídos, violências e poluições.

No entanto, é preciso destacar que, ao percorrer as trilhas, é possível perceber que a ação do homem tem sido constante e, muitas vezes, contrária aos cuidados com a natureza: há redes não autorizadas de água e de luz; construções irregulares e em áreas de risco feitas com materiais trazidos clandestinamente; produção excessiva de lixo, coleta lenta por meio do barco específico e consequente descarte em lugares inadequados; aumento excessivo de circulação de pessoas nos restaurantes e arredores gerando barulho, poluição e outras interferências; aproximação de embarcações particulares e *jet ski* que têm gerado transtornos sonoros, poluidores e acidentes. Também há denúncias de que já não existe a abundância de pesca nas águas da Costa exigindo que os donos dos restaurantes, em períodos de maior movimento, busquem outros fornecedores para além dos pescadores locais.

Os moradores da Costa, de certa maneira, têm aprendido a se proteger desta dinâmica externa, embora também apresentem contradições em suas relações pessoais e com a natureza que os cerca, da qual são partes constituintes, mas há questões que extrapolam as suas possibilidades. Desta maneira, as famílias que ali vivem, embora tenham comunicação direta com outras culturas e mantenham traços de suas humanidades, ainda conseguem cultivar um cotidiano impregnado por

relações de vizinhança, de trocas, de cuidados e de ajuda, que tornam a Costa da Lagoa peculiar e um lugar ensolarado de ser e de viver, apesar dos dias frios e do gelado “vento sul”¹¹ que chega sem avisar e altera a dinâmica da vida local.

2.1 CAMADAS DO TEMPO HISTÓRICO E DAS MEMÓRIAS DE OUTRORA

*As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul –
Que nem uma criança que você olha de ave.
Manoel de Barros (2010, p. 302)*

A formação geográfica da Lagoa da Conceição e da Costa da Lagoa, bem como a ocupação humana dessas localidades, não tem uma precisão geohistórica, considerando que os registros são relacionados aos desenhos dos primeiros viajantes que percorreram essas terras litorâneas (LUZ, 2014). Estudos como o de Muehe e Caruso (1989) indicam que as formações sólidas que limitam as águas, ocorreram por volta de 5.500 anos atrás, quando o mar estava acima dos níveis atuais, mas as formações rochosas, que possivelmente ficaram submersas por muito tempo, datam de épocas mais remotas. Estes estudos permitem concluir que a configuração geográfica existente pode ser alterada, considerando que há registros de transformações significativas com a elevação ou a regressão dos níveis do mar.

A ocupação humana da Costa também não tem uma certeza histórica, pois os registros são imprecisos e podem estar impregnados de interpretações não fidedignas. No entanto, Luz (2014), ao reconhecer que os primeiros habitantes foram pré-colombianos, indica que a região foi redescoberta: “[...] seja navegando pela lagoa, pelo grupo de pessoas que acompanhou Dias Velho, ou por aqueles conduzidos pelo Padre Matheus Leão, caminhando pela passagem que liga Ratones à Costa.”. Luz (2014) indica que estes (re)descobridores possivelmente foram atraídos pela pesca abundante, pelas matas intocadas e pela planície localizada entre a lagoa e o mar (hoje Parque do Rio Vermelho), que se prestava para a plantação e o pasto comunitários. Estas trilhas já haviam

¹¹ Vento frio e forte, geralmente traz queda das temperaturas e interfere nas marés.

sido percorridas por índios que, com a chegada dos vicentistas¹², foram “amansados” e escravizados.

Os mais antigos moradores da Costa têm essa origem açoriana e encontraram na região as condições ideais para se constituírem proprietários de pequenos sítios, nos quais criaram animais e plantaram roças. Além disso, construíram engenhos de farinha que eram movimentados pela força animal (PIAZZA, 1983). Os bois que tocavam as rodas dos engenhos exigiam espaços de pastos que geraram disputas por terras. Posteriormente, os moradores da Costa começaram a queimar madeiras para o beneficiamento dos produtos oriundos dos engenhos e das roças, exigindo maiores interferências e transformações na natureza. A Costa foi uma região de destaque econômico na Ilha nos séculos XVIII e XIX, época em que a agricultura e a pesca eram as principais atividades econômicas da região, fazendo com que a Lagoa fosse percebida como um todo por seus moradores mais antigos (RIAL, 1988).

No entanto, sobreviver na região não era tão fácil. Muitos homens se deslocavam para o Porto de Rio Grande, localizado no Rio Grande do Sul, para trabalhar com pesca. As mulheres ficaram na Costa com os filhos, intensificaram os trabalhos com renda de bilro¹³ e vendiam seus produtos na atual Avenida das Rendeiras, como uma maneira alternativa e complementar de sobrevivência. Ainda hoje existe a tradição das mulheres rendeiras da Costa, mas são as mais antigas que ainda dominam esta arte (DIAS, 2001). Com o advento do comércio - realizado por meio de trocas - e a ampliação da navegação, foram se miscigenando com outras culturas, transformando os meios de produção e deixando para trás algumas das tradições, sendo que o prédio no qual existiu um dos engenhos é local de uma festa anual, a *Farinhada*¹⁴.

¹² Os denominados vicentistas eram açorianos, provenientes da capitania de São Vicente, e se destacaram como colonizadores e amansadores de índios, em disputas de terras com os espanhóis, no Século XVI.

¹³ A renda de bilro é um artesanato tradicional da Costa e foi difundido entre as mulheres ao longo dos anos. As rendeiras usam bilros, peças com haste de madeira de palmeira, que, aos pares, são manejados simultaneamente sobre uma almofada. A renda vai se fazendo pelo cruzamento contínuo ou intercalado dos fios enlaçados em bilros - artefatos de madeira em forma de pêra alongada onde é enrolada a linha ou outros fios têxteis (CARUSO, 2011).

¹⁴ A Farinhada é uma festa tradicional que proporciona reviver, em três dias, o processo completo de fabricação da farinha de mandioca, de maneira artesanal da colheita, raspagem, moagem e ainda o processo que passa pelo forno. Esta festa acontece no último engenho de farinha de mandioca que existe na Costa,

O cotidiano dos moradores da Costa sempre foi regido pela relação estreita entre terra e água, o que tem acarretado um cuidado especial com a natureza, que é, reconhecidamente, definidora de muitas ações como, por exemplo, a pesca, a navegação, a possibilidade de o barco atracar, ou não, em um determinado ponto, dependendo das condições climáticas do momento. Neste contexto, como alerta Luz (2014, p. 50), em uma condição limitada de espaço, como vive a Costa, o movimento das águas sobre a terra se torna significativo, pois: “[...] qualquer evolução no nível da maré da lagoa ou das condições de suas águas modifica as condições de vida da população que vive no seu entorno.”. Esta estreita relação com a água influenciou no jeito de ser da população que assume comportamentos afinados aos ciclos da natureza, aos tempos de espera, ao exercício constante da observação. Esta aparente limitação é enfrentada, com intencionalidade, pela maioria dos moradores que tem recusado, historicamente, a construção de estradas para a circulação de veículos motorizados com o intuito de manter o equilíbrio ambiental, a privacidade, mesmo que relativa e, mais recentemente, o controle sobre os visitantes, como evidencia seu Cacau, um dos mais antigos moradores da Costa:

Aqui pra mim é o lugar que Deus deixou no mundo pra gente morar, [...] porque eu não quero estrada e também não quero que ninguém fale pra mim, que quer estrada aqui, eu não quero, eu do bombada em todos que falam de estrada pra mim na Costa. Porque a gente tá vendo como é que tá a Lagoa da Conceição, como é que tá os Ingleses... Invadiram tudo, [...]. Então, a melhor coisa que temos é aonde nós vivemos que não tem estrada. E outra coisa, não existe transporte no mundo melhor que o nosso, porque nunca matou uma pessoa, na graça de Deus [...] Então é o melhor do mundo. (caderno de apontamentos, 30 de julho de 2014)

É instigante perceber que seu Cacau viveu em tempos difíceis e enfrentou muitas lutas, junto com outros moradores, para sobreviver na Costa, considerando a falta de energia elétrica, a ausência de água encanada, a falta de Posto de Saúde e um número bem menor de barcos.

mais especificamente na Vila Verde. As crianças participam ativamente da festa juntamente com os adultos (PERES, 2012).

No entanto, os moradores da Costa encontraram alternativas significativas como o banho em caixas de carregar peixe, a solidariedade no uso dos barcos e a valorização dos conhecimentos populares das benzedeiras e das parteiras (PEREIRA, 2012). Desta maneira, com o desejo de continuar morando na Costa, quando o trabalho nas roças foi diminuindo, assim como na pesca, eles tiveram a capacidade de se reinventar e tornar o que parecia difícil - como a distância e o afastamento do centro - em algo bucólico e atraente. Em 1982, a energia elétrica foi instalada, possibilitando a modernização nos processos de produção e a ampliação do trabalho, além de facilitar o acesso a outras culturas (SANTOS, 2013). Então, o turismo na Costa, por iniciativa de seus moradores, passou a ser a fonte de renda de muitas pessoas e a possibilidade de se obter uma melhor condição de vida, pois, como afirma Sofia:

Historicamente é tudo muito novo para a Costa: a abertura do dinheiro, da moeda, a moeda era troca, historicamente não é nada, em 50 anos deu um bum, aconteceu muito de repente, a questão da educação, de sair para estudar, ter uma educação oficializada, tudo isso é muito novo. (caderno de apontamentos, 20 de setembro de 2014)

Dona Pérola, mãe de 21 filhos e uma das moradoras mais antigas que está viva, representa a memória dos tempos de antigamente e estabelece relações com o presente:

Aqui barco tinha só pequeno, porque quem tinha suas canoinhas vendia seu peixe, café, comprava todas suas coisas já pra semana, porque aqui não tinha venda, depois é que começaram a botar. A gente andava e não pagava, ia com os vizinhos um do outro. Agora o barco é demais, cobram para o ganho deles, eles pagam o óleo, é cobrar um pouquinho... E a noite, vão pra pescaria... (caderno de apontamentos, 15 de maio de 2014)

Este depoimento evidencia que o barco é um elemento constitutivo da comunidade e que, historicamente, tem sido fator decisivo para o estilo de vida da população local que, sem estradas, sente-se mais protegida e segura, mantendo as paisagens naturais e

incrementando a pesca que possibilita a gastronomia como um espaço de sobrevivência econômica e social para os que ali habitam. Luz (2014, p. 72-73) confirma o depoimento de dona Pérola ao contar que:

O transporte náutico na Costa, até o final da década de 1970, era feito por quem tinha embarcações e não era cobrado. Os moradores “davam o que podiam”, como explicam muitos desses que se deslocavam para Lagoa ou outros lugares. Uma das “caronas” mais conhecidas era aquela que se conseguia nos barcos que iam levar o peixe de manhã, resultado da pesca feita na noite anterior. Iam para a Lagoa não só os pescadores com seus peixes, mas muitas mulheres com suas bacias de camarão e carne de siri para vender na ponte enquanto seus maridos descansavam após uma madrugada de trabalho.

Atualmente, há poucos sítios, as roças são escassas, alguns terrenos foram reflorestados e há certa preocupação em relação à perda das tradições e dos conhecimentos locais, bem como com a ocupação dos espaços. O percurso atual de barco Lagoa da Conceição-Costa da Lagoa-Lagoa da Conceição permite perceber que o antigo habita o novo, sendo possível a contemplação de paisagens bucólicas e de antigos casarões que se misturam com as casas dos moradores, agrupadas em cinco pequenas vilas e com as casas de veraneio, incrustadas nas matas. Ficar em silêncio, ouvindo as conversas e observando o entrar e o sair do barco, possibilita compreender que estamos diante da “circularidade cultural” (GINZBURG, 1987) que, como em outras comunidades humanas, mantém saberes tradicionais em diálogo com outros conhecimentos e tecnologias no exercício diário de buscar o encontro entre diferentes culturas¹⁵. No entanto, embora exista este contato direto

15 A expressão “circularidade cultural”, cunhada por Ginzburg (1987) em sua narrativa do moleiro Menocchio (Domenico Scandella), apesar de se reportar ao período da Inquisição (século XVI), caracterizando um momento específico e singular da história, adéqua-se aos antigos moradores da Costa na medida em que estes últimos, ao mesmo tempo em que mantém traços culturais locais, são capazes de transitar com desenvoltura na Lagoa e em outros locais, vivendo experiências que estão para além da Costa. Assim, resguardadas as diferenças históricas e culturais, como Menocchio, são capazes de se apropriar de outros códigos culturais sem deixar de serem da Costa, pois, segundo este autor, há influência mútua entre as culturas “dominantes” sobre as “dominadas”. Os

com a Lagoa e as suas gentes, há uma significativa singularidade na maneira de ser dos moradores da Costa que se manifesta em solidariedade, em acolhida e na maneira brincante do proeiro que, manualmente, puxa a corda para atracar o barco e dos passageiros que, de maneira espontânea e cordial, ajudam uns aos outros a carregar sacolas, zelar pela segurança das crianças e dos mais velhos, mantendo, assim, traços de uma cultura que ainda respeita e acolhe a humanidade de cada ser. No entanto, mais uma vez ressalto que a predominância desta vida solidária e dialogada não apaga a existência de contradições e conflitos inerentes a qualquer grupo social.

2.2 CONTEXTOS E CENÁRIOS DE AGORA

*Tenho uma dor de concha extraviada.
Uma dor de pedaços que não voltam.
Manoel de Barros (2010, p. 313)*

O espaço da comunidade da Costa da Lagoa é tombado como patrimônio cultural do município de Florianópolis e como território tradicional perante o Estado de Santa Catarina. Na atualidade, é dividido nominalmente em cinco pequenas vilas formadas pela concentração de casas em enseadas que possibilitam o atracamento seguro dos barcos (LUZ, 2014). Para melhor entendimento da localização dessas vilas, imagine-se pegando o barco na Lagoa da Conceição sentido Costa da Lagoa. Após vinte e cinco minutos é possível descer na Vila Verde (pontos 7 e 8), onde se encontram as ruínas de um antigo engenho e local no qual mora o maior número de pessoas que não nasceram na Costa, ou seja, os não nativos¹⁶.

moradores da Costa vivem todos os momentos como pescadores, mas também como pensadores e problematizadores de suas condições de cidadãos, capazes de estar e de se expressarem em diferentes ambientes, vivendo as suas experiências pessoais e coletivas, produzindo ideias e construindo conceitos. Manifestam, como Menocchio, orgulho pela: originalidade de suas ideias (Ginzburg, 1987, p.113), falam com prazer, mas também ouvem e observam atentamente, evidenciando a influência mútua entre as diferentes culturas. No entanto, não se negam as diferenças existentes, os possíveis equívocos advindos do encontro entre a oralidade e a escrita ou os encontros e desencontros trazidos pela mediação das tecnologias.

¹⁶ São considerados nativos somente as pessoas que nasceram na Costa da Lagoa. Esta definição causa alguns constrangimentos nas pessoas que moram na Costa há muitos anos.

Continuando no barco, contando no relógio mais dez minutos, pode-se desembarcar na Vila da Praia Seca (pontos 13 e 14), local onde moram muitas crianças, sendo possível encontrar alguns restaurantes. Com mais cinco minutos de barco chegamos à Vila da Baixada (ponto 15) e, muito próxima a ela, sem ao menos ter uma divisão concreta, chega-se na Vila Principal (pontos 16 e 17), também conhecida somente por Vila. Na união destas duas localidades se encontra a Cachoeira, a maior concentração de restaurantes, a Escola, o Posto de Saúde, a Igreja, o Salão Paroquial e o maior número de moradores, inclusive de crianças.



Com mais cinco minutos de barco atraca-se na Vila da Praia do Sul (pontos 18 e 19), local onde tem somente um restaurante e no qual as moradias ficam muito próximas umas das outras, também com muitas crianças. Na ligação entre uma vila e outra, existem casas mais isoladas, fato este que explica a maior quantidade de pontos (23) do que de vilas. Ao final, no ponto 23, está localizado o Canto do seu Cacau, onde ele mora rodeado de familiares. Para além dos pontos tem a Prainha e a Praia do Saquinho, conhecidas e visitadas por suas belezas e encantos, pois as suas águas são calmas e há somente um morador em cada uma. Na Praia do Saquinho há uma réplica de um castelo medieval, de propriedade de um argentino que, atualmente, está sem habitantes. Esta organização pode ser mais bem compreendida nas duas figuras a seguir:

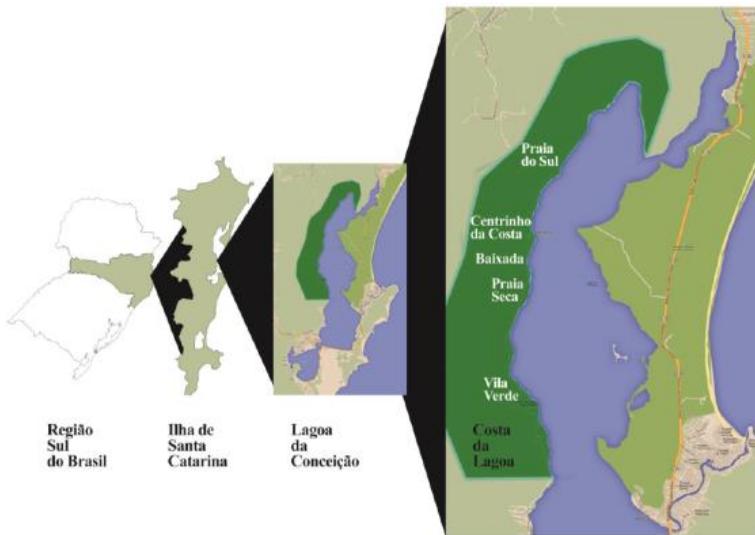


Figura 1: Localização da Costa da Lagoa (LUZ, 2014, p. 3).

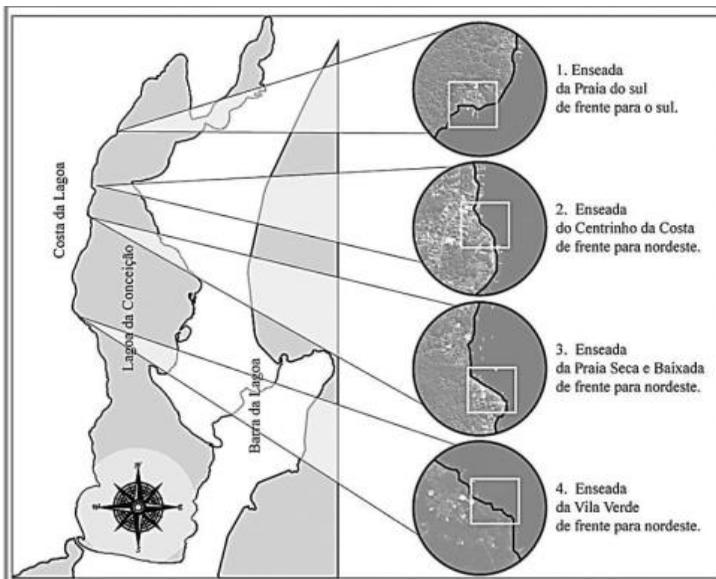


Figura 2: Localização das Vilas da Costa da Lagoa (LUZ, 2014, p. 133).

Em relação às famílias mais antigas e ampliadas que constituem a Costa, Caruso (2010) indica que, na Vila Verde, existe uma família; na Praia Seca, quatro famílias; na Baixada, duas famílias, na Vila Central, aparecem sete famílias e na Praia do Sul conta-se com duas famílias. Esta concentração de parentes acaba misturando os espaços públicos e privados, sendo muito comum as pessoas chegarem a qualquer hora do dia nas casas umas das outras, tomarem um café, comerem alguma guloseima, atualizarem os assuntos e seguirem para outras casas ou para os trabalhos cotidianos.

A ausência de estradas torna a Costa um lugar peculiar e tranquilo para viver, mas também exige que a sua população tenha um planejamento antecipado de suas necessidades, pois as compras e os deslocamentos só podem ser feitos em horários específicos quando os moradores utilizam os barcos das cooperativas. Embora não existam supermercados, na Costa há pequenos comércios de roupas, artesanatos e alimentos que atendem a situações de emergência. A sua economia, baseada na pesca e no artesanato, volta-se para atender aos turistas, como é o caso de Doçura e suas filhas que são doceiras e passam nos restaurantes com cestas recheadas de guloseimas caseiras, esperadas pelos frequentadores mais assíduos. Apesar do aparente isolamento geográfico, os moradores da Costa têm o hábito de ir e vir constantemente, pois as suas vidas dependem da estrutura que não está disponível em seu território, tais como: bancos, correios, mercados, livrarias, farmácias, hospitais, padarias, escolas de anos finais do ensino fundamental e de ensino médio, instituições de ensino superior e outras. A Costa da Lagoa é um lugar altamente procurado para o lazer de pessoas que gostam de trilhas, de tomar banho de cachoeira, de comer um bom e saboroso fruto do mar, de nadar, de andar de barco, entre outras possibilidades. No entanto, para os moradores que trabalham com o turismo, mesmo que em locais cercados por paisagens paradisíacas, estas atividades se tornam repetitivas e, quando podem, fazem o caminho inverso dos turistas, buscando outros espaços de diversão.¹⁷

¹⁷ Este encontro do trabalho com o lazer, evidenciado na serena fisionomia e na gentileza demonstrada pelos moradores da Costa enquanto trabalham, pode estar associado ao denominado “lazer sério”, estudado pelo sociólogo canadense por Robert A. Stebbins, desde 1973. Historicamente o lazer tem sido concebido como oposição ao trabalho e tempo de deleite, mas esta teoria possibilita a compreensão de possíveis relações entre trabalho e lazer. No entanto, considerando que esta dissertação tem outro foco de debate, esta teoria não será aprofundada por sua complexidade. Fica a indicação.

Na Costa há uma escola municipal que atende as crianças da comunidade e de locais próximos, da creche até o quarto ano do ensino fundamental. A escola possui funcionários e professores que moram na comunidade, mas também alguns que residem em outras localidades. A maioria das crianças da Costa estuda ali até o quarto ano e somente depois deste período se transfere para outras escolas. No entanto, no contra turno de estudo formal, várias destas crianças que já não estudam ali, visitam a escola da Costa e adoram ficar em suas dependências para estudar na biblioteca, brincar e conversar com as professoras e os professores nos intervalos. Nesta dinâmica, a escola, para a comunidade, é um espaço de favores e de apoio, pois muitos aparecem para fazer pesquisa; para pedir para ler algum documento e suprir outras eventuais necessidades. A escola também auxilia a Associação de Moradores e é referência para muitos, pois existem pessoas que vêm na escola o local de pedirem ajuda para questões que exigem domínio da leitura. Neste contexto, a escola é uma referência e um apoio para a comunidade, embora existam diferenças entre o espaço escolar e os espaços da comunidade com relação a valores, conceitos, regras e outros (SANTOS, 2013)¹⁸.



¹⁸ Para compreender melhor as relações estabelecidas entre a comunidade e a Escola Desdobrada e Núcleo de Educação Infantil da Costa da Lagoa, é recomendada a leitura da dissertação de Solange Rocha dos Santos, “Olhar pelas fronteiras - o diálogo estético entre esferas sociais” defendida na Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Além do serviço educacional prestado pela prefeitura, a Costa possui o Posto de Saúde Municipal, com atendimento de dentistas, professores de Educação Física, enfermeiros e médicos. Este Posto é bem organizado por agentes de saúde da própria comunidade, que agendam as consultas e mantêm o espaço limpo. No verão os atendimentos acabam sendo intensificados, devido a pequenos acidentes que acontecem com os turistas. No mais, quando a comunidade necessita de algum serviço de emergência e resgate, na maioria das vezes é solicitado um helicóptero ou uma lancha rápida do Corpo de Bombeiros. Na Costa há um heliponto, localizado próximo à cachoeira, devido às diversas fatalidades que já aconteceram ali, sempre com turistas que não respeitam as indicações de perigo e ultrapassam as faixas de segurança. No entanto, a construção do Posto de Saúde e a maior facilidade de atendimento médico não têm impedido que os moradores reconheçam males que somente as benzedeiras curam, pois, para a crença local, há doenças que os médicos não conhecem e não sabem tratar (MALUF, 1992, 1993).



A tradição cultural da Costa também se estende para o cotidiano familiar e o mundo do trabalho, nos quais têm sido atribuídos para a maioria das mulheres responsabilidades com os cuidados da casa e das crianças, somadas ao desempenho de atividades remuneradas - formais ou informais - ainda consideradas femininas como: fazer rendas de bilro, costurar, cozinhar, fazer e vender doces, ser diarista em casas de veraneio da Costa, na Lagoa e na Ilha. Embora algumas dominem a arte da pesca, não é habitual vê-las pescando, pois a elas cabe o trabalho de tirar a carne do siri, limpar o camarão e os peixes (PEREIRA, 2012). Também não pilotam os barcos, mas há exceções:

Quando eu vim pra cá, acho que tinha uma moça que dirigia barco e eu comecei a dirigir uma baleeira que a gente tinha. A nossa baleeira só andava pra frente, não tinha nem ponto morto. Pra chegar ao trapiche, tu desligava o motor e rezava pra tudo dar certo. Olha que eu já tomei banho nessa minha vida... Agora esse aqui já é mais fácil de dirigir, de levar, mas é muito pesado para atracar, tu pega um dia de vento para a atracação é complicado... Se eu to sozinha e não tem ninguém me olhando daí e consigo, se tiver alguém me olhando, daí já me atrapalha, não tem freio, é só na reversão. Por mais que os movimentos sejam semelhantes aos do carro, sempre tem a corrente de água que atrapalha. Uma vez eu tava parando lá em casa em dia de vento, daí eu desliguei o motor, a onda abriu e a baleeira continuou indo, ia bater nas pedras, eu ia bater na água, peguei o troço pela corda e puxei. (Drica, caderno de apontamentos, 30 de maio de 2014)

A questão feminina na Costa tem sido estudada nas últimas décadas pelas contradições que apresenta, pois, apesar de uma aparente submissão, a mulher, como mãe, é vista como o centro da vida familiar, sendo que, de maneira geral, a ausência do pai não traz desestruturação, mas a ausência da mãe, sim (MALUF, 1993). No entanto, é importante evidenciar que a valorização da mulher se dá com relação a determinadas atividades que os homens, na região, não querem realizar como: cozinhar, lavar louças, cuidar das roupas. A concepção da mulher como responsável pelos cuidados com a casa e com a família fica evidente nos estudos de Maluf (1993, p. 132) quando a autora afirma que as parteiras e as benzedeiras são vistas como “estranhas” na comunidade, por exercerem uma atividade que se contrapõe ao que se espera do feminino: “Ela sai a qualquer hora quando é chamada, mesmo a noite, e é capaz de se ausentar da própria casa por vários dias para cuidar de um doente ou de uma parturiente.” No entanto, há mulheres mais jovens que estão rompendo com estas concepções, estudam e assumem trabalhos fora da Costa, com o apoio das mulheres mais velhas. Nesta trajetória, pode-se concluir que homens e mulheres, sem negar suas características distintas, têm assegurado o direito de fazerem opções, de alargarem os seus espaços de estar na comunidade e para

alem dela, podendo também ser mais amorosos, dialogáveis, sensíveis e livres.

Na Costa há uma Igreja Católica e, ao lado, um Salão Paroquial. Os moradores não são, em sua maioria, assíduos à missa, pois o sincretismo religioso está presente e não há padre fixo para manter a comunidade mais presente e ativa. Assim, como não há uma tradição católica que ocupe os espaços existentes, a Igreja e o Salão Paroquial acabam sendo pontos de referência para os encontros e as festas da comunidade. Estes dois espaços são coordenados por um padre, que não reside na Costa e são cuidados, gratuitamente, por uma senhora que mora nas proximidades. Há pouco tempo acontecem aulas de ginástica no Salão Paroquial, ministradas por uma professora de Educação Física, contratada pela Prefeitura Municipal. Os velórios e os enterros das pessoas que moram na Costa são realizados no centrinho da Lagoa. No entanto, os moradores relataram que, normalmente, quando acontecem mortes, a comunidade se mobiliza, os barcos fazem horários especiais para atender a todos que vão participar da cerimônia e até mesmo a cooperativa pausa seu trabalho por algumas horas. Como a maioria das pessoas se conhece, há uma significativa mobilização quando acontece algo sensível como a morte e nas missas de sétimo dia há uma participação de muitas pessoas.



Embora a morte comova e mobilize, percebi que a mobilização para questões de lutas sociais ainda não é muito latente na comunidade e, sendo assim, a responsabilidade reivindicativa fica com a Associação

de Moradores da Costa da Lagoa (AMOCOSTA)¹⁹ e com o Grupo de Apoio às Questões da Costa²⁰. No entanto, quando a questão afeta a maioria, esta mobilização acontece, como foi com a ameaça de retirada dos trapiches. Durante o tempo em que estive na Costa acompanhei os grupos que estavam à frente destas duas entidades. Neste processo, acabei participando de reuniões com a Procuradora do Ministério Público em audiências para debater a adequação dos trapiches com relação às questões ambientais definidas por um projeto que objetiva a revitalização da orla da Lagoa.

Neste contexto, também acompanhei a eleição para a diretoria da AMOCOSTA, que iniciou com um processo consensual, com a proposta de uma chapa única, aberta à comunidade, que definiria, por votação secreta, os nomes para ocupar os diferentes cargos, no exercício de uma política comunitária e não partidária. No entanto, no decorrer do processo, houve dissidências e a formação de uma segunda chapa que acabou ganhando as eleições. A campanha foi acirrada e, quando percebemos, a Costa estava mais interessada nas eleições para presidente da AMOCOSTA, do que para presidente do Brasil. Este fato me fez lembrar Manoel de Barros (2010, p. 407) e as suas (des)importâncias: “Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira dos Andes. Achei o sabiá mais importante do que a Cordilheira dos Andes.”. Então, inspirada por esta poética, passei a analisar as circunstâncias que levaram uma comunidade pequena a se dividir, em uma disputa de eleição para um cargo que tem como principal objetivo cuidar de todas as questões da Costa, ou seja, teria que pensar com e no coletivo. Foi possível perceber que na Costa, como em qualquer grupo social, há divergências e disputas de poder e, por outro lado, para esta comunidade, a eleição para a Associação tem significados que escapam de quem não é morador. Por reconhecer e respeitar estas demonstrações dos limites humanos, mesmo sem compreender muito bem os sentimentos manifestados, mantive a minha participação e apoio às ações que visavam melhorias para todos.

¹⁹ A Associação de Moradores da Costa da Lagoa (AMOCOSTA) foi criada com o intuito de proteger, fiscalizar e lutar pelos interesses dos moradores da Costa. A eleição para troca da diretoria acontece a cada três anos.

²⁰ O Grupo de Apoio às Questões da Costa foi criado por um grupo de moradores com a intenção de discutir, apoiar e monitorar as questões que envolvem a comunidade, tendo em seu ideal a ação por meio de uma política comunitária e não partidária. Seus integrantes se reúnem quinzenalmente e está aberto a todos que queiram participar. Para além de acompanhar a AMOCOSTA, o grupo realiza ações independentes.

A maioria das ações que envolvem a comunidade, propostas pela AMOCOSTA e demais organizações (Grupo de Apoio, Posto de Saúde, escola, entre outros) são noticiados por conversas estabelecidas nas relações sociais cotidianas e por cartazes e folhetos que são pregados e/ou entregues nos barcos, nas cabines de cobrança da Cooperbarco e da Coopercosta, como nos pontos de parada. Além da divulgação de informações mais gerais, também se encontram nos locais onde a comunidade transita informações mais específicas (aluguél e venda de casas, notas de falecimento, venda de móveis, festas na Lagoa e no Salão Paroquial da Costa, informes do Posto de Saúde, entre outras), ficando evidente a importância dos barcos e de seus arredores para a circulação de informações escritas e orais. Assim, os barcos acabam significando muito mais do que simples meios de transporte, mas também locais de divulgação de informações e espaços e tempos de se estabelecer laços afetivos, dar boas risadas, maquiarem-se, amamentar os bebês, fazer tricô, jogar baralho (mesmo que proibido), fazer cartaz para pedir carona no pé do morro da Lagoa, levar as compras para casa, tirar um cochilo, ouvir música, brincar, cantar, namorar... Mas o barco, como já evidenciado, também é local de interrogar quem é desconhecido e proteger a comunidade:

Por exemplo, eu não moro aqui. Você também não. Viemos em barca da Lagoa para cá e, quando nós chegamos aqui e queremos roubar alguma coisa, nós temos que voltar de barca. Se alguém falar que o roubaram, o dono da barca já vai saber quem foi. (Malu, caderno de apontamentos, 15 de junho de 2014)

Os barcos são cenários flexíveis, com atores diversificados, encenando as suas vidas cotidianamente com suas alegrias, dores, cansaços, sonhos, esperanças, brincadeiras. Pode-se afirmar que a vida gira em torno dos barcos, pois estes influenciam diretamente a comunidade, organizando o ritmo da vida, o cotidiano, os contatos. Porém, como estes cenários fazem parte da convivência humana, também se escuta algumas reclamações: que a cortinas não baixam quando chove, que são lentos, que cheiram Diesel, que são barulhentos e muito lotados. Mas também existem muitos elogios quanto à limpeza, à pontualidade, ao aconchego. Ao final das contas, acontece um equilíbrio que mantém cenários propícios para que cada um protagonize a peça da sua vida com travessias inesquecíveis.

A coleta de lixo acontece em dias intercalados da semana, em um barco especialmente utilizado para este fim, com garis, mas é preciso estar atento e trazer todo o lixo para os trapiches principais, devidamente embalados em sacos plásticos. No entanto, quem quiser se desfazer de objetos maiores, precisará de paciência, pois esta coleta só acontece uma vez ao ano, a não ser que o morador possua barco, tenha amigos barqueiros ou pague pelo transporte (LUZ, 2014). Esta necessária organização se contrapõe ao estilo mais livre de vida que a Costa proporciona, mas já está absorvida pela comunidade que se adéqua a esses rituais.



Entre uma cena e outra, a comunidade da Costa da Lagoa, em diferentes épocas e contextos, encontrou maneiras de sobreviver e de permanecer nesse território. Para atender ao turismo, a própria comunidade se uniu, conseguiu melhorias no oferecimento de energia elétrica e no saneamento, investiu na infraestrutura dos restaurantes e

melhorou as condições de transporte, criando as cooperativas de barcos, já citadas anteriormente. A Cooperbarco em 1995 - que possui subsídio do óleo pago pela prefeitura, pois transporta muitos moradores e pessoas que trabalham na Costa - e a Coopercosta, no final da década de 1990, que transporta maior quantidade de turistas (LUZ, 2014). Vale ressaltar que a comunidade da Costa busca o caminho da sua sustentabilidade, pois pouco dinheiro público é investido no local. Com as duas cooperativas de barco e os restaurantes, grande parte da comunidade se sustenta e sobrevive, pois, no verão, há trabalho para todos.

No entanto, há alguns moradores que trabalham fora, principalmente os mais jovens e as mulheres, porque nos períodos de friagens e distantes das férias de verão, não há emprego para todos na Costa. Outro aspecto a ser considerado com relação às questões econômicas, é o fato de a Costa ser constituída por um pequeno número de famílias ampliadas, sendo comuns as relações de parentesco entre os seus moradores, o que, às vezes, gera o trabalho, mas não o salário e a formalização como emprego. Por outro lado, há jovens que já não querem trabalhar na Costa porque estudaram e construíram outras perspectivas de vida, inclusive morar fora da Costa, como é o caso de Laura, que trabalhou vários anos na cozinha dos restaurantes, mas ao final de 2014 formou-se em Processos Gerenciais, passou por seleção de emprego e, atualmente, trabalha na UNIMED/Centro. Seu irmão, Nathan, estudante do primeiro ano do Ensino Médio, está morando com ela em um pequeno apartamento alugado na Lagoa porque considera as travessias de barco muito cansativas, mas sempre que pode está na Costa porque sente saudade do estilo de vida local que se fundamenta na vida coletiva.

Um detalhe interessante que se evidenciou na primeira vez em que fui para a Costa, demonstra a existência deste coletivo valorizado por Nathan. Após os primeiros contatos e já sabendo que seria o local a ser estudado, fiquei admirada porque a maioria sabia que eu era a estudante que desenvolveria uma pesquisa com as crianças, mesmo aqueles com os quais não havia conversado. No entanto, com o decorrer do tempo, ao entrar no barco, também fui adquirindo a sensibilidade de detectar, em poucos minutos, quem era morador, em qual ponto iria descer e quem eram os turistas. Estes sinais externos, que evidenciam quem é quem, foram assim definidos por Luz (2014, p. 125-126):

Durante a travessia de ida à Costa, é comum os turistas no barco se preocuparem com a paisagem, fotografando tudo, um tanto eufóricos, e voltarem

sonolentos, descansados ou um pouco embriagados, no final da tarde. Os moradores, por sua vez, quando vão à Lagoa descem asseados, estão sempre conversando com os vizinhos de outras vilas, lendo e prestando atenção em tudo. Quando voltam da Lagoa estão um pouco desganhados, cheios de sacolas, com um ar de cansaço, “doidos” para chegar em casa, e alguns sempre dormem - quando há pouca gente no barco chegam a deitar esticados nos bancos.

Ao perguntar aos moradores, independentemente do ponto em que residem, como é morar na Costa, escuta-se: “É bom morar pela tranquilidade”; “Durmo com a janela aberta, não preciso me preocupar de alguém entrar em minha casa e roubar alguma coisa.”; “É muito melhor de viver.”; “Muita paz, muito sossego.”. Há outros comentários que tornam a Costa amada e diferenciada de outros lugares: “Na Ilha, aqui ainda é o lugar mais tranquilo de morar.”(Bernardo); “Aqui eu quero ficar até o fim da vida.”(Eduarda).

Na Costa também é possível ouvir falas que evidenciam as relações cotidianas e jeitos peculiares de viver: “Tenho liberdade de pegar as coisas do vizinho e nem participar.”; “Vou pra cidade e deixo a porta encostada e as roupas no varal.”; “Sempre ajudo a cuidar do outro quando está doente.”. As pessoas da Costa possuem livre acesso à casa das demais: “Aqui todo mundo conhece todo mundo, não tem muro, não tem nada, um mora na casa do outro, é um costume que é tranquilo pra nós, a gente não se sente incomodado ou invadido por isso.”. As casas que possuem portão dificilmente usam cadeados, os cachorros são mansos, as janelas, quando tem sol, ficam abertas com os travesseiros e cobertores pendurados. Esta liberdade de viver gera estranhamentos com a vida fora da Costa: “Até na Lagoa, na casa dos meus filhos eu já acho diferente, porque chega ali entra no portão e não vejo nada, não tem vizinho.” (Cora).

No verão existe um maior número de pessoas circulando pelas vielas e pelo caminho²¹, alterando a dinâmica local, pois como Santos (2013, p.36) ratifica: “O cotidiano da comunidade se movimenta [...]”. Porém, nestes períodos, os moradores mantêm seus costumes, mas com pequenas adaptações, pois nota-se que as portas e as janelas ficam com as aberturas um pouco menores, os olhares mais atentos, as conversas pelo caminho um pouco mais baixas, até porque muitas pessoas

²¹ A “rua” que atravessa a Costa é chamada de caminho pelos moradores.

trabalham por períodos mais longos durante a temporada de verão, justamente pelo grande número de turistas (ROSA, 2002; CARRERO e HANAZAKI, 2011). No entanto, no período noturno, quando restam os moradores e algumas pessoas que alugam casas, a tranquilidade volta, pois dificilmente se ouve barulhos e algazarras, devido a ter somente uma pousada, com poucos cômodos e, também, porque as pessoas que optam por veranejar na Costa já sabem que ali é um lugar de sossego, distante das “baladas”.

No tempo em que morei na Costa constatei que as noites, de maneira geral, são para a convivência familiar. Em torno das vinte e uma horas, estava tudo silenciado, somente se escutava alguma conversa em um bar próximo a minha casa, mas muito discreto e com poucas pessoas. A única noite em que houve mais barulho até, aproximadamente, uma hora da manhã, foi quando aconteceu a “Farra do Boi”²², evento tradicional na Costa, mas sem consenso entre os moradores. Trata-se de trazer um boi do Campo (Rio Vermelho), amarrado em um barco, com o corpo dentro da água e, na sequência, soltam o animal e as pessoas ficam correndo e gritando atrás dele. Depois de algum tempo, matam o boi. Este evento acontecia duas vezes ao ano, porém como faltam opções de divertimento noturno na Costa estão repetindo com maior frequência, o que tem causado muitas discussões polêmicas na comunidade porque, além de maltratar um animal, há o receio de que a euforia que acontece gere outras violências, como adverte Sofia: “Têm culturas que eles apedrejam mulheres e eu vou assinar embaixo? Não vou! Essa é uma manifestação cultural que eu combato, se é que é cultura.” (caderno de apontamentos, 1º de julho de 2014). Outra moradora também se manifesta contrária a esta prática, demonstrando que há muitas pessoas chateadas com a situação, pois o

²² “A Farra do Boi é uma prática vinda do arquipélago de Açores [...] que consistia na soltura do boi mais bravo pela cidade, que sai correndo e é acompanhado por uma multidão. [...] A miscigenação de culturas gerou modificações na brincadeira, que, no Brasil, assume características mais agressivas. [...] Muitas vezes, o boi desesperado vai para o mar tentando fugir da multidão enlouquecida e acaba se afogando.” (Disponível em: <http://www.marcosgeograficos.org.br/pdf/html.php?id=135> Acesso em: 25 dez 2014). Atualmente a Farra do Boi está proibida em Santa Catarina pelo Supremo Tribunal Federal (STF). No entanto, este evento continua sendo praticado na Costa, com a adesão de um grupo de moradores (que se diverte) e a contrariedade de outro grupo (que fica fechado em suas casas). Quando há denúncia, a polícia raramente aparece (conforme notícia veiculada no site <http://www.tudosobrefloripa.com.br>, no dia 13 de janeiro de 2014).

boi, assustado, vai passando por quintais, pisoteando hortas e plantas, arrebrandando canos e fazendo outros estragos que têm levado muitos moradores a se esconderem dentro de suas casas, deixando de participar:

Até tem uns moradores, mais velhos, que acharam que perdeu a graça, que não gostam mais. Antes chegava a ser uma confraternização, que vinha gente do Saco Grande, da Lagoa, de Ratones, do Rio Vermelho. Agora, na Farra do Boi da Costa, você não encontra mais ninguém dessas pessoas, acabou... É muito grito, é muito violento... Não entendo essa necessidade de fazer essa farra com tanta frequência, talvez seja a falta de uma quadra de futebol, de outros eventos, de futebol suíço, qualquer coisa para ajudar a tirar essa energia. (Maria, caderno de apontamentos 1 de julho de 2014)

A fala de Maria possibilita problematizar uma possível falta de opções de lazer na Costa, principalmente ao entardecer e à noite, pois os restaurantes só abrem para o almoço, restando em funcionamento apenas quatro pequenos bares, que são frequentados por homens e poucas mulheres, pois assim é a tradição na Costa. Considerando que os barcos param de transitar entre vinte e uma horas e meia-noite²³, escutam-se muitas reclamações dos mais jovens que reivindicam mais espaços de convivência e lazer. Alguns acabam morando fora, mas mantêm laços muito estreitos com o cotidiano da Costa. Os mais velhos, aos domingos à tarde, frequentam o baile na Sociedade dos Amigos da Lagoa (SAL), que fica no centrinho da Lagoa da Conceição.

Com o intuito de ampliar as possibilidades de convivência e de lazer, regularmente surgem algumas iniciativas como o cinema itinerante, as festas no Salão Paroquial, os passeios para a Prainha e outros. No entanto, a adesão não tem sido significativa e dificilmente há pessoas circulando após escurecer. Arrisco aferir que os jovens, em seus momentos livres, querem conhecer pessoas diferentes e viver experiências para além da Costa, optando, quando não estão passeando,

²³ O último horário de saída de barco da Costa, durante a semana, é 21 horas e 30 minutos e o último horário de retorno é 23 horas e 30 minutos. Aos finais de semana e feriados, é 21 horas e 22 horas, respectivamente, o que dificulta ainda mais a possibilidade de participar de algum evento que aconteça fora da Costa. Os barcos da Copercosta encerram a travessia às 17 horas.

por ficarem em suas casas, com familiares e amigos, assistindo televisão, conversando, usando as redes sociais. Estes hábitos “misturados” podem ser compreendidos pela “circularidade cultural” (GINZBURG, 1987), pois, na concepção apresentada, os moradores da Costa, guardadas as suas historicidades e as suas culturas, apresentam curiosidades que os fazem buscar informações, experiências e hábitos para além dos seus territórios. Esta adesão não os impedem de manter vivas as diferenças ao pensar e ao viver como Nathan que conhece Florianópolis andando de ônibus, frequenta praias, cinemas, baladas, quer fazer cinema e se encanta ao ler os filósofos clássicos. A “circularidade cultural” (GINZBURG, 1987) como toda a ação humana, tem aspectos positivos e negativos, pois, tanto pode trazer o saudosismo e o desejo de voltar ao passado, como pode negar o passado e o presente, projetando para um futurismo que pode destruir valores e preceitos de vida coletiva.

No entanto, na Costa, algumas tradições têm sido mantidas e, talvez, possam ser caminhos de fortalecer o coletivo. Segundo Santos (2013), a comunidade da Costa e seus visitantes se agitam em cinco momentos anuais: a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, coordenada pela Igreja Católica; a *Festa do Carnaval*, na qual sai o *Bloco da Carapeva*, sendo coordenada pela Associação de Moradores; a *Festa Junina* e a *Festa do Folclore*, coordenadas pela escola e a *Farinhada*, coordenada pelos moradores da Vila Verde.²⁴

Neste breve percurso pela Costa, evidenciei os traços culturais, o estilo de vida presente em seu cotidiano, as relações parentais, os valores, as dificuldades e os limites, as expectativas e as representações de ser nativo e que asseguram a sensação de pertencimento a um local e a uma cultura. No entanto, o que vivi na Costa durante os três meses em que lá fiquei, foi tão intenso e significativo - na concepção das experiências, que afirmo estar presa pelas tramas das redes e rendas, mas, dialeticamente, que sinto a liberdade do vento que agita as águas e faz marolas no constante movimento de aprender, desaprender e tornar a aprender. Busco e encontro a poética de Manoel de Barros (2010, p. 374) para acalantar a angústia de registrar com palavras o que é mais do que eu mesma: “A maior riqueza do homem é a sua incompletude.[...]”

²⁴ Considerando que cada uma destas manifestações apresenta características peculiares, indico a leitura da dissertação de Solange Rocha dos Santos, “Olhar pelas fronteiras - o diálogo estético entre esferas sociais” defendida na Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.”. Nesta consciência da minha incompletude e dos limites desta pesquisa que reúne trilhas, mas que não pode e não quer aprisionar e estagnar a vida, compartilhei aspectos da Costa que penso ter compreendido no processo da pesquisa e passo, na sequência, a apresentar a definição da metodologia.

2.3 TRILHAS E TRAVESSIAS METODOLÓGICAS: “DEIXEI UMA AVE ME AMANHECER”²⁵

*Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as águas.
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas.
Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos.*
Manoel de Barros (2010, p. 383)

A proposta temática foi se configurando e definindo o campo de pesquisa. A Costa se apresentava com um dos campos mais viáveis por sua localização geográfica, a possibilidade de alugar uma casa, a existência de uma natureza abundante, a presença de crianças e a relativa facilidade de ir e vir, assegurando a participação nos grupos de pesquisa e demais atividades do mestrado. Até este momento havia estado na Costa por três vezes, duas como turista e a terceira, já com o objetivo de avaliar se, realmente, poderia ser o campo da pesquisa. Esta terceira visita aconteceu no dia 12 de outubro de 2013, por uma coincidência, Dia das Crianças. Durante o almoço, um menino, filho do dono do restaurante, brincou muito na água enquanto corria atrás de um cachorro. Após almoçar, durante uma caminhada pelas vielas, comecei a observar as crianças que subiam e desciam as montanhas, corriam, escalavam pedras e brincavam com um filhote de cachorro que passava de mão em mão e que virou motivo de disputa. Depois, percebi que as crianças entraram para as suas casas e saíram acompanhadas dos adultos, todos bem vestidos e bem penteados. Nesta busca de se fazerem bem apresentados, verifiquei que há uma estética construída socialmente pelo grupo de moradores da Costa, como uma maneira de serem aceitos pelo grupo (SPINK; MENEGON, 1999). Observei que caminhavam em direção ao Salão da Igreja, onde a comunidade havia organizado uma festa para as crianças, com música, cachorro quente, pipoca e doces. Algumas dançavam lá dentro e outras saíam para dar uma volta e correr pelo pátio e escadaria.

25 BARROS, Manoel. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010. p. 275.

Assim, a escolha da Costa da Lagoa, como campo de pesquisa, foi sendo confirmada por sua localização geográfica e as características de sua comunidade que, segundo Pereira (2012, p. 13): “[...] conservam alguns aspectos bucólicos como a falta de estradas, a natureza abundante, o pequeno vilarejo organizado em torno da igreja e a falta de alguns recursos ‘modernos’ de infraestrutura.”. Decisão tomada, a Costa da Lagoa seria o campo da pesquisa.

2.3.1 Primeiras aproximações: a chegada e a gestão do campo de pesquisa

Ao decidir o campo a ser estudado, iniciei um levantamento das pesquisas que já haviam sido feitas na Costa da Lagoa. Uns dos primeiros textos que li foi o de Pereira (2012) e, por ser um trabalho atual, sobre a gestão de crianças e com uma metodologia próxima da que pretendia seguir, busquei contato com a mesma, considerando que ela havia morado na Costa durante o tempo de estudo. Enviei um e-mail que foi respondido prontamente e, assim, agendamos uma visita à comunidade.

No dia 27 de fevereiro de 2014, voltei a visitar a Costa com a Maria Fernanda. O dia estava chuvoso e fomos pelo Rio Vermelho, travessia mais curta. Entramos no barco e ela, enquanto cumprimentava os barqueiros, foi me explicando um pouco sobre a comunidade. Descobri que ali há poucos troncos familiares ampliados que realmente são da Costa, os demais são migrantes. No entanto, as famílias mais antigas são bastante numerosas e, portanto, constituem-se como maioria. Também é importante mencionar que estes moradores são os mais antigos e mantém certa hegemonia nas decisões familiares e políticas, fator este determinante para a Costa não ser incluída em projetos públicos que visem a homogeneização dos espaços das cidades, assegurando a sua identidade e o respeito a sua cultura, sem negar que a comunidade, como qualquer outra organização social, viva num constante processo de (re)construção e (re)invenção. No entanto, na Costa, este processo tem ocorrido com maior consciência, evitando afetar as tradições comunitárias de pescadores e de rendeiras (SILVA, 2013).

A presença deste jeito peculiar de ser foi observado no barqueiro que nos conduzia. Apesar de estar em constante travessia entre a Costa e o Rio Vermelho, transportando moradores e turistas, mantém traços culturais que perpassam o seu ser e se manifestam nos gestos corporais lentos e precisos. Com cuidado, atracou o barco próximo a escola, pois a

Maria Fernanda está cursando doutorado e um dos possíveis campos de pesquisa é esta instituição educativa. Descemos e fomos recebidas pela diretora. Falamos com uma professora que estava trabalhando há um mês na escola e que se mostrou encantada com os alunos, por suas maneiras de ser, de estarem na escola, de se relacionarem com as outras crianças e com os adultos. Disse que ali se preserva muito as questões da família e que as crianças são mais calmas, mais ouvintes, menos violentas. De fato, as crianças que moram na Costa e que frequentam a escola têm de um a onze anos e não passam por pressões de horários e por cobranças de assumir funções que não lhes cabem como crianças. Por outro lado, a ausência de veículos motorizados, as relações de parentesco e de vizinhança, a quase inexistência de violência e o convívio com a natureza trazem uma liberdade de ser e de estar que possibilita um viver mais leve, embora permeado pelos conflitos inerentes à vida. No entanto, apontou como um problema o fato de haver, na escola, muitas ligações familiares entre professores, funcionários e as crianças, acabando por misturar um pouco as relações e as funções de cada instituição social. Embora não seja fator determinante, o livre acesso das famílias ao ambiente escolar e as relações de parentesco de algumas crianças com os professores gera comportamentos manhosos e privilegiados, segundo a sua opinião. No entanto, com o passar do tempo, foi possível constatar que há regras que são seguidas nos espaços e tempos escolares que são diferentes dos demais espaços da Costa (SANTOS, 2013).

Como a diretora estava bem atarefada, pediu para que uma professora, que trabalha há dezenove anos na escola, falasse sobre os projetos desenvolvidos e que contemplam questões ligadas à comunidade, no sentido de valorizar a cultura local com o apoio dos moradores mais velhos. Esta professora também falou que os pais participam muito da vida escolar dos filhos e que, de maneira geral, as crianças sentem muita dificuldade quando têm que estudar na escola da Lagoa, embora este seja um sonho das crianças quando se aproximam do quarto ano do Ensino Fundamental, último ano ofertado na escola. Contou que, ao mudarem para a escola da Lagoa, as crianças passam por um período complexo de adaptação cultural. No entanto, também falou que o mesmo não acontece em relação aos conteúdos, pois não há dificuldades. A escola da Costa é reconhecidamente de qualidade, possuindo alunos de outras partes que vêm todos os dias para estudar.

Na saída, falamos com o professor de Educação Física que enalteceu as possibilidades de trabalhar a cultura corporal com atividades diferenciadas e relacionadas com a natureza, pelo fato da

escola não ter uma quadra de esportes fato que, na opinião dele, possibilita aulas mais criativas e divertidas. No momento, como chovia, não havia crianças nos espaços abertos. Alguns jogavam ping pong dentro de sala, enquanto outros simulavam a prática do surfe, em uma tábua com mola embaixo. O professor relatou que, em dias quentes de sol, as crianças vão para a água da lagoa. Enquanto estávamos conversando com ele, apareceu um menino e falou: “Professor avisa na hora do barco, para eu ir embora, se não vou perder.”. Ao ouvir o menino, foi possível começar a compreender que a vida cotidiana, na Costa, se organiza pelas idas e vindas dos barcos que são pontuais e regulares, permitindo o que permite que cada usuário estabeleça a sua rotina e se desloque para o trapiche em horário muito próximo da passagem do barco, o que, de certa maneira, diminui o tempo que é gasto com a travessia. Esta pontualidade também é importante porque na Costa não circulam veículos e quase a totalidade das compras é feita fora (Lagoa e Ilha), exigindo que se estabeleçam redes de cooperação entre os moradores e as famílias para que ajudem a carregar as sacolas.

Conversa encerrada, caminhamos até a casa de Flor, próxima ao ponto 15, uma referência de acolhida às pessoas de fora e local onde Maria Fernanda morou durante sua estada no campo de pesquisa. Fomos recebidas com café e torrada enquanto um gato comia carne de siri. Flor é filha de uma das famílias mais antigas da Costa, sua mãe teve vinte e um filhos, estando dezoito vivos. Durante a nossa conversa, entravam e saíam irmãs, vizinhas e foi passado café por três vezes, enquanto a anfitriã enfatizava diversas vezes que a Costa é um lugar tranquilo, sem violências e protegida pelos próprios moradores, que, ao observarem qualquer movimento estranho, tomam as devidas providências, pois como Flor mesmo afirmou: “*A gente não é acostumado com isso.*”, insinuando, de certa maneira, que há convivências diferentes e com menor grau de confiança na sociedade mais ampla. Flor, ao fazer esta afirmação, com tanta certeza, exerce a dimensão do poder que está presente no cotidiano de quem sabe que está em seu lugar (SCHAWADE, 1992). Nesta concepção, durante a primeira semana de morada na Costa e de convivência mais próxima de Flor, experimentei o que a mesma autora descreveu sobre as relações estabelecidas em sua pesquisa com assentados: “Para viver no espaço do outro é preciso aceitar as suas regras. [...] Os ‘nativos’ também decidem o que devemos ouvir e observar.” (1992, p. 46-47).

A Maria Fernanda então disse para Flor que eu tinha interesse em alugar a casa e morar um tempo na Costa. Flor contou que havia separado do marido e que ele estava morando na casa que minha colega

havia alugado. Fiquei com o contato e com o carinho de Flor registrados como os meus passaportes para o campo de pesquisa. Aproximadamente dois meses depois, fui até a Costa para escolher uma casa e definir o aluguel. Pedi para dormir uma noite na casa de Flor e fui bem acolhida por ela, por Laura e Nathan, seus filhos. Nesta primeira noite na Costa já foi possível perceber que pouquíssimas pessoas circulam pelos locais públicos após escurecer.

Após o café da manhã, andamos pela Vila Principal para ver quem tinha casa para alugar. Conversamos com muitas pessoas e vimos muitos imóveis, mas por motivos de segurança e possibilidade de apoio, optei por alugar a casa localizada ao lado da moradia de Flor. A intermediação com o proprietário foi conduzida pela própria Flor que, durante a conversa, demonstrou habilidades para convencê-lo, visto que é uma casa utilizada no verão por sua família e, costumeiramente, não é alugada. Flor, que me via pela segunda vez, afirmou para o proprietário que eu era uma pessoa de confiança e que não daria nenhum tipo de problema. No gesto de Flor foi possível encontrar as características do jeito brasileiro descrito por Damatta (1986) como uma maneira e um estilo de se realizar as coisas, em geral de forma pacífica, passando pelas entrelinhas das afirmativas proibitivas e de negação (Não pode! Não quero!). Neste caso em específico, notei uma espontaneidade permeada de confiança no outro, permitindo arriscar e transgredir. Por outro lado, após estas afirmativas espontâneas, senti que se estabelecia um caminho de confiança mútua que extrapolava as relações entre pesquisada e pesquisadora, seguindo a indicação de Schwade (1992, p. 45): “Para todo o estrangeiro, o primeiro passo é a conquista da confiança, através do reconhecimento.”.

Depois de dois meses estava morando na casa e, desta maneira, atrasando o início da reforma prevista pelo proprietário. Passei a fazer as refeições com a Flor e seus filhos. Usava o *wi-fi* da família e percebi que as nossas vidas estavam se conectando. A proximidade com Flor, conhecida e reconhecida como alguém da Costa, que me apresentava como a menina sob seus cuidados e que iria estudar a comunidade, facilitou a minha inserção e aceitação nos diferentes espaços, possibilitando que a minha permanência e o acesso aos dados de pesquisa se dessem de maneira tranquila. Outro aspecto determinante foi a minha abertura para os diferentes questionamentos sobre a minha história, os objetivos da minha estada e a disponibilidade de estar com eles para além da intenção de pesquisar, circunstância também evidenciada nos estudos de Schwade (1992).

Aos poucos ia fui compreendendo os jeitos de viver, os valores, os costumes e, na medida em que fazia as travessias entre a Lagoa e a Costa, fui observando que há um código que orienta o uso dos espaços do barco, que não está escrito, mas é conhecido e acatado pela maioria. No dia primeiro de maio de 2014, fazia a minha mudança para a Costa e, ao entrar no barco, coloquei uma mala em cima do banco. Ainda não havia sentado quando uma senhora, de maneira não muito delicada, falou para mim: “*Em cima do banco não dá para colocar mala, pode rasgar a almofada e a gente cuida porque é de todos e todos usam.*”. Rapidamente retirei a mala e pedi desculpas, mas ela não parou. Como havia sentado bem na frente do barco, me sugeriu para ir mais pra trás, porque na parada do “Canto dos Araçás”²⁶ iria lotar e a mala podia atrapalhar. Foi o meu primeiro impacto no campo da pesquisa, mas, em compensação, esta mesma senhora acabou me ajudando a levar as malas mais para o fundo do barco. Continuamos a travessia e, quando estava próximo de chegar ao Ponto 15, local em que deveria descer, liguei para a Flor vir me buscar e ajudar, mas já era tarde, o barco chegou e, como ela não estava ali, comecei a retirar as minhas coisas, pouco a pouco, pois estavam bem atrás do barco. Logo as pessoas começaram a ajudar com espontaneidade e delicadeza. Fiquei no trapiche, rodeada de bagagens e logo um senhor me perguntou para onde eu iria e, ao saber que era perto, passou a carregar as minhas coisas para a casa na qual iria passar os próximos três meses. Nesta primeira travessia, senti acontecer a descrição precisa de Lagrou (1994, p. 100-101) sobre a chegada do pesquisador ao campo de pesquisa e as relações que vão sendo estabelecidas:

[...] Mas temos também o horizonte de quem nos recebe e que tem também suas experiências prévias e suas perguntas com relação a nós que determinará sua abertura ou falta de abertura.

O horizonte do pesquisador é formado pelas perguntas e questões que pensou antes de ir ao campo, na fase preliminar do rito de passagem, quando devorava etnografias de outros, aprendendo com introduções que não existe método a solucionar o desafio do diálogo com o outro que fala outra língua e vive outra vida, outros valores.

²⁶ Canto dos Araçás: é um ponto intermediário entre a Costa e a Lagoa, sendo o último local em que é possível chegar de carro, na direção Lagoa-Costa.

Em estudos etnográficos, geralmente o programado não acontece e, tampouco, a isenção de sofrimentos da própria pesquisadora que, ao conviver com o outro, passa também a conviver consigo mesma de uma maneira nunca antes experimentada (GROSSI, 1992). No processo de aproximação e de desenvolvimento da pesquisa muitas vezes senti a solidão, o frio na barriga, a vontade de abrir a porta e ver o objeto de estudo fazendo algo surpreendente, mas aparentemente nada acontecia. Esta relação entre a pesquisadora e o objeto pesquisado, que são da mesma natureza humana, provoca inquietações e incertezas com relação a nossa própria identidade e a nossa cultura (GROSSI, 1992).

Com o passar do tempo fui percebendo que, na rememoração de Guimarães Rosa (1988, p.13): “Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.”. Assim, fui convivendo com pequenas situações que iam indicando os jeitos de ser criança na Costa. No dia dois de maio, de dentro do barco, avistei uma menina andando em cima do telhado da casa e gritando para nós. A seguir, observei um menino que estava ajudando o proeiro a segurar o barco para as pessoas desembarcarem, sem medo nenhum. Também havia alguns meninos soltando pipas nas pontas dos trapiches. Em outra situação, estava no barco com Toquinho, o meu cachorro etnográfico²⁷, e uma menina veio direto fazer carinho nele, em total confiança, sem perguntar se era bravo. No decorrer do tempo, fui sendo surpreendida e presenteada com outros tantos detalhes que foram constituindo a textura dos achados de pesquisa, sendo que nos momentos em que era reconhecida e saudada pelos gritos, abraços e sorrisos das crianças senti, na pele, a poética de Manoel de Barros (2010, p. 470): “Você vai encher os vazios com as suas peraltagens. E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.”. E assim foi.

A cada travessia, novas descobertas. No dia três de maio de 2014, enquanto esperava o barco partir, comprei a minha passagem e coloquei os pertences dentro do barco. Ao sentar em um banco, na espera do horário, notei que uma mulher deixou as suas compras no trapiche para pegar algo que faltou no mercado. Ali comecei a ver que o território da Costa é um pouco mais amplo do que as suas vilas, pois, de certa maneira, o trapiche da Lagoa, por ser frequentado diariamente pelos

²⁷ Denominação que passei a dar ao meu cachorro Toquinho, um Shih Tzu, que está comigo há cinco anos e que passou a morar na Costa durante o tempo da pesquisa, pelo fato dele ter sido um importante parceiro em minha estada na Costa e no desenvolvimento desse estudo.

moradores, constitui-se como território da Costa, diferente dos demais espaços que contornam a Lagoa. Esta manifestação cultural permite que sacolas, malas e outros pertences sejam deixados nas proximidades dos barcos sem necessidade de haver alguém designado para vigiar. Outra experiência vivida indicando a reciprocidade de confiança que circula no trapiche da Lagoa, foi quando expliquei a minha situação e pedi para pagar a passagem como moradora. A pessoa que atende no guichê, apesar de explicar como deveria formalizar a solicitação, confiou em minha palavra e esta foi uma manifestação de que, de certa maneira, eu começava a ser reconhecida pela comunidade.

No percurso fui observando as crianças que estavam no barco. A maioria, pelo horário, em torno de doze horas, estava retornando para casa depois da escola com mochilas e muitos assuntos. Umas comiam batatinhas com refrigerante, uma menina pequena, de aproximadamente quatro anos jogava no *tablet*, umas três adolescentes conversavam, dormiam e mexiam em seus celulares. A maioria das pessoas trazia alimentos, frutas, verduras e outras compras. A ida para a Lagoa ou para o centro da Ilha gera a oportunidade de contato com os produtos que são veiculados pela mídia - roupas, calçados, acessórios, equipamentos tecnológicos, guloseimas, alimentos e brinquedos industrializados. Este é um direito de todos, como cidadãos, mas também é um risco de consumismo e, no caso das crianças, de negação da cultura local, das brincadeiras inventadas e dos alimentos caseiros. No entanto, esta é uma zona de conflitos e de contradições que precisa ser encarada com diálogo, na busca do equilíbrio, porque não se pode, *a priori*, restringir a vida dos moradores ao que existe e acontece na Costa. Dialeticamente, estas experiências podem ser alienantes e/ou interessantes, mas todas, com certeza, gestam aprendizagens.

Perguntei para Gabriela, que conheci no barco, se era necessário avisar em qual ponto iria descer e ela respondeu: “*Morador não precisa, mas quem vem de fora e não é conhecido, daí sim precisa!*” (caderno de apontamentos, 03 de maio de 2014). Decidi não indicar para o proeiro o ponto que precisava descer e foi com emoção que acompanhei o barco diminuir a velocidade e atracar exatamente no ponto 15. Travessia feita, desci do barco e, quando cheguei em casa, estava tudo limpo. A casa me esperava e eu comecei a sentir a veracidade da música de Arnaldo Antunes (2009): “A nossa casa é onde a gente está. A nossa casa é em todo lugar.”. Organizei minhas coisas, fui para a reunião da Associação de Moradores e, no caminho, encontrei alguns meninos conversando. Logo avisaram que a reunião que o Amadeu, presidente da Associação de Moradores, havia me convidado, estava sendo na escola e não no

Posto de Saúde como combinado. Ao chegar à reunião, percebi que algumas pessoas que estavam no barco e que não são moradoras na Costa, coordenavam a reunião e apresentavam um projeto de sustentabilidade e de autonomia. A questão dos cuidados com a natureza, como ambiente sustentável, é nova para a comunidade e, por isso, a Associação teve esta iniciativa para elaborar um projeto participativo. Nesta reunião me apresentei e fiquei próxima de algumas pessoas, principalmente da ex-diretora (Sofia) e de duas professoras da escola. Voltamos para casa caminhando juntas, com o auxílio de lanternas, e conversamos bastante.

O primeiro amanhecer em minha nova casa aconteceu depois de uma noite tranquila e silenciosa. Acordei com o canto dos passarinhos e o ruído de um rastelo. Abri a porta e vi que alguém estava mexendo no pátio. Era o meu vizinho, Bernardo, varrendo o quintal. Começamos a conversar e ele foi orientando a minha estada na casa que fica sob a sua responsabilidade nos períodos em que o dono não está. Falou que poderia comer as frutas do pomar, mas recomendou que eu deixasse algumas para a família do dono, pois tinham o hábito de colher e comer as frutas nos períodos em que estavam na Costa. Com o passar do tempo, Bernardo e sua esposa Bela, irmã de Flor, foram se tornando minhas referências de vizinhança, de cuidados, de conversas e de partilhas. Quitutes feitos por ela passavam pela cerca, assim como álbuns de fotografias eram mostrados e comentados. A Costa estava se tornando menos desconhecida para mim e seus moradores, aos poucos, foram deixando de ser anônimos para, entre enredos e histórias, se tornarem rostos, nomes, singularidades, mas sempre partes de um coletivo.

2.3.2 Encantamentos: mergulhos, aproximações, distanciamentos, reaproximações

Após umas duas semanas de moradia na Costa, passei a perceber que os caminhos de acesso a comunidade, via Maria Fernanda e Flor, haviam facilitado a minha aceitação pelos moradores. Em caminhadas era reconhecida, cumprimentada e, não raras vezes, era parada para um abraço, para uma prosa, para um cuidado. Este reconhecimento se iniciou principalmente com as crianças, que me identificavam como professora, visto que me ofereci para acompanhar as aulas de Educação Física da escola. Fato comprovado com a aproximação do Rafael, aluno da escola, dizendo, enquanto esperávamos o barco: “Você não lembra que me conhece da escola?”.

A aproximação com a escola também facilitou a compreensão sobre as crianças da comunidade, os seus afetos e as suas referências familiares (pais, avós, amigos e moradias). Passei a priorizar o acompanhamento da chegada e da saída da escola. Algumas crianças, principalmente as mais novas, eram levadas e buscadas por um adulto, geralmente a mãe. Em uma demonstração de coletividade, normalmente cada mãe levava duas ou três crianças. Observei que esta prática era legítima e aceita, pois nem sempre havia um combinado a priori, como foi constatado na fala de uma mãe: “Mariana, você vai comigo hoje, pois a sua mãe vai demorar a chegar. Depois ela vai passar lá pra te pegar.”.

Entretanto, a maioria das crianças vai e volta sozinha da escola, algumas de barco e outras a pé. Desta maneira, havia dias em que eu acabava acompanhando as crianças a pé até as suas casas. Íamos conversando, brincando de pega-pega, imaginando histórias. Outras vezes eu pegava o barco e, quando sentava longe das crianças, elas se aproximavam e ali eu ouvia histórias, fazíamos desenhos, criávamos personagens, mostravam-me as suas casas e de seus parentes, tirávamos fotos, ouvia reclamações sobre os donos dos barcos, trocávamos muito tchau e beijos à distância. Elas no trapiche e eu no barco. Passei a perceber que a minha presença era significativa neste retorno da escola, seja a pé ou de barco, quando ao final da aula, as crianças me procuravam e questionavam: “Mira, você vai andando com a gente hoje?”; “Mira, você vai de barco hoje, né?” e, finalmente, constatei a importância quando depois de alguns dias sem pegar o barco com eles o Teozinho me perguntou: “Mira, por que você não pega mais o barco na mesma hora que eu?”.

Esta aproximação com a escola foi fundamental para que as crianças confiassem em mim, assim como os seus responsáveis. Na escola aprendi sobre as peculiaridades da comunidade, sobre os projetos e pesquisadores que passaram por ali, sobre os conflitos que estão presentes. Para além deste conhecimento, a aproximação me ajudou como pesquisadora a conseguir justificar, de forma clara, a minha presença na comunidade, mesmo se tratando de um campo tão pesquisado nos mais diferentes âmbitos, como a Costa.

Com o intuito de conseguir permanecer o máximo de tempo no campo de estudo, para compreender seus significados e pormenores, a pesquisa foi fundamentada na etnografia, método científico que visa descrever um grupo ou uma cultura a partir de observações sistemáticas e participativas, complementadas por conversas informais e outros recursos que possibilitem compreender uma determinada cultura em

suas manifestações cotidianas, visto que a vida diária se apresenta como grande potencialidade de movimentos transgressores e criativos, sendo capaz de se ressignificar e de buscar outras formas de viver (MARINHO, 2003). Os estudos etnográficos exigem que o tempo de permanência e de convivência no campo de pesquisa seja o mais amplo possível, pois os fenômenos relacionados com um determinado grupo social ocorrem nas dinâmicas da vida, sendo importante que se possa observar e registrar no caderno de apontamentos a maior quantidade de detalhes. A descrição que se pretendeu foi holística, isto é, cada momento observado compunha uma unidade que não é apenas a soma das partes, mas um organismo que se articula como um todo. A etnografia também se caracterizou pela ausência de julgamentos, pois não parte de padrões definidos a priori, portanto, não há certo ou errado, melhor ou pior, mas há o que se manifesta no cotidiano social e estas foram as informações coletadas, registradas e interpretadas (TRICHÊ; MORETTI-PIRES, 2012).

O desafio metodológico foi o de conjugar momentos de mergulho na realidade, com momentos de afastamentos e estranhamentos, para não desprezar aspectos do cotidiano, pois, de acordo com Magnani (1998, p. 18): “[...] à medida que o desconhecido vai se tornando familiar, corre-se o risco de prestar atenção apenas a questões supostamente mais importantes.”. Com o tempo alguns costumes foram se tornando comuns e a leitura constante do caderno de apontamentos auxiliou para a necessária percepção de familiaridade com a realidade, pois nele ficaram revelados sentimentos, relatos e costumes que, aos meus olhos, já passavam despercebidos ou não tinham sido notados. No envolvimento com as pessoas, a observação passou a ser cada vez mais participava e alguns detalhes foram dando lugar a outros. Neste sentido, no período em que morei na Costa, continuei possuindo compromissos semanais na Universidade e isso acabou me auxiliando no afastamento necessário para evitar o excesso de familiaridade com o campo de pesquisa, embora houvesse uma intencionalidade anterior de manter metodologicamente esse olhar a distância, mesmo que estivesse próxima.

Estes caminhos foram percorridos para permitir, com o maior aprofundamento possível, a compreensão do que era vivido pelos participantes da pesquisa e, por outro lado, assegurar o diálogo com as teorias que fundamentam o estudo e o livre pensar em busca da síntese que busquei materializar nesta dissertação. A pesquisa manteve uma predominância qualitativa, sendo de caráter descritivo, que, segundo Negrine (1999, p. 61), está apoiada: “[...] na descrição, análise e

interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório procurando entendê-las de forma contextualizada.”. Portanto, como se tratou de uma pesquisa descritiva, busquei apresentar os fenômenos sem a preocupação de generalizar os dados e tampouco de inserir variáveis no cotidiano investigado, mas, sim, de perceber as sutilezas, delicadezas, conflitos e significados que fazem parte do contexto estudado (MINAYO, 1996, 1999).

Thomas e Nelson (2002, p. 253) advertem sobre a possibilidade dos estudos descritivos serem considerados excessivamente simples. No entanto, os mesmos autores afirmam que: “[...] o processo de observar e descrever fielmente, contudo, requer habilidade considerável, e, pode ser bem ou mal realizado. [...] a descrição precisa, feita com discernimento, pode ser extremamente útil e esclarecedora.”. Também afirmam que a metodologia descritiva exige capacidade de pensar racionalmente para retratar a realidade de maneira fidedigna, exigindo cuidados em relação aos preconceitos internalizados que podem comprometer a capacidade de coletar e compreender os dados.

Considerando que a pesquisa proposta pressupõe interfaces entre a educação física e as ciências humanas e sociais, é importante ressaltar, como afirma Minayo (1996, p.15) que: “[...] as Ciências Sociais, [...], possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória.”. Nesta afirmação, são apontados os possíveis limites da pesquisa e a sua provisoriade histórica e científica, mas, ao mesmo tempo, indica-se as possibilidades de fidedignidade na coleta e na interpretação dos dados.

Em etnografia, como Magnani (1998, 2002) traz em seus estudos, deve-se buscar que “o olhar de longe e de fora” se torne “o olhar de perto e de dentro”, com a compreensão de que nossa subjetividade faz parte de todo o processo. Velho (2011, p. 178) também evidencia o encontro com a subjetividade de quem pesquisa:

O próprio pesquisador é, em parte, personagem das histórias e das narrativas que colhe. Assim como as pessoas do universo pesquisado, desloca-se entre diferentes planos e níveis da realidade, num jogo retrospectivo e prospectivo de memórias e projetos em que a subjetividade está sempre presente.

Neste percurso, a escolha da etnografia se justificou pela delimitação do problema e pelos objetivos da pesquisa que evidenciam a necessidade de estar no campo de estudo para viver o cotidiano o mais próximo possível das crianças e dos adultos com o mínimo de interferência possível (GEERTZ, 1989). A partir da etnografia busquei a compreensão da vida como um todo, dos aspectos simbólicos e culturais da ação social, da existência, das emoções e dos sentimentos, como as pessoas envolvidas no estudo atribuem sentidos para os fatos da vida, como interpretam suas experiências ou estruturam o mundo no qual vivem (DELGADO; MÜLLER, 2005). Neste percurso, não houve um número pré-definido de crianças e de adultos para se constituírem participantes da pesquisa. Também não foi exigido que os integrantes do estudo participassem de todas as suas etapas. Respeitando as dinâmicas do local, dos moradores antigos e das próprias crianças, cada um pode ir e vir livremente. Nesta concepção, cada morador conversou o tempo em que se dispôs, detalhando aspectos de sua escolha. Cada criança pode ter sido observada e ter participado por algumas horas, por alguns dias, ou por todo o tempo da pesquisa de campo, dependendo de sua vontade, das circunstâncias de sua vida e das necessidades da coleta de dados.

Esta flexibilidade foi possível porque não se pretendeu compreender as crianças de outrora e de agora a partir de padrões estabelecidos *a priori*, mas observar e conviver com as suas diferentes maneiras de se relacionarem, de estarem com e na natureza, de brincarem e de se apropriarem dos diferentes conhecimentos. A intenção foi de, inicialmente, observar o que se apresentava na superfície para, gradativamente, ultrapassar as primeiras impressões articulando o fazer e o pensar dos antigos moradores e, principalmente, das crianças, com a história e a cultura de seu povo, pois como afirma Cohn (2005), a atenção deve ser dobrada quando algo parece óbvio, pois é preciso significar os achados na mediação do contexto histórico, social e cultural. Nesta perspectiva, foram participantes os antigos moradores da Costa da Lagoa que se mostraram disponíveis, após receberem as informações necessárias para compreender os objetivos da pesquisa e as possíveis implicações em suas vidas. Também participaram crianças que circulam pelos espaços públicos da Costa.²⁸

²⁸ O Projeto de Pesquisa foi submetido à análise do Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina, sendo recomendado com o Parecer Consubstanciado Nº 701.067/2014. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndices A e B) atendendo aos princípios éticos estabelecidos pela Resolução 466/2012, do Ministério da

Considerando que a etnografia não utiliza testes ou outros instrumentos baseados em respostas, comportamentos ou performances esperadas *a priori*, o caderno de apontamentos foi o companheiro inseparável para que não se perdessem detalhes que, em um primeiro olhar, podem parecer descartáveis, mas que, ao se relacionarem com outros fatos e instrumentos, podem evidenciar significativas particularidades do grupo estudado. O caderno de apontamentos consistiu em sempre ter em mãos, nas andanças pela Costa, um lápis e um caderninho, além de uma máquina fotográfica e o celular para complementar a descrição dos fatos e algumas gravações de falas. Como a máquina e o celular são aparelhos que as crianças possuem contato, o que mais chamava atenção era o caderno. Constantemente perguntavam-me: “*O que você está escrevendo aí?*”; “*Posso tentar ler?*”. Por esta curiosidade latente das crianças que acabavam se distraíndo e deixando de brincar, algumas vezes utilizei o celular para gravar falas, descrever acontecimentos e, ao chegar em casa, transcrevia para o caderno de apontamentos, justamente com o intuito de interromper o mínimo possível, sem deixar de fazer minhas anotações.

Estudos como os de Brandão (1982) e Lagrou (1994) indicam que o caderno de apontamentos passa a ser a memória cronológica nos tempos da pesquisa, pois nele são registradas as observações, as conversas informais, as dúvidas, as inquietações, os sentimentos provocados na pesquisadora ao estar em campo, as lacunas que indicam a necessidade de novas leituras. Escrever é um exercício necessário para a resistência de sucumbir aos apelos de encantamento e para construir o distanciamento afetivo com relação aos contextos do campo de pesquisa e aos participantes. Registrar as informações coletadas, organizar o pensamento, redefinir os caminhos da pesquisa e projetar as novas estadas em campo são caminhos para equilibrar as tensões entre a aproximação e o afastamento (LAGROU, 1994). No exercício de criar este distanciamento, a escrita diária do caderno de apontamentos se fazia necessária. Nele buscava registrar as condições do tempo, falas, histórias ouvidas, gestos observados, sentimentos que se desenrolavam, cheiros,

Saúde. As crianças, a princípio, foram observadas nos espaços públicos e coletivos, mas só participaram da pesquisa aquelas cujos pais ou responsáveis assinaram o TCLE, permitindo esta participação. Embora, de acordo com a referida Resolução (BRASIL, 2012), os participantes tivessem o direito de desistir da pesquisa quando assim o desejassem, não houve nenhuma dissidência. Somente um pai não autorizou a participação do filho e a sua vontade foi respeitada.

texturas, olhares. Estas anotações tinham o intuito de conseguir mais detalhes para diferenciar o ato de piscar para um tique nervoso, no sentido de valorizar a ciência interpretativa e suas buscas por significados, e não uma ciência experimental em busca de leis (GEERTZ, 1989).

Com o intuito de melhor descrever os caminhos percorridos para compreender e apreender os significados de ser criança e de viver na Costa, apresentarei uma breve explicação sobre os procedimentos utilizados nesta pesquisa e que têm sido conceituados pelo coletivo de pesquisadores que utilizam a etnografia como um jeito de pesquisar (VELHO, 1973; 2011; GEERTZ, 1989; LAGROU, 1994; MAGNANI, 2002; COHN, 2005). De maneira complementar, também serão apresentadas as concepções de autores que têm contribuído com as pesquisas com as crianças e a etnografia a partir de desenhos, fotografias, filmagens, narrativas, natureza e outros (BENJAMIN, 1980, 2009, 2012; TONUCCI, 1997; DEMARTINI; FARIA; PRADO, 2002; GOBBI, 2002; TIRIBA, 2010; MARTINS; PRADO, 2011). Assim, para melhor compreensão das travessias efetivadas, mas com a consciência de que nenhum deles aconteceu de maneira isolada, mas em um *continuum*, passo a descrever os procedimentos efetivados: observações participantes; conversas informais; registros fotográficos; filmagens e desenhos das crianças.

Observações participantes

As observações participantes consistiram em me fazer presente nos diferentes espaços e tempos da Costa, públicos e privados, convivendo com a comunidade em seu cotidiano, sem hora para iniciar e prazo para acabar. Estas observações permitiram trocas, envolvimento, conversas, risadas, brincadeiras e, mais tarde, segredos e confidências. Por meio das observações participantes que perpassaram todos os momentos em que estive na Costa busquei focalizar o encontro com as crianças, com os corpos que se movimentam e se expressam, com as suas brincadeiras, com as suas relações com e na natureza (TRICHÊ; MORETTI-PIRES, 2012).

A pesquisa pretendeu, com o exercício de observações participantes, fundamentadas na etnografia urbana apresentada por Velho (1973; 2011) e Magnani (2002), registrar as diferentes maneiras que as crianças encontram e ampliam para estar com e na natureza. As brincadeiras foram concebidas como práticas prazerosas, construídas por meio de diferentes experiências vividas (MANFROI; MARINHO, 2014). As observações participantes, nesta pesquisa, representaram o exercício de estar com os outros, em seus cotidianos, sem buscar

interferir, intencionalmente, na dinâmica de ser e de estar em diferentes lugares, nos variados momentos do dia com múltiplos afazeres. Esta proposta metodológica permitiu o contato direto com os participantes da pesquisa, principalmente as crianças, e com os fenômenos a serem compreendidos com a relevância de que, nesta abordagem, por ser aberta, embora com uma intencionalidade definida a priori, pode-se captar aspectos que, possivelmente, não seriam evidenciados por meio de observações estanques e não participantes. Estas observações estiveram em diálogo permanente com os demais procedimentos adotados.

Conversas informais

As conversas informais, passadas de bocas a ouvidos, pelas falas, pelos gestos e expressões faciais, foram fontes inesgotáveis para compreender a Costa e seus moradores. Seguindo os preceitos das narrativas de Benjamin (1980, 2012), estas conversas se dão por meio das experiências de pessoas anônimas que, às vezes, não andaram muito longe de seus lugares de origem. O autor (2012, p. 214) não nega a máxima popular que afirma: “Quem viaja tem muito o que contar.”, mas define o significado, para a etnografia, de saber : “Que escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente a sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.” (2012, p. 214).

Nesta concepção, é essencial não ter pressa, sabendo que também os corpos, da pesquisadora e dos participantes, falam. Qualquer manifestação de inquietação pode interromper uma boa prosa, sendo preciso estar disponível para o outro, respeitar a lógica e o tempo de quem fala, sabendo que pausas e silêncios também são portadores de informações. Neste sentido, busquei estar atenta às comunicações orais e gestuais, mas também considerei importantes as conversas que estabeleciam entre eles. Estes momentos foram gravados por áudios e imagens, como complemento ao caderno de apontamentos. Evitei a formalidade e criei os caminhos mais diversos para me relacionar com o máximo de moradores que consegui: sentava próxima a pessoas no barco e me mostrava disponível para ouvi-las (dificilmente mexia no celular ou me distraía com qualquer outro objeto); pegava o barco em diferentes horários; dividia o lanche que levava com as crianças (geralmente elas já ficavam de olho no que eu tirava da mochila); auxiliava a carregar compras até a casa das pessoas; recebia as crianças em minha casa; almoçava e lanchava, quando convidada, na casa de diferentes pessoas, até aprendendo a tomar café por conta disso. Também levei roupas para ajustar na costureira; busquei visitar as casas das rendeiras para encomendar faixas de cabelo; almocei em diferentes

restaurantes; encomendei doces, carne de siri e camarão; levava sempre algum quitute para as minhas vizinhas; entre outras alternativas de aproximação. Vale ressaltar que, geralmente, estava acompanhada do meu cachorro, Toquinho, o que ajudou muito nas primeiras conversas com algumas pessoas, como ouvi da menina Mel: “*Nós temos que agradecer pelo Toquinho, ele que aproximou a gente, senão nunca seríamos tão próximas.*”.

No percurso metodológico que se buscou, a memória significou fonte fidedigna, tanto do indivíduo como do grupo ao qual pertence (QUEIROZ, 1988; POLLAK, 1992; PORTELLI, 1997). Na Costa, ao ouvir os antigos moradores, foi possível constatar que a memória tece o tempo e o espaço, humanizando aquele que recorda e que gesta saberes. Neste percurso, mesmo que as falas misturassem imaginação, realidade e estivessem contaminadas com fragmentos da história oficial, foram consideradas como registros válidos, pois cada ser se expressou como parte do coletivo da Costa. Nesta concepção, contar é trazer para o momento atual os aspectos mais significativos da vida e compartilhar o que foi vivido com os demais, principalmente as novas gerações. Estas conversas permitiram ouvir experiências pessoais e da coletividade de uma forma mais livre e do jeito de ser de cada um. Possibilitaram rememorar histórias de vida e a compreensão de experiências vividas (BENJAMIN, 1980; LAROSSA, 2015). Privilegiaram a busca dos significados e das subjetividades (MINAYO, 1996; 1999).

Registros fotográficos e filmagens

As fotografias e as filmagens²⁹ foram efetivadas durante todo o processo de pesquisa, como registro do que foi observado e com o objetivo de possibilitar a análise mais detalhada de aspectos que escapam ao primeiro olhar. As fotografias e as filmagens, efetivadas por mim, tornaram-se significativas pela possibilidade de reterem aspectos observados, permitirem o olhar repetido e pormenorizado que evidenciou detalhes, além de terem se constituído como caminhos de aproximação com as crianças e mediadoras na conversa com os adultos (Bittencourt, 1998). Ao olhar as fotografias de outrora e conversarmos sobre elas, a memória individual e coletiva foi ativada e, muitas vezes, surgiram histórias e mais histórias, enriquecendo de detalhes a pesquisa.

Em minhas caminhadas pela Costa sempre estava acompanhada da minha câmera ou celular, com os quais fazia os registros das imagens

²⁹ As fotografias e as filmagens foram obtidas com máquina digital e celular, pela pesquisadora, após a assinatura do Termo para uso de Imagens (Apêndices C e D).

ou vídeos. Nas primeiras trilhas que fiz pela comunidade, como alguns ainda não me conheciam, decidi tirar fotos de locais (Igreja, Salão Paroquial, Posto de Saúde, escola, cachoeira, sorveteria, paisagens, barcos, restaurantes lojinhas, bares e outros). Em uma das primeiras aproximações, havia algumas crianças brincando e, quando manifestei a intenção de fotografá-las, esconderam os rostos com as mãos. Naquele instante decidi que não iria tirar fotos, nem filmar quando as crianças demonstrassem não querer e não estar à vontade e, desta maneira, continuei agindo ao longo do período em que estive na Costa.³⁰

Com o passar do tempo, quando saía para as caminhadas de observações e registros, era acompanhada por crianças que ia encontrando no meio do caminho e que se disponibilizavam a ir comigo. Em várias oportunidades, elas mesmas iam batendo as fotos ou até pediam para eu tirar fotos delas brincando. Esta aproximação também acontecia no barco, brincávamos com a máquina, dávamos mais zoom, menos zoom, procurávamos “investigar” objetos distantes e descobrir o que eram, tirávamos fotos das pessoas que estavam no barco, o que virava motivo de brincadeira e de frases singulares: “Gabriel, vais fazer um book meu?”; “Deixa eu passar batom!”; “Se eu soubesse que a Diva ia me fotografar, vinha com uma roupa melhor.”. A fotografia e o vídeo passaram a ser uma possibilidade fértil de estreitar relações e criar momentos de descontração e de brincadeira.

As fotografias antigas, de arquivos pessoais, foram utilizadas como possibilidades de compreender como a Costa da Lagoa foi se transformando com os processos de urbanização e as interferências que aconteceram no cotidiano dos moradores e das crianças. Também foram estímulos para a memória dos antigos moradores que, ao reverem as fotografias, rememoravam histórias e passavam a contar, com mais detalhes, as suas experiências.

Desenhos das crianças

³⁰ Atenta aos protocolos previstos para a efetivação de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012), as fotografias e as filmagens somente foram efetivadas após obter a assinatura dos consentimentos livres e esclarecidos para uso de fotografias e vídeos (Apêndices B e C). Além deste cuidado, busquei manter os equipamentos visíveis e, por meio de alguma expressão verbal ou corporal, o consentimento para os registros. Também não foram registrados aspectos que pudessem causar algum desconforto ou preconceito. Fundamentada em Kramer (2002), estive atenta para não usar as fotografias e os vídeos como espetáculos, fato que colocaria em questionamento todo o processo ético da pesquisa.

Os desenhos haviam sido pensados como uma abordagem inicial para o momento de aproximação com o campo de pesquisa, com o intuito de um primeiro contato com as crianças. Porém, como outras formas de se relacionar foram acontecendo, os desenhos foram solicitados nos últimos momentos da pesquisa, o que não os torna menos significativos, na medida em que possibilitaram o estabelecimento de um contato diferente com as crianças. Ficaram evidenciadas as suas possibilidades como condutores de aspectos da vida cotidiana, de como as crianças percebem o local em que vivem e os seus processos imaginários.

Gobbi (2002) aborda o desenho infantil em diálogo com a oralidade, como meio de conhecer mais e melhor o que é singular e o que é plural nas crianças. Os desenhos foram realizados de maneira livre, sem gravação das falas, com uma delimitação mínima de tema (solicitei que se desenhassem fazendo alguma coisa que gostam). Seguindo a proposta metodológica de Gobbi (2002), as falas foram anotadas, a lápis, no verso das folhas desenhadas, sem tentativa de interpretar, neste momento, os significados mais complexos e as relações com as demais fontes de pesquisa.

Para a produção dos desenhos foi utilizado papel sulfite tamanho A4, lápis preto e lápis de cor que foram disponibilizados para o livre acesso das crianças. No momento da confecção dos desenhos busquei o mínimo de intervenção e diretividade, para que as crianças pudessem representar como vivem, subjetivamente e coletivamente, nos espaços e nos tempos da Costa da Lagoa. Além de anotar as falas das crianças durante o processo, solicitei que, ao entregarem, cada uma contasse o que havia desenhado. Mais uma vez os detalhes emergiram nas falas mediadas pelos desenhos, semelhante ao que ocorreu com as fotografias e as filmagens.

Enfim, a metodologia proposta possibilitou que, após um refinamento teórico sobre o objeto a ser estudado, a Costa da Lagoa se fizesse conhecer em seus espaços e tempos de vida como um lugar privilegiado e ensolarado de viver. As camadas do tempo histórico e das memórias de outrora se entrecruzaram com os contextos e cenários de agora, apresentando trilhas e travessias metodológicas que orientaram a chegada e a gestão do campo de pesquisa. Os encantamentos dos mergulhos, das aproximações, dos distanciamentos e das reaproximações conduziram até uma Costa viva e cercada de natureza.

O envolvimento com a comunidade e as crianças foi permeado por conversas que passaram a ser cada vez mais constantes e longas. Estar na Costa, morar em uma de suas casas e participar de suas

reivindicações ao poder público passou a ser prazeroso, pois além de possibilitar a realização da pesquisa, gerou amizades e foi possível contribuir com a comunidade. Ao ouvir os antigos moradores e as crianças, me aproximei do papel do narrador que, na concepção de Benjamin (1980, 2012) cria as narrativas inspirado em sua trajetória de vida - individual e coletiva - e, ao contar, compartilha experiências e saberes que fazem parte da história. Assim, narrar é um processo artesanal e pessoal que imprime as marcas do narrador ao que é transmitido. As narrativas orais, por serem criações livres, nunca são iguais. O mesmo narrador não contará duas vezes a mesma história. A cada narrativa, haverá peculiaridades, às vezes intencionais, outras aleatórias. As narrativas infantis foram interpretadas com olhares delicados e atentos, pois como afirma Girardello (1998, p. 117): “[...] ao narrar, a criança está também atribuindo significação aos dados da cultura, numa estratégia contínua de leitura e produção cultural. A narrativa oral me parece assim um material valioso para a reflexão sobre a vida imaginativa infantil.”

Nesta perspectiva de construção contínua da metodologia dentro do campo de investigação, apoiei-me na ideia de Magnani (1998) defendendo o discurso como “verossímil”, ou seja, não se deve estar preocupado que este esteja adequado com a realidade, mas, sim, de se aproximar da representação que se tem desta realidade, não importando se é falso ou verdadeiro. Desta forma, este foi o olhar no campo de estudo, buscando não verdades, mas, sim, os significados de ser criança e de estar na Costa.

No decorrer do processo, ao viver o desafio da aproximação e, ao mesmo tempo, do distanciamento necessário à fidedignidade da pesquisa, optei pelo método dialético fundamentada em Konder (2008, p. 7) ao apresentar as origens clássicas gregas da dialética como a arte do diálogo, mas que, no decorrer do tempo: “[...], passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão.” Nesta pesquisa, foi considerada a concepção moderna de dialética, também apresentada por Konder (2008, p. 8), como: “[...] o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.” Considerando os processos históricos e de apreensão ideológica do termo, é necessário evidenciar que esta opção pretendeu evitar o pensamento dualista e rígido, pois, como afirma Konder (2008, p. 81): “Uma das características essenciais da dialética é o espírito crítico e autocrítico. Assim como examinam constantemente o

mundo em que atuam, os dialéticos devem estar sempre dispostos a rever as interpretações em que se baseiam para atuar.”.

Em diálogo com a dialética, buscou-se uma construção metodológica em permanente movimento, ancorada no alerta de Santos (2004) sobre a responsabilidade de quem pesquisa estar ciente da historicidade de seus estudos e, desta maneira, não absolutizar os achados. Também foi considerada a afirmação de Garcia (2003, p. 11-12): “De pouco nos valeria produzir belas explicações teóricas se elas não contribuíssem para a transformação do mundo.”.

Apesar das possibilidades de estabelecer laços de confiança e de morar por um determinado tempo na Costa, não nego diferenças. Estar no campo de pesquisa não criou uma igualdade que não existe, embora, como pesquisadora tenha tido a intenção de estar o mais próxima possível da comunidade. Assim, o exercício foi de estar junto e de participar, efetivamente, na vida cotidiana, longe de ser neutra ou de buscar facilidades e atalhos. A metodologia proposta foi complexa e exigiu a superação do pensar e do ser dicotômicos que são marcas de nossa cultura, que, de maneira geral, separa teoria e prática, pensar e sentir, conhecimento racional e experiência. Com esta compreensão, foi necessária delicadeza para estar na Costa da Lagoa sem que ocorresse desrespeito ao modo de ser da comunidade ou, o que é comum, o cansaço que leva à distração e à falta de sensibilidade para perceber o que acontece de belo. Os dados foram pensados e organizados na proposta da “descrição densa” apresentada por Geertz (1989). Nesta perspectiva, busca-se desvendar os detalhes existentes no cotidiano, não somente descrever o que se vê, mas entender de maneira minuciosa, como Geertz (1989, p. 5) cita em seu texto ao falar do olhar do etnógrafo a um piscar de olhos de seus observados:

[...] a “descrição superficial” do que o ensaiador (imitador, piscador, aquele que tem o tique nervoso...) está fazendo (“contraíndo rapidamente sua pálpebra direita”) e a “descrição densa” do que ele está fazendo (“praticando a farsa de um amigo imitando uma piscadela para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração em andamento”) está o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada.

Morar na Costa, anoitecer e amanhecer em seus espaços e tempos, foi fundamental para mergulhar no cotidiano, observar,

conversar, fazer registros escritos, gravados, fotográficos e filmados. Na condição de moradora, não foi necessário acelerar conversas ou parar uma brincadeira para pegar o barco. Esta flexibilidade e o alargamento no tempo de estar com os moradores antigos e as crianças possibilitaram efetivar a “descrição densa” que foi pensada ao projetar a pesquisa. Reafirmo, fundamentada na concepção de Santos (2006, p. 339) que a Costa, como qualquer outro lugar: “[...] é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente.”. Para compreender camadas de sua dinâmica histórica e cultural se faz necessário desaprender certezas para gerar novas aprendizagens que também serão colocadas em questionamento e precisarão ser desaprendidas para dar continuidade ao movimento da própria vida (tese-antítese-síntese), pois “Uma certa compreensão do todo precede a própria possibilidade de aprofundar o conhecimento das partes.”. Duvidar do que foi construído, relativizar os achados e, ao mesmo tempo, ter a convicção de que esta dissertação, ao ser lida, conduzirá o leitor ao encontro dos antigos moradores e das crianças da Costa fazem parte da humildade e da responsabilidade metodológica de quem escolheu o belo e exigente caminho da pesquisa etnográfica em diálogo com a dialética.

2.4 COSTA DA LAGOA: VEJO-TE VIVA E CERCADA DE NATUREZA

*Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despálavra.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas..[...]
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto.
Manoel de Barros (2010, p. 383)*

O ensaio fotográfico³¹ *Costa da Lagoa: vejo-te viva e cercada de natureza* pretende proporcionar uma aproximação, que provoque um desejo de experiências vividas (BENJAMIN, 1980, 2012; LAROSSA, 2015) nos tempos e nos espaços da Costa da Lagoa, evidenciando as

³¹ As imagens que constituem esta parte da dissertação foram efetivadas, pela pesquisadora, mediante conhecimento prévio e autorização livre e esclarecida, verbal e escrita, da comunidade da Costa da Lagoa, dos participantes e dos responsáveis pelas crianças. As fotografias foram obtidas durante o processo de pesquisa e são exclusivas para esta dissertação. Fica proibida - por princípios éticos e pela legislação vigente - a reprodução destas imagens, na íntegra, fragmentadas ou alteradas, para qualquer outra finalidade, sem a autorização prévia e escrita da autora.

estéticas e as poéticas de suas gentes, seus barcos, suas travessias, suas paisagens, seus varais de anúncios, suas peculiaridades locais e, por último, a casa que foi habitada por mim durante os três meses em que lá morei. Casa que, sendo o cenário cotidiano de minhas inquietações, dúvidas, achados e alegrias, foi também o meu refúgio pensante. Casa que - sem cortinas nas janelas, mas encravada na montanha e espiando a lagoa - me conduziu, mais uma vez, à poética de Manoel de Barros (2010, p. 69): “O que desejo é apenas uma casa. Em verdade, não é necessário que seja azul, nem que tenha cortinas de rendas. [...] Quero apenas uma casa em uma rua sem nome. [...] Só não dispense a árvore, [...] Quero de minha janela sentir os ventos pelos caminhos, e ver o sol.”.

Intencionalmente não usei legendas explicativas porque, neste ensaio, as fotografias são concebidas como textos imagéticos e estéticos, completos em si mesmos e, portanto, palavras que tentassem descrever o que foi registrado, seriam reducionistas. Faço o convite para você olhar e sentir as imagens de diferentes jeitos, (des)construindo o seu olhar com a poética de Manoel de Barros (2010, p. 300): “As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças.”. Privilegie e selecione as suas prediletas, converse com elas e, espero, você construirá outras interpretações e fará outras leituras.

Cenários

Escutei um perfume de sol nas águas.
(Manoel de Barros, 2010, p. 345)

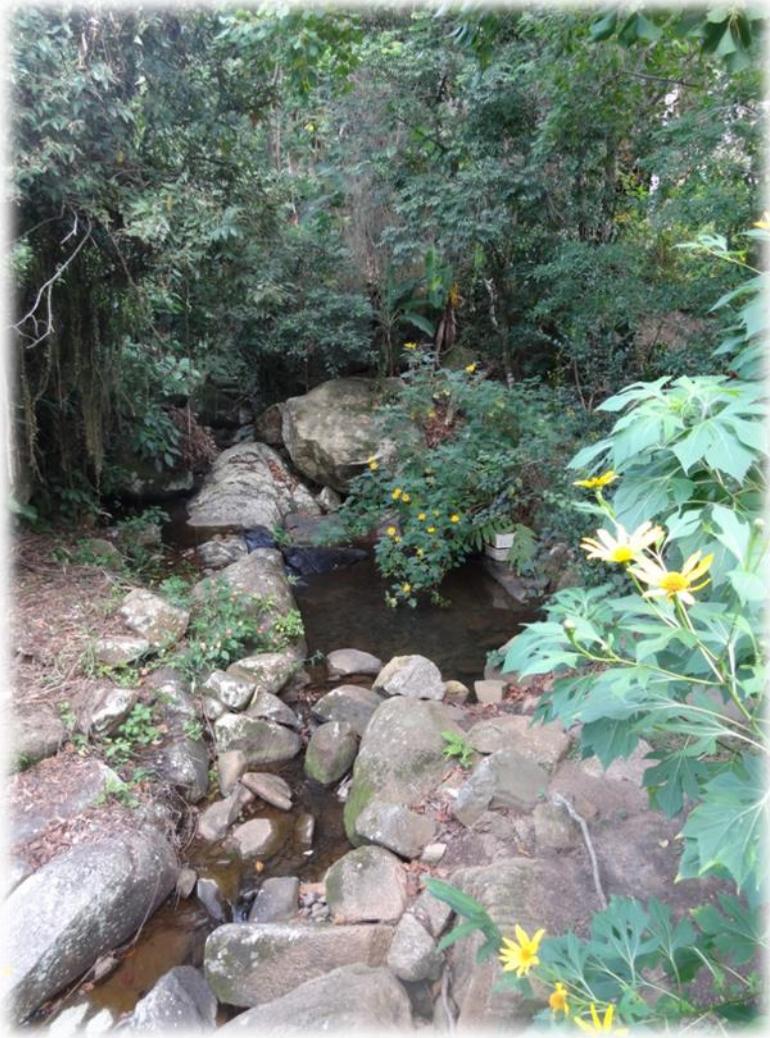
















Casas que carregam histórias...

*As avencas são cegas.
Nenhuma flor protege o silêncio quanto elas.
Ó a luz da manhã empoçada em avencas!*
(Manoel de Barros, 2010, p. 275)





Gentes

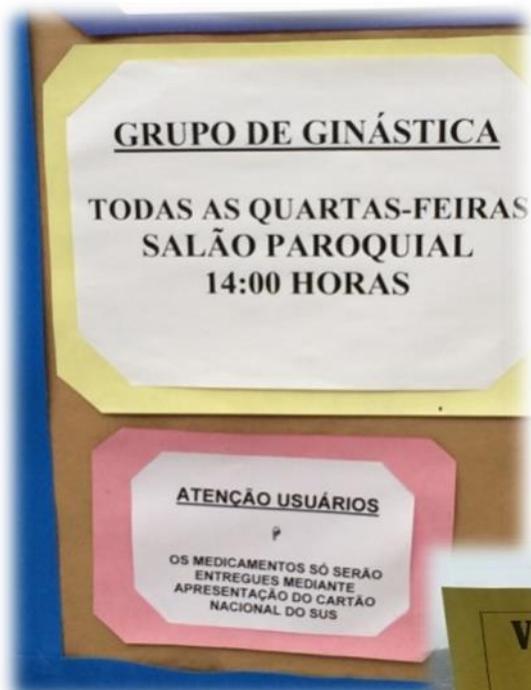
Tem mais presença em mim o que me falta.
(Manoel de Barros, 2010, p. 345)





Varal de notícias

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.
(Manoel de Barros, 2010, p. 347)



BLOCO DA CARAPEVA

PROMOVE:

BAILE DAS CRIANÇAS!

COM DOCES, SALGADOS E BEBIDAS
PARA TODAS AS CRIANÇAS

LOCAL: SALÃO PAROQUIAL DA COSTA DA LAGOA
DATA: 12/10/13
HORARIO: 15 HORAS

**Por favor,
quando quiser descer,
informe um ponto
antes. Obrigado!**

*Please, when you want to come down, tell us one
boat stop before. Thank you!*

*Por favor, cuando usted quiere bajar del barco, nos
avise unos momentos antes. Desde ya muchas gracias.*

**Por favor,
não colocar mochilas
e pés nos assentos.**

Please do not put feet and backpacks on seats.

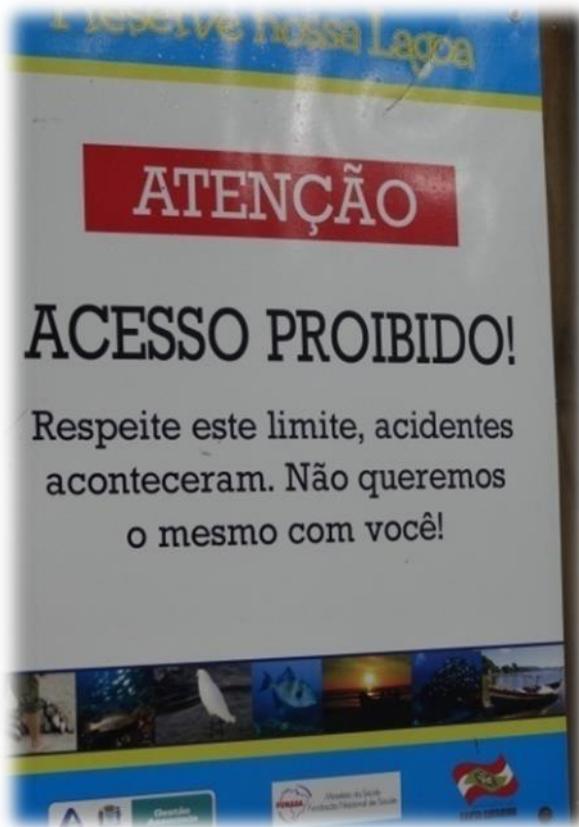
*Por favor, no colocar mochilas y no se puede poner
los pies sobre los asientos.*

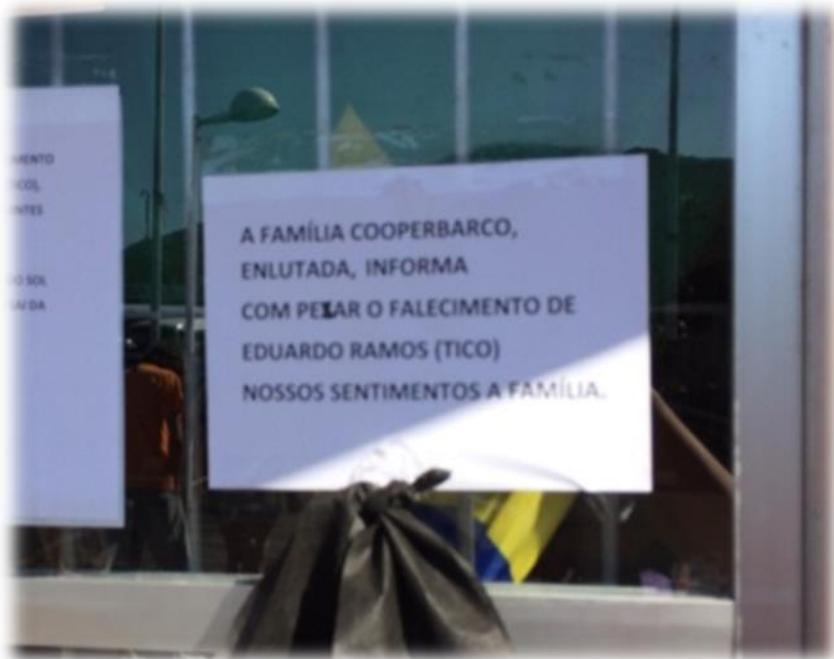
Access to QR Code para informações sobre o Canal de Lagoa. Access the QR Code for information about Canal de Lagoa.
Acceso al Código QR para obtener información sobre Canal de Lagoa.



visitefloripa

www.visitefloripa.com.br





Barcos e travessias

Sábio é o que adivinha.
(Manoel de Barros, 2010, p. 346)









Minha casa

*Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa.
Com janelas de aurora e árvores no quintal –
Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores
E ao crepúsculo fiquem cinzentas
como a roupa dos pescadores...
(Manoel de Barros, 2010, p. 69)*





Bernardo é quase árvore. [...]
Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho:
1 abridor de amanhecer
1 prego que farfalha
1 encolhedor de rios - e
1 esticador de horizontes.
(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três
fiós de teias de aranha. A coisa fica bem
esticada.)

Bernardo desregula a natureza:
Seu olho aumenta o
poente.
(Pode um homem
enriquecer a natureza
com a sua
incompletude?)
 Manoel de Barros
 (2010, p. 322)



3 MEMÓRIAS DAS
 CRIANÇAS DE OUTRORA:
 PUXANDO AS REDES DO TEMPO
 AO CONTAR HISTÓRIAS DE ANTIGAMENTE

A Costa como espaço histórico, geográfico, político e cultural, neste momento, passa a ser o cenário para abrir o baú de memórias dos antigos moradores, com foco nos jeitos de ser e de viver de antigamente, no cotidiano familiar e nas brincadeiras de outrora e de agora. Como opção metodológica, apresentarei os registros, ancorada nas pequenas narrativas (BENJAMIN, 1980, 2012). Esta opção se fez com o intuito de descrever a dinâmica singular da Costa sem reduzir o cotidiano que se desenrola ensolarado e livre, mesmo que impregnado de limites, lutas e dificuldades como qualquer vida.

Ao despertar a memória dos velhos moradores estive fundamentada no conceito de rememoração desenvolvido por Benjamin (1980, 2012), inspirado em Marcel Proust. Rememorar, na concepção de Benjamin, significa, segundo Galzerani (2002, p. 63): “[...] trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro.” Também o método dialético, na concepção de Konder (2008), possibilita revisitar o passado e projetar o futuro a partir do que somos no presente, na consciência de que as contradições e as mudanças são inevitáveis e se contrapõem a pensamentos e a valores cristalizados. Assim, retornar ao passado, com os conhecimentos e as experiências construídas ao longo da vida, possibilita outro olhar para o que foi vivido, ultrapassando a dimensão dos sonhos e transformando-os em utopias que indicam trilhas futuras. É contar o que foi vivido sem estagnar, mantendo o movimento e a historicidade da própria vida.

Assim, também não utilizei entrevistas porque, apesar de serem definidas por Queiroz (1988, p. 20) como uma “conversação continuada entre informante e pesquisador”, ainda são muito dirigidas, deixando o participante restringido a responder perguntas. Diferentemente, as conversas informais, opção metodológica desta dissertação, permitiram narrativas pessoais e coletivas com jeitos mais singulares e livres, sem negar a existência de perguntas e a retomada do assunto quando as conversas se tornavam excessivamente dispersas. Ao final das conversas, quando necessário, solicitava explicações mais detalhadas. Esta metodologia foi importante porque, como indica Queiroz (1988, p.14), possibilitou capturar: “[...] a vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo o fato social.”

Durante as conversas mantive silêncio para deixar que as recordações se manifestassem e cada pessoa tivesse autonomia para contar o que quisesse de sua trajetória de vida, como indica a mesma

autora, na mesma obra ao afirmar que, nesta metodologia, o narrador é aquele que detém a possibilidade de escolher o que vai contar, o quanto vai aprofundar, o que vai omitir. Geralmente ao desencadear o processo, falam muito e, para quem pesquisa, nada deve ser considerado desimportante. Com esta concepção, não interrompia as falas para pedir explicações ou para compreender algum vocabulário tipicamente da Costa. Anotava e, posteriormente, perguntava para a própria pessoa, para os moradores de quem estava mais próxima, pesquisava na internet ou buscava em outros estudos realizados na Costa (MALUF, 1992, 1993; GIRARDELLO, 1998; PEREIRA, 2012; SANTOS, 2013; LUZ, 2014).

Fui constatando, ao chegar a cada casa, que há uma declarada desconfiança inicial, uma observação atenta e um ouvir aguçado. Moram em casas próprias, mantêm certa privacidade, mas raramente as conversas aconteceram sem outros participantes. Gostam de estar juntos, conversando, saboreando um quitute e tomando um cafezinho da hora. É essencial compreender que estar nos contextos da Costa tem significados diferentes de estar em contextos mais urbanos (Lagoa e Ilha). Na Costa, ser vizinho é estar junto, dar um olá todos os dias, saber como estão as coisas na vida de cada um. Às vezes dando opinião, às vezes calando, às vezes ajudando em alguma tarefa, mediados por breves comentários (às vezes preconceituosos), saborosas risadas, silêncios e tristezas. Quando há crianças, estas chegam, afastam-se, brincam, riem. Este movimento não interrompe os fazeres e as conversas dos adultos, a não ser que esteja acontecendo alguma travessura que traga riscos.

Neste caminhar, fui constatando como algumas falas são relativas e os silêncios significativos. Que importa falarmos tanto? Às vezes só repetimos. Nestas conversas, invariavelmente realizadas ao redor das mesas das cozinhas, conflitos e concepções se contrapõem, mas não há uma busca de supremacia de uma opinião sobre a outra. Tudo vai se desenrolando sem muita pressa, a gesticulação é lenta, o olhar parece se perder no passado. Mas são atentos. Ao sentirem que eu olhava para algum ponto, já explicavam os significados. Um dia notei que havia uma cesta ao lado da almofada de apoiar o bilro com muitos papéis amarelados e enrolados. Cora, ao acompanhar o meu olhar, já foi explicando que se travava do pique³² e demonstrou a sua utilização na confecção das rendas.

³² A concepção da Renda de Bilros inicia-se em um desenho que, depois de criado, é copiado em papel milimétrico e picado sobre um cartão feito de modo

Com o desenrolar da pesquisa, a fala dos mais antigos passou a ser fonte de registros de memórias individuais e do coletivo cultural, consideradas o fio condutor que tece os processos humanizantes. Memórias como sentimento de pertencimento, de significação da história da comunidade. Portanto, no decorrer das conversas, evidenciei que, fundamentada em Pollak (1992), as memórias são construídas coletivamente, sendo dinâmicas e históricas. As memórias, na Costa, têm subjetividades, alegrias, tristezas, vitórias, derrotas, cheiros e sabores e, portanto, nem sempre é simples e prazeroso recordar. Há fatos que não emergem imediatamente, exigem tempo e respeito para que sejam relatados, se assim desejar o narrador. Existem memórias que são negadas, geralmente quando estão associadas a fatos não aceitos na comunidade ou na sociedade, exigindo posicionamento ético e silêncio de quem ouve. A tessitura das conversas, neste percurso, também teve o seu “pique”, o seu desenho feito *a priori*, fundamentado em autores como Queiroz (1988); Pollak (1992); Portelli (1997).

Ao mexer no baú das memórias não há como fazer uma seleção prévia do que vai emergir, mas os moradores da Costa, apesar de contarem situações difíceis, parecem estar protegidos por uma couraça que alivia e afasta as dores. No entanto, é importante destacar que as memórias são seletivas e que, de maneira geral, o orgulho de serem os moradores mais antigos de um lugar que é considerado um território de paz e bom de viver, perpassou todas as falas. Busquei ouvir cada um com respeito e a máxima atenção. Evitei, intencionalmente, emitir julgamentos, concluir precipitadamente, apressar as falas, criar expectativas idealizantes, alterar os registros com a influência da minha subjetividade (QUEIROZ, 1988).

Em determinados momentos, por ter muita proximidade com pessoas mais velhas em minha trajetória de vida, se tornava difícil o afastamento como pesquisadora, exigindo cuidados para que a dissertação não se tornasse um encantamento inadequado. Exercitei os distanciamentos, os estranhamentos e as aproximações (VELHO, 1973, 2011), o “olhar de perto e de longe, de dentro e de fora” (MAGNANI, 2002) para compreender as falas e não impregná-las do meu entusiasmo. Aos poucos fui lapidando a metodologia, me adaptando ao local e aos

artesanal. Esse elemento é conhecido como pique. O pique é fixado na almofada com a ajuda de alfinetes e orienta o desenho da renda que se faz pelo cruzamento contínuo ou intercalado dos fios enlaçados em bilros - artefatos de madeira em forma de pêra alongada onde é enrolada a linha ou outros fios têxteis (CARUSO, 2011).

seus antigos moradores, descobrindo a melhor maneira de estar com eles. Assim, sem que a pesquisa ficasse a deriva - ao sabor das correntezas e dos ventos - pouco interrompi as falas e cheguei, ao final das transcrições e da organização dos registros, a um total aproximado de 100 páginas digitadas, fato que exigiu um esforço contínuo para fazer os recortes que comporiam esta dissertação.

Durante a minha estada na Costa, com as suas travessias e paradas, procurei estar com as pessoas, mediada pelos diferentes espaços e pela natureza, observando e ouvindo, mas ciente de que o processo de pesquisa precisava evitar afirmações carregadas de veracidade, reconhecendo a dinâmica histórica a qual a ciência está inserida. Neste percurso, às vezes confuso e embaçado, com Cecília Meireles (2001, p.1442), estava convencida de que: “[...] enquanto aprendo, desaprendo e torno a reaprender.”, em um constante e inacabado processo de construção e desconstrução do conhecimento. Sendo assim, me coloquei como uma estudante que, com um tempo percorrido, se reconhece a caminho e com muitos des(aprendizados) a fazer.

Na Costa, como em qualquer organização social, existem conflitos, embates, disputas e diferenças, evidenciados durante as conversas e os encontros. Durante a pesquisa foi possível ouvir as mais instigantes narrativas e, ao transcrevê-las, evitei julgá-las e classificá-las, mantendo as contradições e as convergências sobre um mesmo fato. Inspirada na trajetória de minha infância - vivida em um bairro popular, brincando na rua e fazendo parte de um coletivo -, estive na Costa para olhar, escutar e sentir o que se vive por lá, o que se faz e o que se brinca. Como professora de Educação Física, pude constatar aspectos reveladores de uma vida saudável e de um aprender a ser e a se movimentar mediado pela natureza (CORNELL, 1996; PRADO, 2012; BRUHNS, 2004a, 2004b, 2009, 2010; TIRIBA, 2010). Desenvolver a dissertação de mestrado exigiu um determinado rigor acadêmico que, várias vezes, entrou em choque com as experiências vividas (BENJAMIN, 1980, 2012; LAROSSA, 2015) na Costa.

Muitas vezes, em minha casa, precisei controlar o desejo de estar lá fora, vivendo a beleza e a magia que o lugar ensolarado e belo proporcionava. Foi desgastante ficar horas e horas estudando, organizando os achados de pesquisa e escrevendo, quando a natureza da proposta parecia se opor a este rigor. Vivi, nos três meses em que lá morei, o conflito entre a necessária concentração intelectual e a vida que corria solta e leve, com direito aos encontros sem hora marcada para começar ou terminar. Assim, neste conflito, vivi o desejo expresso na

poética de Manoel de Barros (2010, p. 199): “Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves. Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o verdor primal das águas com as vozes civilizadas.”.

Nesta experiência, fundamentada em Benjamin (2012), compreendi que a pesquisa não tem mão única e encontrei nas pequenas narrativas, um jeito mais despojado e coerente de registrar o que lá foi vivido, na convicção de que contar é encantar e reviver, com tempos para silenciar, para pensar, para rememorar e para a construção do enredo. No entanto, o mesmo autor Benjamin, em escrito de 1936 (2012, p. 213) afirma que: “O narrador - por mais familiar que nos soe esse nome - não está absolutamente presente entre nós, em sua eficácia viva.”. O autor supracitado ainda adverte que a arte de narrar pode se extinguir: “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”.

No entanto, os moradores da Costa ainda ouvem e contam muitas histórias. A palavra pronunciada tem enredo, tem silêncios, tem sabor e, na concepção de Benjamin (2012, p. 221), tem “uma forma artesanal de comunicação”, pois, naquelas águas e terras, a narrativa:

[...] não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. É uma inclinação dos narradores começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, isso quando não atribuem essa história simplesmente a uma vivência própria.

A Costa é uma terra de habilidosos narradores que requerem bons ouvintes. Este achado, ao mesmo tempo em que me encantou, criou um impasse: como transformar histórias que começam com “era uma vez” em textos rígidos e formais? Como não deixar escapar a singularidade das falas (e dos silêncios) que vão saindo da boca dos mais velhos, impregnadas de historicidades, sentimentos, significados, particularidades, contradições? De fato, as conversas informais na Costa foram se transformando em longos relatos, sem que os narradores se

preocupassem com a comprovação do que era contado, deixando para o ouvinte, no caso eu, interpretar a história como quisesse. Não houve preocupação com explicações e tampouco em saber como eu estava assimilando o que apresentavam. Este jeito de contar da Costa encontrou similitude no texto de Benjamin (2012, p. 217): “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”.

Esta peculiar característica das narrativas também permitiu que o foco não fosse o brincar, como uma categoria separada, mas como parte de um todo que mistura trabalho, conversas, trocas, brincadeiras, piadas, causos, namoros, casamentos, atrapalhões, conflitos, tensões, imaginários, representações sociais, preconceitos, discriminações e jeitos de ser de cada um. No entanto, também se fizeram evidentes as minhas limitações, pois como adverte Konder (2008, p. 36): “A realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que temos dela. Há sempre algo que escapa às nossas sínteses; isso, porém, não nos dispensa do esforço de elaborar sínteses,[...]”. Portanto, na organização das temáticas narrativas, apresento aspectos que, em uma organização social mais fragmentada seriam estanques, mas em uma comunidade em que os locais de moradia e de trabalho se constituem em espaços e tempos de vida, o cotidiano tem sempre as suas graças e os seus trejeitos risonhos, evidenciados por Benjamin, em texto de 1928 (2009, p. 102), no qual já advertia sobre esta imbricada maneira brincante dos seres humanos:

O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira. Formas petrificadas e irreconhecíveis de nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror, eis o que são os hábitos. E mesmo o pedante mais insípido brinca, sem o saber, de maneira pueril, não infantil, brinca ao máximo quando é pedante ao máximo.

Nesta concepção, intercalo a apresentação dos achados de pesquisa com poesias e textos acadêmicos para a construção das narrativas que exigem cativar o leitor, provocar a imaginação e despertar expectativas. Algumas são mais românticas, outras carregam tristezas e outras são bem humoradas e geram risos. Falam da vida de personagens

concretos e, portanto, provocam diferentes sentimentos, às vezes uma identificação muito próxima, outras um distanciamento imenso. Na estrutura narrativa busquei, sempre que foi possível, apresentar os fatos que compõem as histórias, aqueles que contam e os personagens, o discorrer dos fatos e seus enredos, os locais e os tempos em que se passam as histórias, seus contextos, causas e consequências. Enfim, escrevi sobre essa “vida mais elevada” (BENJAMIN, 2009, p. 39), respeitando a fluidez e as contradições da própria vida da mulher e do homem que, na história oficial, são anônimos e, muitas vezes, sem voz. Assumindo os riscos das escolhas, com Manoel de Barros (2010, p. 213), afirmo: “Derrubo folhas de tarde. E de noite empedreço. Amo desse trabalho. Todos os seres têm fundo eterno.”.

As conversas iniciaram, de uma maneira mais regular, no dia 27 de junho de 2014 e se desenvolveram durante todo o mês de julho de 2014. Dependendo da situação e da desenvoltura do participante, usei gravador, filmagens e/ou fotografias e, sempre, registros no caderno de apontamentos. No entanto, as filmagens e as fotografias ainda representam algumas barreiras éticas e inibidoras, sendo essencial, no alerta de Fontoura (2009, p. 36): “[...] que a filmagem seja voluntária para evitar constrangimentos.”. Nesta concepção, quando percebia que os equipamentos inibiam a fala, usava as anotações no caderno de apontamentos e, invariavelmente, com o passar do tempo, quando a conversa fluía solta, pedia permissão e, assim, conseguia filmar e fotografar com tranquilidade, mas, como já destacado anteriormente, sempre respeitando a dignidade de cada um, não focando aspectos que poderiam denegrir a imagem pessoal e as moradias. Assim, fiz o exercício preconizado por Paulo Freire (1987, p. 65): “A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo.”.

As primeiras conversas, realizadas nas residências, foram mediadas por Flor e Sofia, que me acompanharam pela Costa e indicaram as pessoas mais antigas e com mais histórias para contar. A Flor, muito despachada e conhecida de todos, ia me apresentando como aluna e pesquisadora da universidade: “*Podem confiar! As ‘perguntas’ são fáceis, ela já fez comigo.*”. Em geral, fomos recebidas muito bem, na sala ou na cozinha das residências, durante as manhãs ou às tardes. Com o decorrer do tempo e, na medida em que me tornava conhecida e aceita, passei a fazer estes percursos, sozinha. Às vezes com o meu cachorro Toquinho e, sempre, com o caderno de apontamentos e os equipamentos de gravação, filmagem e fotografia.

De maneira geral os homens se mostraram mais tímidos e mais econômicos nas palavras. Quando havia mais de um participante,

tentavam passar a conversa para o outro. No início, algumas pessoas me confundiam com outras pesquisadoras que já fizeram alguns trabalhos na Costa e afirmavam: “*Mas você já veio aqui me entrevistar.*”. Com paciência, ia explicando que era outra pessoa e que a pesquisa era diferente. Nestes momentos constatei que ainda se faz muita pesquisa como “via de mão única” (BENJAMIN, 1980), sem que o pesquisador se deixe conhecer pela comunidade. Esta maneira de pesquisar resulta em outros dois problemas que se imbricam: o não retorno do pesquisador ao campo de pesquisa após a conclusão do trabalho, o que acarreta uma característica utilitarista da pesquisa com relação à comunidade e, conseqüentemente, a não devolutiva dos achados para quem de direito. Estas situações acabam gerando desconfianças iniciais que exigem paciência para serem desconstruídas.

Morar na Costa, de acordo com Portelli (1997), não me torna uma nativa, mas, contraditoriamente, a pesquisa parecia exigir isto. O mesmo autor também afirma que as diferenças são fundamentais para as igualdades e que somente estas diferenças é que tornam cada conversa significativa. Nesta perspectiva, pesquisar significou a busca de participar por dentro e, ao mesmo tempo, saber-me por fora (MAGNANI, 2002), mas consciente de meu compromisso com a comunidade que não se encerra com a pesquisa. A minha trajetória coletiva e brincante de vida, parte constituinte do meu ser e de minha experiência como pesquisadora, possibilitou a constante percepção da existência do outro e a consciência de que, para eles, eu fui, inicialmente, o outro. Na busca de diminuir distâncias e quebrar preconceitos, tentei fazer parte do grupo, mergulhei sem medo, encostei minha pele na deles, sem negar que pertencemos a espaços, tempos, histórias e culturas diferentes, embora o grande desafio tenha sido o exercício de nos relacionarmos na igualdade cidadã.

Neste percurso busquei viver a pesquisa não como “sujeito-observador”, mas como um “sujeito-intérprete” na concepção de Bruhns (2009), fundamentada em Carvalho (2001). Ouvi cada pessoa com a convicção de que o que narravam era, de fato, a vida vivida, sendo o processo de memorização, mais um possível caminho de contribuir com a comunidade, como evidencia Bosi (1994, p. 60): “Ao lembrar o passado ele [o velho] não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho; ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.”. Com esta fundamentação, passo a apresentar, na seqüência, as minhas conversas com os antigos moradores da Costa, por meio de pequenas narrativas.

3.1 A COSTA DA LAGOA QUE ESTÁ GUARDADA DO LADO ESQUERDO DO PEITO

*Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo.
Esta que eu ando nela agora é por abandono. [...] Eu ando por aqui desde pequeno. [...] Ela não tem indiferença pelo meu passado. [...] Eu estou imaginando que a estrada pensa que eu também sou como ela: uma coisa bem esquecida. Pode ser.*
Manoel de Barros (2010, p. 59)

Nesta parte, passo a apresentar fragmentos do conteúdo das conversas mantidas com alguns moradores mais antigos, focalizando as suas recordações familiares, as brincadeiras, os namoros, a crença nas benzeduras, as tatuagens e o trabalho como partes constituintes de suas histórias pessoais e como membros de um coletivo. Acima de tudo é preciso compreender que a reconstrução da história de vida não é contar uma história que está escrita e finalizada, pois como Nora (1993, p. 9) alerta:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...].

Considerando que esta dissertação não está inserida na área da sociolinguística, tampouco na análise do discurso e similares, não serão focalizados o uso dos dialetos locais, presentes na linguagem coloquial. Na medida do possível, as falas serão editadas, ao serem feitas as transcrições, evitando-se focalizar: “[...] frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacoetes, erros gramaticais etc.” (DUARTE, 2004, p. 221). Também foram seguidas as orientações de Bortoni-Ricardo (2005) com relação ao ouvir as falas a partir da concepção “culturalmente

sensível”³³, que permite não conflitar o uso da norma padrão aos falantes de português popular. A autora alerta para o fato de que a sociolinguística brasileira precisa estudar mais as questões relacionadas com as falas nas pesquisas etnográficas na busca de editar, mas também respeitar as características linguísticas de cada falante, a sua língua materna e a sua identidade. Assim, para a organização e a apresentação das conversas informais - que buscaram o respeito à lógica e aos tempos de quem falava, bem como as narrativas de experiências pessoais e da coletividade de uma forma mais livre e mais do jeito de ser e de cada um - busquei observar e ouvir com o enfoque qualitativo, sem destaque para o dialeto da Costa, mas privilegiando a busca dos significados e das subjetividades (MINAYO, 1996; 1999).

3.1.1 “Distâncias somavam a gente para menos”³⁴: as famílias de antigamente

Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.

Ali a gente brincava de brincar com palavras

tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!

A Mãe que ouvira a brincadeira falou:

Já vem você com suas visões!

Manoel de Barros (2010, p. 449)

A Costa, nos tempos de outrora, encontra com a poética de Manoel de Barros (2010, p. 454): “O lugar onde a gente morava quase só tinha bicho solidão e árvores. Meu avô namorava a solidão. Ele era um florilégio de abandono.”. Nesta narrativa conversaremos com pessoas entre cinquenta e oitenta anos, quase todos nativos (Ametista,

³³ Bortoni-Ricardo (2005) apresenta a Sociolinguística Educacional, fundamentada na “Pedagogia culturalmente sensível” defendida por Erickson (1987), que propõe o reconhecimento da cultura que as crianças trazem e da sua língua familiar (língua mãe). Esta proposta permite a percepção do outro com as suas características individuais e culturais, considerando a língua como expressão social, plural, heterogênea e diversificada, historicamente situada e capaz de comunicar um jeito específico de ser e de viver. Esta concepção se faz compreensível, na poética de Manoel de Barros (2010, p. 475-476): “Não sinto o mesmo gosto nas palavras:/oiseau e pássaro. Embora elas tenham o mesmo sentido. [...] Penso que seja porque a palavra pássaro em mim repercute a infância. E oiseaunão repercute. Penso que a palavra pássaro carrega até hojenela o menino que ia de tarde pradabaixo das árvores a ouvir os pássaros.” (grifos do autor).

³⁴ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo, Leya, 2010. p. 7.

Bela, Bernardo, seu Cacau, Drica, dona Estrela, tio João, Isa, dona Malu, Margarida, Marinheiro, Leon, Açucena). Cada um, em conversa livre, foi abordando aspectos que estão em suas memórias permeadas de saudade. Algumas falas se encontram, outras são divergentes, mas vão indicando, aos poucos, os cenários da Costa de antigamente, as gentes, as famílias, os costumes, as dificuldades, os conflitos, o reconhecimento de que se hoje as coisas são mais fáceis, antigamente a vida, em suas lembranças, tinha mais tranquilidade, sabores e cores. Ao recordar e contar, estes personagens cumprem com uma função social, pois, embora ao morar na Costa ainda sejam bastante atuantes, de acordo com Bosi (1994, p. 63):

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Leon fala de seus avós e conta que seu pai, que sempre foi chefe da embarcação e muito organizado, morreu com 72 anos de idade: “*Se você entrasse de chinelo e com areia na embarcação, no outro dia ele não dava mais carona.*”. Um pouco nostálgico, foi falando das novas embarcações tão bonitas e grandes que seu pai não viu, mas logo parece se consolar e afirma: “*Ele viu muita coisa boa, muito peixe, muita coisa bonita, não tinha destruição. Meu avô falava para minha avó colocar a panela no fogo e esquentar a água e meu avô dava duas tarrafadas. Pegava muito camarão, tudo fresquinho, vinham pulando.*”. Parecendo estar vivendo novamente aqueles tempos continuou: “*E a minha avó colocava o peixe em cima da telha para comer seco do sol, a minha avó escalava³⁵, 30 a 50 tainhas e não existia mosca nenhuma, a minha mãe adorava peixe seco do sol, é um bocado gostoso.*”.

Marinheiro, também nativo da Costa, conta com certo orgulho e um pensamento ainda de colonizado (ao aliar a beleza de sua mãe à descendência alemã): “*Meu pai também era nativo daqui, mas minha mãe era do Rio Vermelho. Uma senhora falou que minha mãe era a mulher mais bonita daqui, tinha descendência alemã.*”. Drica, que não é nativa, volta ao passado e parece pensar em voz alta, olhar perdido no

³⁵ Técnica de retirar as espinhas do peixe, conhecida na região como escalada ou espalhada.

horizonte: *“Fico imaginado a vida do meu sogro e da minha sogra lá no Saquinho, só com uma canoa, imagina, não tinha motor, não tinha nada. Lá naquele final lá, naquele fim de mundo. Se bem que eles tinham a vantagem de sair pelo Rio Vermelho [travessia mais curta].”*

Açucena, fala das roupas de antigamente: *“As nossas roupas a mãe comprava esses sacos, que a gente limpa o chão e fazia a roupa pra nós. Pintavam pra ficarem mais bonitinhas. Então a nossa roupa era aquilo, o uniforme da escola era isso, a gente não tinha luxo.”*. Falou sobre o pouco dinheiro e descreveu as casas sem móveis, o fogão a lenha, as camas feitas com quatro tábuas pregadas, os colchões de capim colhido no mato e os travesseiros de macela. Quando pensei que haveria uma sequência de reclamações, ouvi um pouco espantada, mas encantada com a simplicidade, a sabedoria e, dialeticamente, a livre manifestação de saudosismo dessa mulher: *“Na verdade era bem mais saudável que hoje, era tudo muito natural, a gente passava muito trabalho, mas tudo que se comia era a gente que plantava e que colhia. A gente também criava boi...”*. Açucena continuou falando: *“Eu lembro que quando entrei pra escola, com 7 anos, a minha primeira bolsinha em que botei o meu caderninho foi feita com a renda que fiz. Mas foi muito bom aquele tempo, eu tenho saudade.”*

Tio João, como é conhecido na Costa, fala que criou seus filhos da mesma maneira como foi criado, com diferença dos estudos: *“A coisa mais difícil até hoje foi aprender a ler. Escrevo meu nome, leio alguma coisinha, mas ler igual às crianças, não consigo. Me sinto vergonhoso assim. Vejo jornal e quero saber das notícias e não consigo. A gente vai vendo que as coisas vão evoluindo e nós ficando pra trás.”*. Interrompe a fala, parecendo querer espantar seus próprios pensamentos e continua a discorrer sobre os estudos: *“Saia daqui às 6 horas da manhã em canoa a remo. Íamos para estudar na Lagoa. A gente chegava com uma fome e era uma dificuldade com a merenda. A gente, no meio do caminho, apanhava uma goiaba ou uma bergamota verde. A noite ia pescar com os pais da gente.”*. Mais uma pausa e um sorriso que pareceu brotar do fundo do peito: *“Mas eu adorei ser criança aqui. Adorei a minha criação e peço para que, se um dia alguém tiver que cuidar de mim, que cuide de mim aqui, onde sempre morei.”*

A modernidade, que de certa forma, facilitou a vida dos moradores, é percebida de maneira conflitante e, com certeza, traz as contradições que levam a uma saudade nostálgica e, ao mesmo tempo, a um reconhecimento das facilidades que existem na atualidade. Bela lembra com muita saudade da Costa de antigamente que não tinha todos os restaurantes e que era uma paz. Fala com certa tristeza da falta dos

engenhos na atualidade. Diz que queria mostrar para os filhos e as crianças como fazer biju e farinha: “Agora, tem que ir à cidade comprar a farinha. O Bernardo, meu marido, quarta feira foi para o centro comprar de um senhor que tem engenho e de quem o meu o pai já comprava.”. Em contrapartida, Ametista se lembra dos tempos em que os barcos eram poucos e de propriedade particular: “Naquela época não tinha esse horário de barco, era bem difícil, a gente às vezes ia de carona e vinha a pé na volta. Assim, indo de barco e voltando a pé, chegava mais cedo em casa.”.

Dona Malu, assim fala de seus pais: “Minha mãe era meio brava, mas meu pai não, era bem calmo mesmo. Ele era pescador.”. Esta fala pode nos remeter a uma máxima popular: “Está estressado? Vai pescar.”. Provavelmente o trabalho solitário do pescador, em meio ao silêncio das águas, acaba constituindo uma maneira de ser singular e tranquila. Pergunto como ela descreveria a Costa atual para os seus pais e ela vai elencando os aspectos que considera significativos e que revelam as dificuldades pelas quais passaram:

Falava que agora está muito melhor do que quando era aquele tempo. De primeiro a gente tinha duas mudas de roupa e agora a gente tem tanta roupa, abre o guarda roupa e não sabe o que vai vestir. Vou usar essa, vou usar aquela? Antes era tudo remendado. O cobertor pra se tapar era fininho. Agora é tudo cobertor bom de pelo. No nosso tempo era pobreza. Até uns 15 a 20 anos atrás era uma pobreza muito grande, agora a gente pode dizer que está milionário. Tudo o que é bom e quiser, a gente tem. Tem dinheiro. No nosso tempo era só em época de festa que se comia carne ensopada, com refrigerante. Agora a gente pode comer todo o dia.

Isa conta que teve um ótimo pai e uma ótima mãe. Ambos estão vivos, ele com 79 anos e ela com 87 anos. Conta que a educação e o ensino que deram para ela foi muito bom mesmo. O pai teve três acidentes vasculares cerebrais (AVCs) e a mãe tem problemas de diabetes e de colesterol. Conta que até hoje, embora seja um costume em extinção, ela e os seus cinco irmãos ainda pedem benção: “Benção pai, benção mãe.”. Já os seus filhos são assim: “O mais velho já não faz isso, o do meio não faz e o mais novo, toda vez que vai dormir, bota a mão na

boca e fala: benção mãe! Me dá um abraço e me beija.”. Neste momento, sorri como se aprovasse o ritual que o filho caçula cumpre antes de dormir. Conta também que o seu avô fez o seu aparelho de bilro, pois fazia para todas as mulheres. Aprendeu a fazer renda com a sua mãe. Conta, com orgulho, que já fez renda com 32 pares (64 bilros), evidenciando as suas habilidades, pois quanto maior o número de bilros, mais complexo é o trabalho de rendeira.

Margarida foi uma das únicas moradoras a dizer que não gosta mais de morar na Costa, mas relaciona este cansaço com a ameaça de demolição das casas e dos trapiches: “*Não gosto mais de morar aqui, cansei. Tava falando pra dona Estrela, e se vem esse negócio de demolição? Se chegar não fico aqui. [...]. Como fica o ponto turístico da Costa? Como que os pobres vão viver? O povo está revoltado, mas não vão demolir, não.*”. Ao mesmo tempo em que demonstra a sua indignação, também manifesta a sua crença na Costa como um lugar que não pode ser demolido. No entanto, houve mudanças que os moradores não conseguiram evitar e, na dinâmica dos movimentos históricos, ainda ocorrerão outras tantas, como relata Girardello (1998, p. 526-527):

Hoje, a Costa tem mais de 500 moradores. Ainda se pesca, embora as redes já não venham tão cheias, e o pirão com peixe continua sendo o prato básico. A farinha é comprada pronta: ainda se planta alguma mandioca, mas o único engenho de beneficiamento que restou é preservado por uma cooperativa de moradores consciente do patrimônio cultural que ele representa. Algumas mulheres ainda fazem renda, mas nenhuma das meninas que entrevistei domina o complexo movimento dos bilros, ao contrário de suas mães e avós quando tinham essa idade.

Alguns moradores reconhecem este movimento inevitável. Dona Estrela entra na conversa: “*O nativo é quem nasce aqui, eu tenho dois filhos que nasceram. Os partos foram em casa. Minha mãe era parteira, e ela que fez.*”. Com esta fala parece reconhecer que a Costa de hoje é diferente e, de uma maneira mais dura (ou realista?), continua: “*Essa geração de hoje, muitos, não são todos, não vão ficar morando na Costa. Vão sair, porque o trabalho deles é lá fora. É muita dificuldade trabalharem lá e morar aqui. Acho que a maioria dessa geração de 18 a 20 anos vai sair, tanto homem, como mulher.*”. Esta afirmação foi constatada por mim durante os meses em que morei na Costa quando

presenciei vários jovens mudando para a Lagoa e para outras partes da Ilha. As travessias diárias de barco se tornam exaustivas para quem estuda e trabalha. Dona Estrela continua: “*Acho que o pouco que tem é tudo, muitas coisas já foram, já passaram. Antigamente a nossa importância era maior porque a gente é que fazia a farinha, o café... A nossa importância hoje é conversar um com o outro, fazer companhia.*”. Dona Estrela, sem nenhuma falsa modéstia se reconhece como uma pessoa boa, que se relaciona bem com as pessoas e que ajuda os outros sempre que pode. Moradora da Vila Verde, é a mais velha da Costa, seguida de Dona Maria: “*A gente sempre conversa. Ela vem aqui, eu vou lá.*”.

Esta nostalgia saudosista faz parte da fala dos mais velhos e, talvez, se pudessem, voltariam no tempo e não deixariam os jovens sair da Costa. É como se estudo demais e ficar fora da Costa faça desaprender as tradições e seu Cacau arremata: “*Antigamente aqui nascia, crescia e aqui casava. Não saia ninguém pra fora, era muito difícil sair uma moça ou um moço daqui pra fora, casava tudo aqui. Então era uma família só.*”.

3.1.2 Os namoros do tempo do onça

*Havia um muro alto entre nossas casas.
Difícil de mandar recado para ela.
Não havia e-mail. O pai era uma onça.
A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão.
E pinchava a pedra no quintal da casa dela.
Se a namorada respondesse pela mesma pedra
Era uma glória!
Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira
E então era agonia.
No tempo do onça era assim.*

Manoel de Barros (2010, p. 402)

Recordações de namoros e de casamentos estão presentes no imaginário dos moradores mais antigos, ainda mais quando havia proibições e transgressões. Dona Estrela, Bela, seu Cacau, Cora e vô Manoel são os personagens desta narrativa e, cada um do seu jeito, contaram um pouco de suas lembranças e peraltices e concepções. Em uma tarde de junho, sentada em torno da mesa da cozinha de sua casa, dona Estrela, sem aparentar os seus 72 anos de vida, começou a contar sobre os namoros nas épocas antigas. A conversa rolava solta. Contou que o namorado vinha conversar com a namorada em frente da casa da

mãe. Só namoravam a partir dos 16 anos e antes de o sol entrar no morro, já tinham que entrar em casa. Namoros à noite só quando tinha festa na Lagoa. Nestas ocasiões ficavam no muro, embaixo das luzes, mas não podiam beijar: “*A minha mãe ia com a gente no baile. Ia na frente pra cuidar da gente...*”. Ao lembrar-se dos seus tempos, apresentou a sua opinião sobre os namoros de agora: “*Era um tempo bom, um tempo respeitado, o namorado respeitava a gente.*”. Parou, pensou e continuou: “*A metade das crianças hoje tão perdidas, por conta desses namoros que existem na televisão, na rua, hoje se vê meninas com 12, 13 anos engravidando... Não aproveita nem a sua felicidade.*”.

Será que a fala de dona Estrela pode se estender para todos os namoros daquela época? Parece que não. Seu Cacau, ao contar a sua história reafirma o estudo de Caruso (2011) sobre as relações matrimônias na Costa. Ele conta que não casou oficialmente: “*Eu fiz uma ladroagem assim, eu roubei a minha mulher. Ela era nativa aqui da Costa. Faleceu faz um ano e meio.*”. Com um sorriso maroto, mas um pouquinho triste, continuou: “*Daí peguei e me casei, sem nada.*”. Despachado, resolveu contar porque casou assim: “*Meu pai tinha um engenho de farinha lá em cima. Ela tava raspando a mandioca e eu sevando. Fazia sinal que eu ia levar ela e eu tava com pressa.*”. Sorriu e continuou: “*O boi andando no engenho e eu dei uma varada no bicho que deu aquela arrancada no engenho. O meu pai tava na prensa, botando maço no barril. Eu tava de camiseta e, com a mesma vara que eu dei no boi ele passou nas minhas costas.*”. Neste momento, interrompe a fala e parece ter voltado no tempo. Após alguns segundos volta à narrativa e, desta vez, alterando a entonação da voz, repete a fala do seu pai: “*Ei, Darci, o boi não tá caminhando? Que pressa é essa que tu tais? Que pressa é essa? Se ele estragar o engenho e precisar parar tudo pra arrumar?*”. Meio emocionado e divertido, continuou: “*Tá certo pai.*”. Na sequência contou que o pai logo manjou a situação e que era violento. A história continuou a ser contada. Seu Cacau falou que se passaram uns três ou quatro dias e estava ralando a mandioca. Pensava que não ia dar mais pra fugir com a moça. Então, ele decidiu. Estavam junto o pai, a mãe, dois irmãos e ele falou: “*Papai eu vou me casar.*”. Novamente imita a voz do pai: “*Que? Vais casar com que? Não tens nada!*”. Neste momento, seu Cacau parece ficar mais corajoso e a voz soa mais forte ao contar como respondeu e o que fez: “*Eu dou um jeito! Peguei e me casei, não fiz casamento. Naquela época a gente perguntava pra moça se aceitava caminhar junto com a gente e ia embora. Fazer casamento pra encher a barriga dos outros não, aquele*

dinheiro ficava para outra coisa.”. Assim continuou: “Esse dinheiro ficou pra comer, ou pra isso, ou pra aquilo. Hoje se faz festa por conta dos presentes. Naquela época não tinha presente, só iam e comiam, então pra que festa?”.

O casamento parece que deu certo. Seu Cacau ficou casado, com a mesma mulher, durante 62 anos. No entanto, como a maioria dos homens, ele também trabalhou no Porto de Rio Grande/RS: *“Quem criou os filhos foi a minha esposa, porque eu não parava em casa. Eu sofri no trabalho pra arrumar a vida e ela sofreu pra cuidar dos filhos.”.* Com certa melancolia, mas tranquilo, contou sobre o dia em que ela adoeceu e morreu:

Ela foi a primeira e última... À véspera dela falecer, tava cascando camarão que eu comprei do Rio Grande e perguntou pra nossa filha: “Será que seu pai vai arrumar outra mulher quando eu morrer?”. E ainda falou assim: “Cacau, tira um pé de aipim pra nós e põe pra cozinhar.”. Eu disse: Quando vocês terminarem de cascar, o aipim vai estar cozido. O aipim ficou cozido bem na hora e sentamos os três para tomar café. Depois ensaquei o camarão e botei no freezer. Sentamos para assistir televisão. Ela deitou sem sentir nada, nós dois dormimos. Eram cinco horas, ela começou a respirar mal e não respondia. Chamei o Osvaldo, meu filho e vizinho, para socorrer. Ainda conseguiram levar e ficou no hospital três dias.

Além de ouvir estes contos interessantes sobre os costumes de antigamente que observavam certo rigor moral, mas não eram tão recatados assim, experimentei, pela primeira vez, café com mandioca da casca roxa, plantados e colhidos por seu Cacau. Ele, todo orgulhoso de sua plantação fez questão de me levar, depois, para ver a sua roça. Esta gentileza de servir algo para comer, perpassa por quase todos os moradores da Costa, não faltando convites para tomar um café. Por este costume eu e Bela, minha vizinha, passamos diversas horas conversando. Todos os dias quando acordava, abria a casa para o Toquinho fazer xixi no pátio e também acabava dando uma espiada na casa da Bela para ver se as janelas estavam abertas, com os travesseiros e cobertores pendurados. Em caso afirmativo, já desejava um bom dia em alto e bom som. Lá saía ela de casa para me saldar. Dia desses, ela

estava cascando siri. Pulei a grade e fui ver. Sentada em um banco de madeira na cozinha externa da casa. Uma perna para cada lado. Pés apoiados em cima de tijolos. Bacia entre as pernas. Faca em uma mão e siri na outra. Ela é muito cuidadosa com a higiene. O ventilador permanece ligado e as moscas não pousam. Ela sempre com meias, pois *“mulher não pode pegar friagem no pé”*. Começamos a conversar e ela me contou sobre o início da sua juventude: *“Quando eu me formei mocinha [menstruou], tinha que sair com uma pessoa casada, respeitada, os pais da gente confiavam que aquela pessoa garantia a nossa pureza.”*

Na continuidade me contou sobre o início do namoro com o Bernardo, seu esposo, que namorava uma irmã dela e acabou se encantando por ela. Bela disse que não podia voltar depois das cinco horas da tarde para casa e, quando, vez ou outra, saíam escondidas à noite: *“A gente tinha que riscar um fósforo atrás de uma moita de mato, pra fazer um sinal que a gente tava ali pra que eles vissem da praia.”*. Disse que os meninos viam e corriam para encontrá-las, pois sabiam que logo alguém iria perguntar: *“Onde é que tá a Bela? Onde é que tá a Ametista? Onde é que tá a Cora?”*. Como a Bela era a mais velha, acabava tendo que, segundo ela, *“dar exemplo pras outras”*, avisando quando ouvisse o barulho do trinque da porta ser aberta pelo pai que vinha verificar se estavam por perto da casa. Nesse momento, relata: *“Aquele que tivesse perna [fez o sinal de correr], tinha que vir pra dentro de casa correndo pra ele não perceber que estávamos longe, se não ele ia atrás de nós.”*. Rindo, conta que o pai nunca bateu nelas, pois sempre conseguiram chegar a casa antes dele sair. Vô Manoel reforça esta concepção de que era raro apanhar. Contou que não se lembra de um filho levar uma cintada ou apanhar da mãe ou do pai. Ao relatar uma história dos seus tempos de moço explica o porquê de não ser necessário apanhar:

Tive 11 irmãos, eu não apanhei, mas a educação naquele tempo não se falava em bebida, não se falava em namorada, não se falava palavra feia em casa, nem um cigarro se via. Um dia eu ia à lagoa tomar banho, porque nós não tínhamos banheiro. Na volta, estava pronto pra ir para a casa da namorada, porque naquele tempo só se namorava de dia, de noite não tinha namoro. Nós íamos para a Domingueira, que era um baile que acontecia até umas cinco da tarde. Meu pai chegou e disse assim: “Vai lá em cima apanhar

capim para a vaca.”. Despi toda a minha roupa, coloquei outra velha e suja. Fui pegar o capim e não ia dizer que não ia. Isso que já estava pronto pra sair de casa. Assim que era.

Em outra manhã de julho fui acompanhar Flor que ia levar um lanchinho para a sua mãe, dona Pérola. Na volta paramos na casa da Cora, sua irmã. Ela estava na cozinha, botando o macarrão na panela. De repente, começaram a conversar sobre seus tempos de jovens. Cora falou: “Era bem difícil, a gente custava a sair pra passear, pra baile.”. Continuou contando que o pai delas só permitia sair junto com algum responsável: “Íamos, mas com aquele tio meu que trabalhava na barca, que mora bem ali pra frente da casa da minha mãe, a gente ia, mas quando ele vinha, tinha que trazer a gente.”. Já com mais confiança falou que na verdade não era tão rígido assim, porque podiam trocar de namorado, “experimentando” e até beijando outros. Este “experimento” não as deixava “mal faladas”.

Após ouvi-los, concluí que a descrição das experiências de namoro, de maneira mais solta ou mais travada não é tanto uma questão de gênero, mas de jeito de ser. As mulheres riem muito ao contar as suas histórias porque têm consciência das pequenas mentiras e transgressões que praticaram. Estas narrativas apresentam similaridade com o estudo desenvolvido por Caruso (2011): “Os namoros eram “respeitosos” e não passavam de beijos e a fuga era a forma primeira para alguém casar [...]. Nos namoros era obrigatório algum acompanhante, de preferência um parente mais velho [...]”. De fato, como todos se conheciam e as famílias eram numericamente poucas, as transgressões eram permitidas porque, ao final, se “algo” acontecesse, haveria casamento.

Mulheres jovens e casadas, maridos saudáveis, natureza abundante: chegaram os bebês. Depois de conquistar certa confiança e como fui percebendo que as mulheres mais velhas tiveram muitos filhos, decidi perguntar por que os seus filhos tinham quase a mesma idade dos filhos de suas vizinhas. Sem nenhum constrangimento, foram explicando que os homens iam para o Porto de Rio Grande na mesma época e que ao voltarem os filhos eram feitos e, assim, nasciam várias crianças no mesmo mês, como explica dona Estrela:

Porque na época que tive meus filhos, e minhas irmãs e amigas tiveram, não existia remédio para nós. Existia, mas não podíamos comprar, eram muito caros. A gente tentava controlar e quando

os maridos viajavam a gente ficava esperando a menstruação que não chegava... Se existisse camisinha, não tinha... Naquele tempo não existia isso pra nós, não se ouvia falar nisso... O comprimido existia, mas era muito caro pra nós, era muito raro. A gente ficava naquela ansiedade: "Tomara que ele volte pra lá pra que eu não fique grávida."

Ao ouvir estas histórias, que não cogitaram a possibilidade de não ter relações sexuais, lembrei-me da poesia de Manoel de Barros (2010, p. 473) sobre as delícias do amor: "Fazer pessoas no frasco não é fácil. Mas se eu estudar ciências eu faço.[...]. Para fazer pessoas ninguém ainda não inventou nada melhor que o amor. Deus ajeitou isso para nós de presente. De forma que não é aconselhável trocar amor por vidro.". Os antigos moradores da Costa compartilhavam desta sabedoria, namoravam e a gravidez acontecia, o filho nascia e, na próxima visita, outra "barriga cheia de novo".

Experimentei, com essas conversas sobre namoros, a afirmativa de Bosí (1994, p. 90) ao escrever sobre a relação que nasce entre o narrador e o ouvinte, construída no interesse mútuo de preservar o que foi vivido:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. As mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiaados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.

3.1.3 Benzedeadas e benzedores

*Não tenho a anatomia de uma garça pra receber
em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo. É uma benção.*

*Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas me
namoram mais de perto. Fico enamorado. É uma benção.*

[...]

*Até alguém já chegou de me ver passara mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.*

Manoel de Barros (2010, p. 478-479)

A benzedura tem sido muito praticada na ilha de Florianópolis, na busca da cura de doenças e do afastamento de males, sendo realizada geralmente por mulheres benzedoras, apesar de existirem homens benzedores também. A presença de benzedoras e benzedores é uma constante nas memórias dos moradores da Costa. Acreditam que há doenças para médico cuidar, mas há outras, geralmente ligadas ao efeito de invejas e trabalhos encomendados, que só as benzedoras e os benzedores têm o dom de curar. Os mistérios que envolvem o ato de benzer estão para além da Costa, fazem parte do imaginário da população brasileira e do sincretismo religioso, evidenciados no estudo de Dias (2013, p. 17):

Muitas pessoas hoje em dia me procuram para saber de alguma benzedora, desde estudantes de jornalismo interessados em reportagens sobre elas, até pessoas que julgam estar necessitando de uma benzedura. [...]. O endereço das benzedoras não é algo com que se conta para encontrá-las. Em Florianópolis, para quem não conhece benzedora e deseja encontrar alguma, o caminho mais fácil é dirigir-se até alguma comunidade como o Canto da Lagoa, Costa da Lagoa, Barra da Lagoa, entre outras, e perguntar aos moradores.

A Costa, por ser uma comunidade que se constituiu de pessoas simples e muito próximas da natureza, tem em suas memórias a presença destes seres que mexem com o imaginário. Leon conta sobre o seu Angelo, benzedor antigo e respeitado, ainda vivo e com 99 anos, mas que se encontra bastante debilitado e parou de benzer. Contou também sobre uma senhora, sua vizinha, que benzia “responso”, ou seja, quando alguém perdia um anel, uma corrente, chegava ali, ela ouvia e mandava a pessoa embora. Logo em seguida ela fazia uma reza, da frente pra trás e de trás pra frente, e o objeto perdido era encontrado. Conta ainda que a presença desta senhora deixava todos despreocupados, pois você perdia algo e, com as rezas dela, logo achava as suas coisas. Na sequência falou sobre uma verruga que lhe machucava: *“Fui a um benzedor. Ele mandou me despreocupar e esperar três luas. Quando eu vi tava sem nenhum sinal. Fui até o benzedor para agradecer e ele me mandou andar pra frente, não olhar pra trás e não lhe agradecer.”*

As histórias continuam, demonstrando que a Costa foi um lugar de muitas crenças e de muitos moradores que tinham o dom de benzer. Geralmente eram pessoas de mais idade e respeitadas pela comunidade: *“Antigamente ninguém ia à farmácia, a gente chegava de manhã, antes de o sol sair e ia à casa da avó benzer. Minha outra tia benzia de mau jeito, quando dá um mau jeito e não consegue andar.”*. Mas seu Cacau tem uma preocupação: *“Ninguém está pegando esse conhecimento, os benzedores e as benzedoras não contam os seus segredos, nem a gente pegou. Só sei que a minha avó não comia a carne verde que é comprada em açougue, ela só comia peixe assado e galinha do terreiro.”*.

Atualmente a Costa tem Posto de Saúde com médicos que atendem diariamente, a maioria das mulheres têm os seus bebês em hospitais da Ilha, há um helicóptero que transporta doentes mais graves e turistas acidentados na Cachoeira, mas as benzedoras continuam sendo consultadas e respeitadas, como é o caso da mãe de um bebê da Costa da Lagoa que, todas as segundas-feiras, vai de barco até uma benzedora da Lagoa, como relata Dias (2013, p. 23):

Contou-me a mãe da menina que bebês são alvo de muito olho gordo, pois atraem muita admiração e são ainda frágeis e vulneráveis ao ataque dessas forças. Então a mãe leva a filha para ser benzida e assim proteger-se contra o olho gordo. Quando a menina encontrava-se chorando muito, era benzida de arca caída, conta a mãe. Encontrei pessoas também muito angustiadas que viam em Lurdinha a última e única possibilidade de resolução de seus infortúnios.

Esta “circularidade cultural” (GINZBURG, 1987) evidencia que, na Costa, tudo é permitido, desde que os seus moradores assim o desejem. A prática das benzeduras vai se misturando com a medicina contemporânea, mas é um conhecimento e uma sabedoria que estão se perdendo, como em tantas outras comunidades, porque não há pessoas mais jovens aprendendo estes ensinamentos.

3.1.4 Quero ficar no seu corpo feito tatuagem³⁶...

*Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.*

³⁶ Música “Tatuagem” de Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra, 1972.

Seria um saber primordial?

Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe.

A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.

Manoel de Barros (2010, p. 450)

Dona Pérola, uma das mais antigas moradoras, manifesta o seu descontentamento porque estão vindo muitas pessoas diferentes morar na Costa. Esta preocupação poderia indicar que estava ouvindo uma pessoa conservadora e voltada para o passado, mas percebi que, mesmo a Costa, uma comunidade com muitos costumes tradicionais, possui as suas surpresas, as suas transgressões que evidenciam a “circularidade cultural” apontada por Ginzburg (1987). Ao olhar para Dona Pérola, percebo umas letras em seu braço e pergunto o que é. Ela, na maior espontaneidade, me disse: “*É uma tatuagem, praticamente todos os mais velhos aqui da Costa têm.*”. E, rapidamente, conta responde que foi um moço que morava na Lagoa e passa a descrever o processo: “*Naquele tempo, ele fazia com três agulhas, bem amarradinhas. Passavam naquela tinta que a gente escrevia [possivelmente a tinta usada pelas canetas tinteiro]. As três pontinhas das agulhas ficavam assim, bem amarradinhas.*”. Neste momento, junta os três dedos para mostrar como ficavam as agulhas, exemplificando para facilitar a minha compreensão e continuou: “*Passavam naquela tinta que a gente escrevia e picavam na gente. Passavam de novo na tinta e passavam na gente. Doía, daí aquela tinta ficou na pele, daí a pele foi secando... Eu fiz com 15 anos, todas as minhas irmãs têm, nos éramos moças...*”. Ao perguntar sobre o significado ela respondeu que tatuou as iniciais do nome. Disse também que não havia preconceito porque os tatuadores sabiam fazer bem feito, que primeiro ficava um cascão e, quando descascava, o desenho ficava na pele. Disse que o tatuador trabalhava no Porto de Rio Grande/RS, que aprendeu lá e que ele tinha no corpo muitas coisas lindas tatuadas como rosa e peixe: “*Eu gostava só de ver nos outros, mas agora eu gostaria de ter. Tem muito desenho, esses dias eu vi na TV um cara fez em todas as juntas dos dedos.*”.



O tatuador de Rio Grande fez história na Costa e na pele de seus moradores. No entanto, seu Cacau busca diferenciar as tatuagens de antigamente das atuais: *“Naquela época a gente não fazia bobagem, só fazia o nome. O tatuador era casado com a irmã da minha mãe. A minha esposa também tinha tatuagem, mas só o nome dela. Pra fazer outra coisa não, pintar pescoço, umbigo isso não.”*. Numa demonstração de que as tatuagens eram uma maneira de transgressão, mas diferentes das de agora, afirmou: *“Porque antigamente a polícia manjava a pessoa que tinha tatuagem, mas agora é livre, faz tatuagem de tudo quanto é lado.”*.

Em relação aos preconceitos existentes a quem tem tatuagem, Pérez (2006) adverte que desde 1980 até os dias atuais já acontece uma melhor aceitação no Brasil, sendo que os mais diferentes tipos de pessoas possuem tatuagem. Assim, a pele acaba se tornando uma espécie de “diário”, no qual as pessoas registram letras, desenhos, símbolos que possuem significados para elas ou até para um grupo maior. No caso específico da Costa, as tatuagens dos mais velhos são compostas pelas letras iniciais dos seus respectivos nomes, fato que me arrisco a dizer como sendo feitas por um desejo de uma identidade pessoal e um pertencimento social a uma comunidade específica.

Mesmo eu tendo nascido em 1990, quando o uso da tatuagem já havia se popularizado e tendo feito uma recentemente, foi curioso olhar o braço de Dona Pérola tatuado, enquanto ela me servia café. Instigada por este episódio, busquei informações sobre as tatuagens, encontrando, no estudo de Pérez (2006), a confirmação de que os primeiros tatuadores

foram os viajantes e os marinheiros, explicando, de certa forma, as tatuagens existentes nos velhos moradores da Costa. Segundo a autora, a tatuagem inicialmente se fez com inspiração nas pinturas corporais dos aborígenes, como arte exótica, passando a ser adotada como marca de grupos marginalizados socialmente (presidiários, prostitutas e soldados). A partir de 1967, tribos urbanas (roqueiros, motoqueiros, hippies e outros) adotaram as tatuagens como marca corporal e sinal de ruptura das regras sociais. Este histórico criou preconceitos com relação aos corpos tatuados e, mesmo após 1990, quando se proliferaram profissionais e estúdios de tatuagens, este estigma tem permanecido em níveis mais intensos ou brandos, fazendo com que o seu Cacau busque explicar os tipos de tatuagem que eram permitidos para os homens e as mulheres da Costa de antigamente, numa tentativa de evidenciar que havia diferenças.

Após a leitura do artigo de Pérez (2006), a atitude de dona Pérola se tornou ainda mais instigante por ser mulher, por ter feito a tatuagem aos 15 anos, pela época em que fez e pela maneira artesanal como foram marcadas as letras em seu braço. Também é instigante ouvi-la afirmar, aos 86 anos, que hoje faria outros desenhos em seu corpo. Desenhos que só admirava nos outros, mas que, com o passar do tempo, passou a achar bonitos. A atitude tranquila e aberta de Dona Pérola frente aos desenhos e as cores das tatuagens atuais, convivendo com as opiniões de seu Cacau, evidenciam que há tatuagens aceitáveis e outras que não devem ser feitas. Suscitam problematizar as questões relacionadas com as resistências femininas e os recuos masculinos, mediados pelas contradições humanas. Esse caminho, segundo a referida autora, pode suavizar os estereótipos do que é ser homem e do que é ser mulher, podendo gestar outras maneiras de ser e de estar, pessoal e publicamente, no mundo.

3.1.5 Os servicinhos de antigamente e de agora

O que eu faço é servicinho à-toa. Sem nome nem dente. Como passarinho à toa. O mesmo que ir puxando uma lata vazia o dia inteiro até de noite por cima da terra. [...] Tudo coisinhas sem veia nem laia. Sem substantivo próprio. [...] No meu serviço eu cuido de tudo quanto é mais desnecessário nessa fazenda. [...] Separo os lagartos com indícios de água dos lagartos com indícios de pedra. [...] Dou comida pra porco. Desencalho harpa dos brejos. Barro meu terreiro.

Sou objeto de roseiras. Cuido dos súcubos e dos narcisos. E quando cessa o rumor das violetas desabro. Derrubo folhas de tarde. E de noite empedreço. Amo desse trabalho. Todos os seres daqui têm fundo eterno.

Manoel de Barros (2010, p. 212-213)

O assunto é trabalho. Quase todos têm o trabalho como companheiro de vida, desde a infância até a idade adulta e a velhice. Até os dias atuais não se paga, na Costa, para alguém fazer os trabalhos da casa, cada um faz o que for preciso. Também não se separa o trabalho das convivências, das conversas, das risadas e das encrencas. Conversei com dona Estrela, Ametista, Dona Malu, Leon e dona Zuma. A maioria lembra-se de um tempo em que havia muitas trocas de favores e de produtos, sendo o dinheiro bem escasso. Muitos homens trabalhavam no Porto de Rio Grande, o que os afastava da família e dos filhos, recaindo sobre as mulheres todos os cuidados domésticos e, ainda, o trabalho com rendas de bilro para complementar o sustento da numerosa prole. Foram tempos difíceis, mas que fortaleceram os laços fraternos e forjaram mulheres e homens corajosos e autônomos.

Como a Costa se constituía de pequenos sítios, a maioria trabalhava nas roças desde criança, mas também em outros serviços, como afirma dona Malu: “*Sim, trabalhei na roça, de fazer renda, de apanhar café.*”. Conta que ao casar parou de trabalhar na plantação e ficou em casa: “*A gente fazia farinha, aprontava de tudo, limpava o feijão, descascava o aipim, lavava as batatas. Criei muito filho, era bem puxado, eu tive 16 filhos, três morreram e 13 são vivos. Seis homens e sete mulheres.*”. Quando eu já estava cansada só de ouvir tudo o que ela fazia, dona Malu, bem tranquila, me diz: “*Nunca trabalhei fora. Agora quase ninguém planta mais, nós deixamos de ter roça.*”.

Dona Estrela também lembra-se de antigamente como uma época maravilhosa, mas com muito trabalho e sacrifício para sobreviver e cuidar dos quatro filhos. Seu marido ficava seis meses em Rio Grande e seis meses na Costa. Eles trabalhavam com farinha, café, mas ela também pescava: “*Pesquei bastante para criar os filhos. Os seis meses que meu marido ficava lá eu tinha que me virar aqui. Quando era época de fazer farinha, era com o meu sogro. Também tinha o café, muita renda. Eu fazia muita rede, trabalhei quarenta anos com isso aí.*”. Ao ouvir outras mulheres, fui percebendo que não eram casos isolados e as falas convergiam de tal maneira que parecia estar ouvindo a mesma

história pela segunda ou terceira vez, pois para Açucena, a situação não foi diferente:

Nós éramos nove irmãos, meu pai era pescador e ele trabalhava no Porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. A gente ficava aqui com a mãe se virando conosco. Trabalhava na roça, fazia farinha, apanhava café. Comecei a fazer renda muito cedo. A farinha, a gente plantava mandioca e a farinha era pra gente, a gente plantava tudo, era feijão, a única coisa que não plantava era arroz. Quando colhia muito a gente vendia, a gente ia lá para a Lagoa da Conceição, dentro de uma canoinha dessas daí, canoa a remo, a gente ia remando. Tinha um cara que comprava lá. Era o dono de uma venda, não era supermercado. A gente nem vendia, trocava por carne seca, bolacha, pão, então a gente fazia a troca. Não se tinha dinheiro para comprar as coisas.

De fato, o dinheiro chegou à Costa bem mais tarde, segundo Ametista: “Depois que a gente começou a fazer rede, pescar e limpar siri e tudo o mais, ficou mais fácil de ganhar dinheiro, do que fazer renda pra vender. Hoje, todo mundo tem emprego, todo mundo tem outro serviço melhor.”. No entanto, essas mudanças preocupam Leon porque seus filhos já não sabem o que significa canoa borda lisa e canoa bordada³⁷: “Falo pra meu guri, ele não conhece mais nada. Os pescadores velhos estão acabando, os mais novos não se interessam muito para pescar, a gente tem muito trabalho e tem pouco valor. Quantas vezes eu comia molhado, dormia molhado.”.

Do trabalho que ainda vive nas lembranças dos velhos pouco restou. As inúmeras roças quase já não existem. No lugar das queimadas com o objetivo de limpar os terrenos para o plantio, a consciência ecológica. No lugar dos fogões a lenha, onde se queimava os gravetos secos, fogões a gás, fornos de micro-ondas, churrasqueiras. Um significativo número de moradores trabalha na Lagoa ou em outro lugar da Ilha e, com o passar do tempo, alguns passam a residir em locais próximos do trabalho. Algumas mulheres ainda fazem renda de bilro,

³⁷ A canoa borda lisa é feita de um só pau e não tem as suas bordas aumentadas com tábuas. A canoa bordada também é feita de um só pau, mas tem as suas bordas aumentadas com tábuas.

outras limpam os peixes e cascam os siris pegos por seus maridos, mas a maioria trabalha nos restaurantes, principalmente em períodos de verão, aos finais de semana e feriados. Os homens que ficaram na Costa trabalham nas duas cooperativas de barcos³⁸, com a pesca e nos restaurantes. Há também uma dentista, uma costureira, um artesão e dono de loja, os proprietários dos pequenos bares, três mulheres de uma mesma família que fazem e vendem doces caseiros, os funcionários públicos que trabalham na escola e no Posto de Saúde, os garis do barco da Concap (responsável por recolher o lixo), pessoas que trabalham na construção civil (pedreiros, encanadores, eletricitistas), outros trabalham em serviços gerais como a entrega de gás, mecânicos de barco, manicure e moradores que, na temporada, fazem pão caseiro e outros alimentos. Há pessoas que ajudam a cuidar das crianças e dos velhos, recebendo um pagamento por esse trabalho não formalizado. Também há artesãos, artistas plásticos e músicos que, em geral, moram na Costa por algum tempo. Às vezes retornam a seus lugares de origem, viajam para vender seus trabalhos e voltam para a Costa.

Atualmente, o turismo se tornou a maior fonte de renda daqueles que optaram por permanecer na Costa. Ao atracar na Vila Principal da Costa, o turista se depara com alguns dos treze restaurantes localizados à beira d'água, pois há alguns que ficam localizados em outros pontos. Basta sentar, contemplar a paisagem e logo chegarão pratos inesquecíveis de frutos do mar, em geral apanhados ali mesmo e feitos, com capricho, pelos familiares ou conhecidos dos proprietários, garantindo a excelência na qualidade. Os peixes mais comuns são os nativos como garoupas, caranhas, carapevas e tainhas, além de camarões e siris. O sabor dos pratos é suave e os preços também. Uma sequência de camarão para duas pessoas, acompanhadas de filé de carapeva ao molho de camarão, arroz, batatas fritas e pirão de peixe custa, em geral, a metade do preço cobrado em outras praias. Para quem quiser fazer uma caminhada e contemplar as belezas locais, há o casario dos moradores, a cachoeira e as trilhas.

No verão, os restaurantes ficam abertos diariamente. No inverno, só se o tempo favorecer, porque os comerciantes confiam na máxima: “No inverno, em dia de vento sul e chuva, nem gato sai de casa.”. A torcida é grande para que o sol, no inverno, diminua a sensação de frio e

³⁸ A Cooperbarco possui 28 barcos e a Coopercosta tem 44 barcos, o que assegura emprego para um significativo número de timoneiros e proeiros (LUZ, 2014). Também há os funcionários, homens e mulheres, que trabalham nos guichês de venda de passagens.

os turistas venham. No dia 27 de julho, um domingo, voltava de barco para a Costa em torno das 16 horas e passaram por nós três barcos lotados de turistas, visto que o domingo foi bonito. Ouvi vários moradores falando: “Graças a Deus!”; “Assim também os pequenos restaurantes sobrevivem”. Estes comentários reforçaram a minha percepção de que o mundo do trabalho na Costa é, historicamente, mais coletivo do que competitivo, pois seus moradores formam redes de parentescos e de amizades. Quando todos estão bem, é bom.

3.1.6 “Tal como os peixes, lhes foi dada uma fisiologia especial”³⁹

*Naquele outono, de tarde, ao pé da roseira de minha avó, eu obrei. [...]
Eu só obrei no pé da roseira da minha avó.*

Mas ela não ralhou nem.

Ela disse que as roseiras estavam carecendo de esterco orgânico.

E que as obras trazem força e beleza às flores.[...]

Eu tinha vontade de rir porque a vó contrariava os ensinamentos do pai.

Minha avó, ela era transgressora.[...]

Daí que também a vó me ensinou a não desprezar as coisas desprezíveis

E nem os seres desprezados.

Manoel de Barros (2008, p. 19)

Ao apresentar a Costa da Lagoa que está guardada do lado esquerdo do peito de seus moradores mais antigos, passando pelas organizações e as relações familiares, os namoros e os casamentos, as benzedeadas e os benzedores, as tatuagens e as questões relacionadas com o trabalho, senti o inusitado da pesquisa etnográfica quando quem pesquisa não permanece no comando e não inibe aquele que fala, pois aos narradores locais cabem as definições das trilhas do que é contado. Assim, na medida em que eles se soltavam e falavam mais livremente, eu diminuía a minha intervenção, tornava-me mais ouvinte. Queiroz (1988) aborda esta inversão proporcional de liberdade de expressão entre a pesquisadora e aquele que fala, pois quando este se expressa de maneira mais livre, a pesquisadora permanece mais calada. Assim, na medida em que eu ficava mais ouvinte, as lembranças, nem sempre fidedignas ou cronologicamente apresentadas, iam surgindo aos borbotões, alargando os campos da memória, sendo possível constatar a veracidade da afirmação de Bosi (1994, p. 91):

³⁹ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 248.

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.

Assim, compartilhei algumas informações que extrapolaram ao planejado, mas que considereí significativas para que se compreendam os adultos com quem as crianças convivem. Como Schwade (1992, p. 49) adverte: “A cada dia que passava, ficava mais claro que o pesquisador é o ‘outro’, e que mesmo exercitando o viver como um nativo, não faz parte: é outro o seu projeto de vida. E os nativos percebem isso.”. As pesquisas realizadas na Costa tornam seus moradores receptivos e desinibidos para falar, mas, por outro lado, o não retorno destas pesquisas e o afastamento da maioria dos pesquisadores após a conclusão das mesmas, como já citado anteriormente, gera certa inquietude e a elaboração de um enredo, pelos moradores, que pode ser definido como “politicamente correto”. Não revelam as situações mais complexas e conflitantes. Afinal, eles já sabem que a pesquisadora não é uma nativa, que poderá se afastar e não retornar, que poderá escrever textos aos quais não terão acesso, mas eles permanecerão parentes e vizinhos na Costa.

Neste percurso, a minha imersão na comunidade possibilitou que percebesse a presença de disputas, conflitos, invejas, brigas, estados de embriaguez, dificuldades de pensar e de viver o coletivo. Contradições que estão presentes em todos os grupos sociais, mas que, de certa maneira, não foram evidenciadas pelos moradores e também não foram aprofundadas por mim. Dialeticamente, os moradores da Costa vivem, apresentam contradições, diferenças e convergências. Há disputa de lideranças e existem famílias que detém determinados privilégios, como a posse de um barco ou de um terreno, por exemplo. Na Costa existem diferentes interesses, concepções pessoais, propostas de grupos, mas há uma busca intencional de um agir coletivo e pelo coletivo. Os moradores mais antigos são ouvidos e respeitados. Posso afirmar que as crianças da Costa convivem com adultos que ouvem e que buscam o diálogo como caminhos para resolver seus conflitos. É uma prática cotidiana ouvir o outro e permitir que o outro exercite seu livre arbítrio. Assim, não focalizei as disputas, não me ative aos comentários difamatórios e me furtei de dar opinião frente a situações que

pertenciam à comunidade e aos seus moradores. Escrevi sobre valores e princípios que perpassam a relação com a vida e com as crianças de acordo com os objetivos propostos para esta dissertação. Mas não nego as contradições, pois as sociedades humanas são assim, e são estas contradições definidoras da nossa humanidade, o nosso constante “devir”, a nossa “incompletude”.

3.2 ENTRE RECORDAÇÕES E SAUDADE, AS BRINCADEIRAS, AS TRAQUINAGENS E OS BRINQUEDOS

*O canto distante da seriema encompridava a tarde.
E porque a tarde ficasse mais comprida a gente sumia dentro dela.
E quando o grito da mãe nos alcançava a gente já estava do outro lado do rio.
O pai nos chamou pelo berrante.[...]
Na volta fomos encostando pelas paredes da casa pé ante pé.
Com receio de um carão do pai.
Logo a tosse do vô acordou o silêncio da casa.
Mas não apanhamos nem.
E nem levamos carão nem.
A mãe só que falou que eu iria viver leso fazendo só essas coisas.
O pai completou: ele precisava de ver outras coisas além de ficar ouvindo só o
canto dos pássaros.
E a mãe disse mais: esse menino vai passar a vida enfiando água no espeto!
Foi quase.
Manoel de Barros (2008, p. 167)*

Nesta parte, focalizo as memórias dos mais velhos em relação às suas infâncias e às infâncias de seus filhos e netos, tendo como pano de fundo o brincar e as brincadeiras como construções e aprendizagens históricas e culturais (BROUGÈRE, 1998, 2000; HUIZINGA; 2004). Foi prazeroso perceber que os antigos moradores, ao falarem de suas infâncias - mesmo que roubadas - têm brilho nos olhos e a memória parece criar asas e voar.

3.2.1 “Nossa brincadeira era só serviço”⁴⁰

*Fomos formados no mato – as palavras e eu. O que
de terra a palavra se acrescentasse, a gente se
acrescentava de terra. O que de água a gente se
encharcasse, a palavra se encharcava de água.
Porque nós íamos crescendo de em par. Se a gente*

⁴⁰ Fala de seu Cacau (caderno de apontamentos, 22 de julho de 2014).

recebesse oralidades de pássaros, as palavras receberiam oralidades de pássaros. Conforme a gente recebesse formatos da natureza, as palavras incorporavam as formas da natureza. Em algumas palavras encontramos subterrâncias de caramujos e de pedras. Logo as palavras se apropriavam daqueles fósseis linguísticos. Se a brisa da manhã despertasse em nós o amanhecer, as palavras amanheciam. Podia se dizer que a gente estivesse pregado na vida das palavras ao modo que uma lesma estivesse pregada na existência de uma pedra. [...]
Foi no que deu a nossa formação. Eu acho bela! Eu acompanho.
 Manoel de Barros (2008, p. 171)

A Costa de antigamente, cenário da infância dos participantes mais velhos, de forma semelhante a outras comunidades de trabalhadores, não tinha espaços e tempos separados da vida cotidiana destinados ao brincar. Cora, Isa, dona Estrela, Gaia, Marinheiro falaram de um brincar que se confundia com o trabalho e com os afazeres domésticos. De certa maneira, tudo era brincante e tudo era trabalho. Nas falas, a Costa aparece como um espaço coletivo e familiar para transitar, conviver, trabalhar e brincar. Cora assim descreve a sua infância: “*A gente ajudava o pai e a mãe em casa, a minha mãe trabalhava na roça, na pescaria e também fazia renda em casa. Eu, para ajudar, limpava a casa e cuidava das irmãs. Naquele tempo não tinha essas coisas de estudo e não tinha proibição de menina brincar com menino.*”. Neste relato a constatação de que, de fato, os tempos não eram para muitas brincadeiras, mas nada impediu que existissem.

Em outro dia de caminhadas pela Costa, encontrei Isa que me chamou para tomar café em sua casa, na cozinha. Ao preparar a bebida, começou a falar o quanto de café já havia colhido na vida, principalmente na infância, quando ajudava seus pais e passou a contar mais detalhes: “*A minha infância era assim. Brincava de boneca, de cozinhadinho, pegava as coisinhas em casa: ovo, batata, essas coisas assim, fazia junto com as amigas. A nossa infância não tinha sair para muito passeio.*”. Assim como Isa, no recordar das pessoas foi aparecendo uma estreita relação entre trabalhar e brincar. Gaia foi contando que a sua infância foi boa, com os irmãos, mas cercada de bastante trabalho: “*A gente pescava, ajudava os pais. Eu levava o peixe no barco para a Lagoa, ia pegar lenha, levava a canoa para pescar com*

os irmãos. Em casa a gente limpava o peixe, minha mãe fazia comida.”. Ao lembrar sua vida escolar relatou: “Tínhamos que saber de tudo um pouco, escola só um ano. Eu sou a mais velha e trabalhei mais que as outras.”.

Dona Estrela consegue lembrar-se dos primeiros anos de vida: *“Naquele tempo a gente era menor e só brincava. Não tinha quase nada para fazer. A gente era pequena, era criança, mas a gente sempre fazia alguma coisa, ajudava tudo em casa. Minha mãe que ensinou o fazimento das coisas em casa. A noite chegava e a gente ia arrumar a casa.”.* Continua falando e vou percebendo que, para ela, trabalhar e brincar parecem verbos semelhantes, assim como a transição da infância para a vida adulta se fazia numa tênue linha, sem interrupções:

Naquele tempo a gente usava gravetinho para fazer fogo. A gente fazia fogo, a gente ajudava a mãe a buscar água no córrego. Isso tudo a gente fez bastante. Assim fomos nos criando e, no fim, quando a gente ficou moça, foi trabalhando com negócio de farinha, de roça. Plantava mandioca, colhia mandioca, fazia farinha, fazia de tudo. Nós raspávamos a mandioca e os outros parentes e o padrinho que me criou, sevavam a mandioca na roda que saía pra prensa, pra secar a massa, pra depois a gente fazer a farinha. Da farinha fazia o polvilho. Tudo saía da mandioca. Era tudo assim naquele tempo, enquanto fazia a farinha, já apanhava e torrava o café. A gente trabalhava tudo junto, a gente socava café no pilão.

De maneira geral, os mais velhos começaram a trabalhar muito cedo, como forma de ser cuidado e de estar próximo aos adultos da família. Antigamente era assim. Esta contextualização de como se dava a inserção das crianças no trabalho se encontra no estudo de Beck (1991) que, ao descrever as comunidades litorâneas de Santa Catarina afirma que os meninos, tradicionalmente, iniciavam suas idas para a roça e começavam a ajudar na pesca por volta dos sete a oito anos. As meninas, em torno dos seis anos, começavam a fazer renda de bilro. No entanto, para as crianças, ávidas por brincar, esses momentos se tornavam também brincantes, por que o ritmo do trabalho assim o permitia e, como estavam em família, era mais fácil transgredir.

Neste contexto, o casamento é que simbolizava a passagem do mundo infantil para o mundo adulto (GIMENO, 1992). Assim, os pais,

ao inserirem os filhos no trabalho, evitavam os namoros e ampliavam a mão de obra dos adultos. Cora, embora tenha afirmado que brincava, explicou que também tinha responsabilidades: “*A mãe da gente tinha muito filho e a gente tinha que ajudar, porque meu pai saía com os outros irmãozinhos nossos para pescar.*”. Portanto, os adultos moradores da Costa de antigamente, conviviam com as crianças de maneira similar a outras tantas comunidades brasileiras (GIRARDELLO, 1998). Nas memórias das crianças de outrora - os velhos de hoje - é possível identificar a consciência sofrida de um tempo precocemente roubado ao direito de brincar e de estudar e, conseqüentemente, uma queixa que dá vontade de voltar no tempo e lhes restituir esse direito negado, presente na fala de Rosa:

A gente não teve infância, desde os sete anos a gente começou a trabalhar com os pais, na roça. Meu pai pegava lenha para vender, não tinha boneca, não brincava de boneca, a gente ajudava o pai, a mãe. Fazia farinha, vendia, pegava peixe aqui e ia lá do outro lado de Rationes para vender. Tudo pra poder ter o dinheiro pra comprar as outras coisas: farinha, arroz pra poder comer. A gente não teve infância, eu não tive. Com sete anos já comecei a trabalhar. A menina que tinha brinquedo era uma bonequinha de pano. Naquele tempo a minha avó fazia a bonequinha de pano, mas a gente não tinha. (caderno de apontamentos, 15 de junho de 2014)

Silva (2000), em pesquisa sobre trabalhadores jovens (quase crianças) da zona da mata canavieira pernambucana, faz a denúncia desta negação do tempo livre como direito cidadão e se opõe ao uso capitalista do tempo que explora e aliena, inviabilizando as brincadeiras. No entanto, ao fazer esta constatação, o mesmo autor defende a brincadeira como fundamental em qualquer infância, pois, segundo ele, as crianças: “[...] possuem o mesmo desejo, isto é, não querem um tempo não residual do trabalho estranhado, mas um tempo articulado entre a escolarização e o lúdico.” (p. 323). Neste percurso, arrisco afirmar que os velhos moradores da Costa, embora vivos e alegres, carregam em si um tempo de infância encurtado, diminuído, negado. Um tempo de folguedos que foi substituído pela seriedade e pelo “ter que fazer”, “ter que ajudar”. Esta entrada precoce no mundo adulto tornava as crianças independentes dos pais mais cedo, enquanto estes,

contraditoriamente, precisavam da ajuda dos filhos para a realização dos trabalhos. Esta constatação se confirma na fala de Marinheiro:

A gente foi criado na lavoura. De 10 anos pra cima a gente já ia para a lavoura com os nossos pais. Levantava sete horas. Por volta das 10 horas o meu pai me mandava vir e colocar o corvo [cesto artesanal para capturar peixe] igual ao que tu viste ali. Geralmente não tinha nada para o almoço e, como eu era o mais velho dos nove irmãos, vinha mais cedo pra pegar o peixe. Meu pai ficava trabalhando e, quando ele chegava da roça a mãe já estava com o peixe pronto na mesa. Eu era o mais velho, então a responsabilidade era maior, bem mais naquela época. Meu pai plantava e fazia tudo que conseguia para o gasto da família, não vendia nada. Naquela época, não só meu pai, eram todas as pessoas. Havia tipo um caixão de madeira enorme e botavam toda a farinha ali dentro para guardar de um ano a outro. Jamais vendia, também não tinha para quem vender.

Vidas fragmentadas, infâncias roubadas. Crianças sobreviventes que conseguiram fazer no trabalho as suas brincadeiras. Crianças que brincaram com a natureza, que mergulharam nas águas da lagoa. Crianças que se tornaram adultas e que hoje são os velhos moradores da Costa. Velhos que sorriem ao contar que a vida de seus filhos e netos é diferente, mais leve. Velhos que carregam as suas crianças guardadas nas memórias. Velhos que convivem com outros velhos que, apesar do trabalho precoce, conseguiram tempos e espaços para brincar as suas infâncias.

3.2.2 “Esses meninos faziam parte do arrebol como os passarinhos”⁴¹

*Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo
que era a nossa maneira de sair do enfado.
A gente não gostava de explicar as imagens porque
explicar afasta as falas da imaginação.[...]*

⁴¹ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 451.

A gente gostava bem das vadições com as palavras do que das prisões gramaticais.

Quando o menino disse que queria passar para as palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.

Manoel de Barros (2010, p. 451)

A Costa, como qualquer outro agrupamento humano, não é homogênia. As infâncias também não são. Cora, Isa, Rosa, Dona Conchita, vô Manoel, Tio João e mais alguns, ao falarem de suas infâncias se distanciam de seus contemporâneos. Apesar das dificuldades econômicas e do trabalho precoce, conseguiram brincar. Os brinquedos eram artesanais, feitos pelos adultos da família e compartilhados entre as crianças. O faz-de-conta, que permite que a criança crie seus brinquedos numa relação intensa e importante que se esvazia diante da industrialização, também fazia parte destes cenários brincantes, como contou Cora:

A gente apanhava banana, brincava, era tudo brincadeira. Os brinquedos eram os que as nossas mães davam para nós. A gente mesmo fazia as bonequinhas de pano. A gente saía na rua e brincava de boneca, de amiguinha, de cozinhar, de fazer rendinha. A avó ensinava a fazer bilro para ir fazendo as rendinhas, as bonecas de pano...

Assim, um a um, vão discorrendo sobre as brincadeiras e os brinquedos. Bonecas de pano ou das folhas de bananeiras, carrinhos de lata, andar com os pés sobre duas latas. Não havia brinquedos comprados. Pegavam uma tábua, faziam três buraquinhos, amarravam uma corda e puxavam. Também brincavam de pular corda, esconde-esconde, passar anel, Ratoeira⁴² e outras invenções. Mas, para Gaia,

⁴² A Ratoeira é uma dança típica do folclore do litoral de Santa Catarina: “Todos se davam as mãos e um entrava na roda. Aquele que estava dentro da roda cantava, e depois botava o outro... E assim ia. Nas cantigas, começavam os namoros. Um cantava um verso romântico, outro mais agressivo, e assim continuava... Algumas vezes, eu saía da Ratoeira e botava a namorada dentro da roda. Tinha um verso que eu cantava que dizia assim: ‘Em cima daquele morro/ tem um coqueiro furado/ está cheio de lágrimas dentro/ e por ti tenho chorado.’ Aí eu botava a namorada na roda e vinha a resposta, mas não lembro.” (BORGES; SCHAEFER, 1995, p. 122-123). Nos tempos antigos, a Ratoeira representava a oportunidade de fazer declarações amorosas. Com o passar do

tudo tinha um enredo: “*A gente tinha as bonecas e fazia aniversário delas. Fazia o batizado. Brincava de casinha. Aquilo tudo era uma infância maravilhosa, eu tive esse infância até uns dez anos, mas foi maravilhosa. Hoje tenho amiga desde a infância ainda, então foi tudo maravilhoso. Foi maravilhoso.*”.

Vô Manoel contou que brincava de bola, de Ratoeira, de tudo: “*Fazia o carrinho de boi da bananeira. Era divertido.*” Contou que não exista quase ninguém quando ele foi criança e, ao falar de sua infância, já misturou os assuntos, particularidade de quem vive uma vida emaranhada, sem fragmentos: “*Do caminho pra baixo só tinha uma casa, era a casa do seu Tibúrcio. Construída de “material” [tijolos], duas janelinhas azuis. No caminho para a Lagoa não tinha uma casa. Então, nesses 45 anos que eu estou casado, a população é a coisa que cresce mais.*”. Nas conversas vai aparecendo certo saudosismo, como se os tempos antigos fossem melhores, mais seguros e tranquilos do que os atuais. Dona Conchita contou que foi muito bom ser criança na Costa e que as brincadeiras eram muito sadias, isto é, não havia maldades. Contou que tinha um monte de amigos e que aos domingos podiam brincar:

A gente era criança, mas trabalhava. Ajudava meu pai, que era pescador, a puxar a rede, a limpar os peixes. Domingo ele deixava a gente brincar. A gente corria todos juntos, meninas e meninos, nesses morros por aí. Brincava de esconde, bandeira salva [bandeirinha] e quem ficava lá dentro da roda precisava ser puxada para ser salva. A gente sentava no morro, tinha roça de cana, a gente pegava cana e ficava chupando e eles lá embaixo gritavam: “Onde é que vocês estão?” E nós ali, quietinhos, para eles não saberem. Então minha infância foi bem sadia.

Sadia? Será? Se sadia quer dizer sem segundas intenções ou sem machucar alguém, vamos ouvir mais histórias. Tio Chico e dona Malu vão contar e nós vamos pensar:

A gente tinha várias brincadeiras, quando tínhamos uns 12 anos e já tínhamos namoradinha

tempo a dança passou a ser cultivada por grupos específicos. Hoje, há grupos folclóricos embalados pela Ratoeira, que se apresentam em eventos culturais.

na escola. A gente brincava de Ratoeira, que era uma roda de menino e menina que cantavam numa roda. A gente namorava, os pais e avós cantavam. Então, a minha infância foi muito diferente da de agora, nós nascemos trabalhando e eu agradeço a Deus de ter começado a trabalhar cedo, porque não tinha tempo de fazer as coisas que hoje a molecada está fazendo.

Dona Malu conta sobre a sua infância, a pobreza das famílias, as transgressões que aprontavam que, afinal, eram maneiras arriscadas, mas divertidas de viver:

Às vezes a gente queria chupar uma fruta e não tinha. Então, lá atrás do Posto de Gasolina, na entrada da Lagoa e até o Canto da Lagoa, aquilo lá era tudo de uns donos ricos. Tinha muita fruta, mas não davam pra ninguém. A gente ia lá pedir e não davam. Não deixavam a gente apanhar uma laranja, uma bergamota e, no tempo da melancia, ninguém dava. Então, juntava umas cinco meninas e a gente combinava para ir naquela tarde. E nós íamos. Umás duas roubavam e as outras ficavam espiando pra ver se o dono não vinha. A gente cuidava, cuidava para eles não verem. Se vissem, a gente tinha que correr, porque aquilo ali era tudo mato. Então tem história assim...

Ouvir os antigos moradores possibilita compreender que a Costa, para eles como crianças, foi um lugar de viver, de se comunicar, de aprender, de ensinar, de trabalhar, de brincar, de crescer. Em suas narrativas vão demonstrando que as crianças estavam em diferentes lugares, exploravam os espaços e conviviam com a natureza com liberdade, mas sempre mediadas pelo trabalho. Com a quase total ausência de brinquedos comprados, era a própria natureza que se doava para as brincadeiras: lagoa para tomar banho; árvores para subir e colher frutos; galhos para se balançar; trilhas para se aventurar pelas matas; peixes para pescar, limpar, preparar e saborear. Estes são brinquedos que se constituem com a cultura e se expandem sobre e com a cultura porque, nesta perspectiva, tudo pode se tornar brincante (BROUGÈRE, 1998, 2000; HUIZINGA, 2004; BENJAMIN, 2009).

Bela, Gaia, Isa, Leon e Flor, em momentos diferentes, foram descrevendo os seus brinquedos e brincadeiras com e na natureza: *“Apanhava o umbigo da banana, fincava dois pauzinhos e fazia boizinho igual no engenho.”*; *“Brincava de boneca que a gente fazia de bananeira.”*; *“Nós puxava um galho do café para baixo, cuidando pra não quebrar. Tudo era a nossa fase.”*; *“Quando a gente subia no pé de café ou no pé de laranja pra pegar laranja a gente gostava, mas aquele tempo a gente não fazia arte, que nós tínhamos medo e podia o pai bater na gente.”*; *“Os meninos pegavam um mamão, colocavam patas de palito e saiam puxando achando que era um boi.”*

Marinheiro também descreve brincadeiras que se encontram com outras brincadeiras: *“Brincávamos com qualquer coisa, uma cascuda dessas de coqueiro (casca), bem duras. A gente brincava de arrastar um ao outro, nas ladeiras abaixo. Brincávamos de esconder, de roda de pau de fita, que era uma tradição. Era uma dança⁴³. Isso se acabou.”*. Na sequência, explica que o esconde-esconde e o pega-pega que existiam não eram como os que eu brinco com as crianças. Era assim: *“Alguém escondia uma trouxa de pano bem escondida para ser difícil de achar. Os outros iam caminhando e aquele que escondeu dava pistas. Se estava mais quente era porque estava perto do lugar; se estava frio, era porque estava longe. Até que alguém encontrava.”*

Dona Malu conta um pouco mais sobre essa infância de antigamente: *“Foi boa, a gente brincava de casinha, de boizinho de bananeira. Pegava um pedacinho de pau para puxar a mandioca, brincava mais de carrinho que de boneca.”*. Explicou a seguir: *“Até porque, naquele nosso tempo, não tinha aqueles bonecas, essas coisas. Nós mesmos é que fazíamos os nossos próprios brinquedos. A gente ia ao mato, cortava pauzinhos e brincava de um monte de coisas.”*

Leon fala que, além das outras brincadeiras, também brincavam de Jogo de Calha⁴⁴ e de cascuda: *“Quando a mata era bem lisa e nosso*

⁴³A Dança do Pau de Fitas é uma dança de roda, de origem Ibérica, que envolve um mastro enfeitado, de aproximadamente 3 metros e longas fitas multicoloridas, que são presas em seu topo, respeitando o número de pessoas que participarão. Durante a dança, os participantes vão se movimentando em ziguezague, trançando as fitas no mastro até que fique impossível prosseguir. Após o trançado, é feito o movimento contrário, destrançando as fitas. Todos esses movimentos são seguidos de acordo com o ritmo de instrumentos musicais, como sanfona, violão e pandeiro. A vestimenta dos participantes é bastante simples: de caráter junino.

⁴⁴ Com alguns fundamentos próximos ao Jogo de Bocha, mas com materiais alternativos. Um pedaço de madeira

pai fazia a roça, aí a gente pegava aquela cascuda que solta do tronco do coqueiro. Aí a gente embarcava dentro daquela casca como se fosse uma canoa, balançava e vinha embora morro abaixo. Muita emoção.”. Durante a pesquisa participei, com as crianças, desta mesma brincadeira.

Assim, a natureza se constituiu (e se constitui) em cenário e brinquedo. Todos afirmaram que não sentiam medo da natureza e que tinham bastante liberdade de explorar os espaços. No entanto, é bom lembrar que o tempo era escasso e que, em função do trabalho, as crianças não tinham muito tempo livre para as traquinagens e as peraltices. Mas faziam. Criança sempre encontra jeitos. Leon, brincalhão, ao concluir, se refere à perfeição da natureza: “*O ser humano é a pior espécie que existe, mas foi feito com tanta perfeição que não conseguimos pegar um pássaro, pois se conseguíssemos tudo já estaria destruído.*”. E assim é.

3.2.3 “Tenho um livro sobre águas e meninos.”⁴⁵

*Minha mãe me deu um rio.
Era dia de meu aniversário e ela não sabia
o que me presentear.[...]
A mãe prometeu que no aniversário do meu irmão
ela iria dar uma árvore para ele.
Manoel de Barros (2008, p. 159)*

A lagoa e a cachoeira até hoje carregam um pouco de tabu e de mito na Costa. São consideradas perigosas, já mataram muita gente. Mais turistas do que nativos. Nas memórias das crianças de outrora, há contradições e diferentes orientações dos pais. Alguns nadavam e mergulhavam. Outros nem chegavam perto:

*Nós nadávamos, pegávamos camarão, siri,
entrávamos na lagoa pra brincar, pra tomar
banho. Porque antes a nossa lagoa era
maravilhosa, limpa, limpa. Era muito bom.”
(Rosa)*

cilíndrica de aproximadamente dez centímetros de altura (malhão) é colocado em pé. Os jogadores lançam as calhas (pedaços redondos ou quadrados de telhas ou de chapa de ferro fina), tentando aproximá-las do malhão. Soma ponto quem conseguir atingir o malhão e também quem colocar as calhas mais próximas do mesmo.

⁴⁵ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 469.

Naquela época a gente nem ligava pra cachoeira. O meu avô morava ali, porque antigamente o terreno era dele, o pai da minha mãe. Aquilo tinha bastante mato. Depois ficou do governo, do Estado. Represaram a água e ficou cachoeira. Naquela época tinha bem mais água, e o pessoal pegava água em um pote e levava pra casa. Porque não tinha água encanada, não tinha pra todas as casas, a gente lavava a roupa, bem na ponte do seu Carlito. A minha mãe lavava ali naquelas pedras e carregava as roupas em um cesto que botava assim (demonstra segurar ao lado, na altura da cintura). Às vezes meu pai mandava levar a roupa de canoa, para lavar no Córrego da Loquinha⁴⁶, aqui embaixo. Quando a gente pegava a canoa dele pra levar a mãe, já era um divertimento, a gente já saía brincando. O pai só deixava ir pra água se soubesse nadar, mas tinha que ter uma pessoa de mais idade conosco, pra ficar tomando conta da praia, cuidando. Pra tomar banho a gente pedia ao pai, ninguém podia tomar banho na praia sem pedir a ele. Antigamente pra tomar banho tinha que pedir pro pai, pra ir dessa vila pra ir pra outra tinha que pedir pra o pai. Pior, se meu pai estivesse conversando com o meu avô, ninguém podia ouvir a conversa dele ou interromper. A gente saía e esperava. Era conversa de duas pessoas mais velhas. A gente foi criado com 18 irmãos. (Leon)

A gente sabia que tinha a cachoeira e que a água que a gente usava, algumas vinham de lá. Mas cada família tinha a sua pontinha, a sua fontezinha. Não tinha este cano de água aí que você está vendo. A gente tinha aquela água nascida lá, mas ninguém ia à cachoeira porque tinha muito mato, muita pedra. Depois foram limpando e aumentando o caminho. Foram

⁴⁶ Dona Loquinha foi uma antiga moradora e o córrego fica nas proximidades de sua casa. A sua casa, construída por escravos em torno de 1780, foi tombada pelo Patrimônio Histórico e hoje é considerado ponto turístico denominado “Sobrado da Dona Loquinha”.

descobrimo, o pessoal ia cada vez mais, mas nós não íamos. (Dona Pérola)

Naquela época não ia pra lagoa e nem ia pra cachoeira. A cachoeira era bem escondida, foi descoberta mais tarde. E quando a gente dizia: “Mãe a gente vai brincar em tal lugar, ela sabia que a gente estava seguro. A gente não tinha medo de bicho, não tinha bicho assim que era perigoso, também não íamos muito pra longe. Ficava mais perto de casa, ali na praia, aqui pra trás. A mãe via a gente e chamava de vez em quando: “Tais onde?” E nós respondíamos: “Estamos aqui mãe, estamos aqui.”. Na lagoa era muito longe daqui pra ir. Aqui na frente não nadávamos, não entrávamos na água. Só depois de grandes, mas eu não entro até hoje. Quatro e pouco, cinco horas já estavam todos em casa. Os vizinhos andavam juntos. (Ametista)

A cachoeira, uma das atrações turísticas da Costa, foi vista por muito tempo como utilitária e fonte de água para beber e cozinhar. Como já ocorreram alguns acidentes graves com turistas, ela continua com esta representação de perigo para os moradores da Costa, seus filhos e netos. Poucas crianças, filhos dos mais antigos moradores, usufruíram das águas da lagoa como lócus do brincar. Angela, filha de Bernardo e de Bela, foi uma dessas exceções, de acordo com a narrativa do seu pai:

A gente nadava, a Angela atravessa isso aí nadando. Todas as pessoas aqui na Costa sabem nadar entre homem e mulher. Só a Bela que não sabe, chega à água e sente falta de ar... No resto, ela faz tudo: botar rede, tirar rede, botar vela, a gente fazia de tudo. É porque a gente foi criado aqui, então ficou mais fácil de aprender as coisas Mira. A pesca. O preparo de rede. E trabalhava um pouco na roça, um pouco na rede no mar. Depois a gente começou a trabalhar na Barra da Lagoa, ainda com o meu pai. Eu tinha uns 17 anos e quando vi já estava na hora de voar, sair do pai e da mãe. Comecei a ir para o Rio Grande e ficou mais fácil de trabalhar pra lá porque a gente já era pescador... Morei mais fora do que

na Costa, isso que sou nativo. De 1980 a 1986 trabalhei em barco, em alto mar, até que me acidentei. Em 1988 me aposentei e agora só vou para o mar grosso por esporte (a gente diz que é o mar grosso porque tem esse apelido, porque o mar é mais agitado que aqui, na Baía).

Na prosa de Bernardo, mais uma vez a mistura de brincadeiras e trabalho, com detalhes sobre a vida familiar de origem como o grande vínculo de sua vida, o que permite estabelecer o diálogo com os estudos de Bosi (1994, p. 425):

Um homem pode mudar de país; se brasileiro, naturalizar-se finlandês; se leigo, pode tornar-se padre; se solteiro, tornar-se casado; se filho, tornar-se pai; se patrão, tornar-se criado. Mas o vínculo que o ata à sua família é irreversível; será sempre o filho da Antônia, o João do Pedro, o "meu Francisco" para a mãe. Apesar dessa fixidez de destino nas relações de parentesco, não há lugar onde a personalidade tenha maior relevo. Se, como dizem, a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa.

Nativo, mas morador de muitos anos fora da Costa, Bernardo é o único dos participantes da pesquisa que defende a construção de estradas. Viaja anualmente, já fez cruzeiro de navio, mas Bela, sua esposa, não o acompanha porque prefere ficar em casa. As viagens de Bernardo associadas ao tempo em que ficou morando em Rio Grande talvez tenham sido determinantes para que pense de maneira diferente e almeje a construção de estradas na Costa. Para melhor compreender o posicionamento de Bernardo, recorri a Santos (2004) que evidencia a historicidade da própria natureza e a sua transformação em objeto, discorrendo sobre a imprevisibilidade dos movimentos da vida e das alterações que podem ocorrer: “Uma mesma inovação pode se instalar um dia aqui e amanhã em outro lugar bem distante; ela pode atingir uma pessoa hoje e amanhã uma outra bem longe da precedente.” (SANTOS, 2004, p. 251). Em outra obra, Santos (1992, p. 96-97) apresenta a constante ação de mulheres e homens nas quebras que acontecem nestes processos:

A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A Natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da Natureza. Agora, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução.

Nesta concepção, o percurso dos homens tem sido de deixar marcas de suas passagens, escrevendo a história. Como indiquei anteriormente, neste trabalho, a falta de estradas não tem impedido o contato dos moradores da Costa com outras culturas, mas é inegável que esses processos podem ser acelerados com essa eventual construção. De fato, a Costa não se constitui em um território isolado. As constantes idas dos homens para o Porto de Rio Grande - que provocou o encontro com outras culturas e a consequente “circularidade cultural” (GINZBURG, 1987) - e a chegada dos turistas também foi modificando a relação dos moradores com a lagoa e os banhos, mas são as crianças e os jovens que mais usufruem dessa magia, como contou seu Cacau:

Tenho 26 netos e três bisnetos. Eles já têm o brinquedo deles, têm a bola, têm isso, têm aquilo. Também brincam, às vezes, de pescaria junto com os pais, com os tios. Sempre se divertem, sempre brincam. A criança aqui é integrada na natureza desde muito nova, é ensinado a ir à mata, a olhar um bicho qualquer, olhar uma cobra. Tudo é ensinado. Geralmente quase todos eles sabem nadar por volta dos quatro anos, nascem dentro da água. O pai e a mãe já ensinam a nadar. O Yuri pediu para eu ajudar a fazer um varal de fruta para os passarinhos, banana, laranja, azedinha. Fiz uma penca em uma corda junto com ele e ele botou lá em cima. Na verdade ele que montou tudo. Ele gosta de sair, hoje a gente foi no LIC⁴⁷ brincar de skate. O pai dele, meu filho,

⁴⁷ O Lagoa Iate Clube (LIC) é um clube social com sede projetada por Oscar Niemeyer, plantado no meio dos morros da Lagoa da Conceição. Atualmente são desenvolvidos projetos sociais relacionados ao esporte e ao lazer, sendo

acha que ele fica muito sozinho, mas aqui é muito bom, ele só vê coisa boa aqui. Passa tudo pela vista dele e tudo o que passa aqui está na cabeça dele...

A proximidade com a água vai gestando histórias sobre descuidos, imprudências, acidentes, afogamentos e mortes. A água é respeitada. Os moradores sabem que, de um momento para o outro o vento pode virar e qualquer descuido pode ser fatal. Assim, é melhor prevenir e assustar, mesmo que a maioria saiba nadar. No entanto, a chegada dos turistas que, de maneira geral, usam roupas de banho, mergulham na lagoa e se refrescam nas águas da cachoeira, tem mudado a relação dos moradores com as águas. O professor de Educação Física da escola local também tem ensinado as crianças a nadarem e a usufruírem das delícias das águas da lagoa. Mas a cachoeira ainda é tabu para os moradores e proibida para as crianças, principalmente sozinhas. Os acidentes e as mortes que ali têm acontecido evitam as transgressões.

A Costa é uma comunidade de pescadores e, com certeza, todos os moradores transitam de barco sobre as águas da lagoa. Há uma preocupação com as gerações mais novas sobre a falta de experiência e o pouco conhecimento sobre o manejo dos barcos, principalmente aqueles que se movimentam com remos. Leon e Pedro conversaram sobre o desejo que têm de ensinar para as crianças e os jovens uma técnica antiga que pode proteger os pescadores e os usuários dos barcos. Depois de uma conversa na qual os dois externaram as mesmas preocupações, Leon passou a falar:

Eu já falei com alguns adultos que eu quero comprar uma canoa de remo de Voga⁴⁸ para ensinar essa gurizada a remar, pra não deixar acabar. Eu queria dar uma aula, quando eu não tivesse trabalhando. Voga é uma coisa que a

abertos para a comunidade. No entanto, não são muitas as crianças da Costa que o frequentam.

⁴⁸ Os remos de Voga têm as pás planas e devem ser remados de costas para frente, ficando o remador de costas para a proa do barco. Os chamados remos de voga são maiores, chegando a 4,0 metros de comprimento, tendo as duas faces iguais. São utilizados em canoas bordadas (com tábua pregada), sendo que os remos ficam apoiados na borda e, para serem movimentados, uns três metros devem ficar para fora e, em torno de um metro, deve ficar dentro da canoa para o remador segurar e remar (LUZ, 2014).

gente usava sempre. Agora, aqui na Costa, quem tem menos de uns trinta anos não sabe mais. Então eu queria comprar ou, quem sabe, a prefeitura e o governo, para dar aulas para as crianças. Porque quando chega uma hora que pega uma onda, um negócio qualquer, a onda bate no remo, o remador cai e é o que acontece. Morre. Então, é um negócio que a gente tinha que arrumar um jeito dessas crianças e desses adultos saberem, porque ninguém sabe mais. Eu penso que, quando chegam da aula, eles poderiam almoçar e fazer atividades de esporte na lagoa. Remar, nadar. Tem que incentivar. Muitos dizem que não tem futuro, mas a gente não sabe qual o futuro da gente, se a gente soubesse ninguém era pobre. O futuro vai vindo com o tempo, quem sabe ali, amanhã ou depois. Não existe nada no mundo que traga mais dinheiro do que o esporte. Hoje quem vai para esporte se dá bem. Se fosse lugar de gente inteligente, quantas pessoas sairiam aqui dessa lagoa pra natação, pro remo, pra vela?

As águas são misteriosas e têm lá os seus enredos já cantados por Dorival Caymmi em parceria com Jorge Amado (1941): “É doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar. A noite que ele não veio, foi de tristeza pra mim, Saveiro voltou sozinho, Triste noite foi pra mim.”. A Costa está cercada de água e os seus moradores, talvez justamente por isso, criaram um respeito que, de certa maneira, tem diminuído as possibilidades de desfrutá-las em todo o seu potencial de lazer. No imaginário dos pescadores e das suas mulheres, há sempre uma possibilidade de ir e não voltar.

3.3 “IMAGENS SÃO PALAVRAS QUE NOS FALTARAM.”⁴⁹

A fotografia surgiu na primeira metade do século XIX e foi uma revolução, pois permitiu registrar o instante preciso em que algo acontecia. Inicialmente acessível a um pequeno grupo de pessoas, geralmente artistas, foi se estendendo às demais classes sociais, mas de maneira insipiente. As primeiras máquinas fotográficas com filmes, analógicas, tinham um alto custo e se tornaram habituais os “estúdios fotográficos” para os quais as famílias recorriam para registrar momentos especiais. Eram fotos com roupas “domingueiras” e pousadas, sempre favorecendo os melhores ângulos estéticos de cada pessoa. Cenas do cotidiano passaram a ser registradas bem mais tarde, quando algumas famílias passaram a ter acesso a máquinas fotográficas particulares.



⁴⁹ Manoel de Barros. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. p. 263.

Neste percurso, a fotografia com filme permaneceu até o final do século XX, com poucas alterações. Obter uma boa foto era, além do domínio técnico, um fator de sorte, porque somente depois da revelação em estúdios profissionais, o resultado poderia ser avaliado e, às vezes, o fenômeno fotografado, não poderia ser repetido, pois já havia passado. São muitos os relatos de pessoas mais idosas sobre fotos queimadas, perdidas etc., sendo que não há nenhuma possibilidade de recuperar negativos perdidos pelo tempo ou por falta de local para conservá-los. O que passou não retorna.



No entanto, apesar de seus limites, é inegável que o advento da fotografia trouxe a possibilidade de eternizar momentos, comprovar feitos e viagens, levar a imagem de alguém para amigos e parentes “conhecerem”, vencendo distâncias geográficas. Nesta concepção, é importante evidenciar que as fotografias não são neutras, pois carregam conflitos (quando ângulos não tão belos são registrados, quando alguém é sutilmente excluído de uma foto); provocam alegrias (quando registram bons momentos) e tristezas (quem está na foto já não vive ou

abandonou o grupo, quando se perdem ou são avariadas). Estas situações e reações, também presentes nos moradores mais antigos da Costa, evidenciam que as imagens fotográficas estão impregnadas de espírito, alma e afetividades e a sua perda, quando acontece, passa a significar a perda do próprio momento vivido, pois, como Bosi (1994, p. 55) afirma:

A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelo materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.

Em texto de 1931, Benjamin (2012) já citava dito popular que advertia sobre a influência da fotografia que emerge em uma época da não imagem: “o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar.”. As fotografias entre os antigos moradores da Costa não são muitas. No entanto, nas casas em que existem quadros nas paredes, porta-retratos sobre os móveis e álbuns de fotografias antigas, as conversas ganharam outra dinâmica porque as imagens provocaram recordações, lembranças esquecidas e contação de histórias que pareciam não ter fim, pois, como evidencia Bosi (1994, p. 59): “[...] as imagens resistem e se transformam em lembranças.”.

Neste processo histórico, é importante destacar que as fotografias obtidas antes das máquinas digitais e dos celulares com câmaras, eram quantitativamente limitadas e, na Costa, fazem parte dos guardados das famílias juntamente com bilhetes, cartas, “santinhos” de lembranças de batizado, de 1ª comunhão e de mortes. Bela e Bernardo compartilharam algumas fotografias que são relíquias.

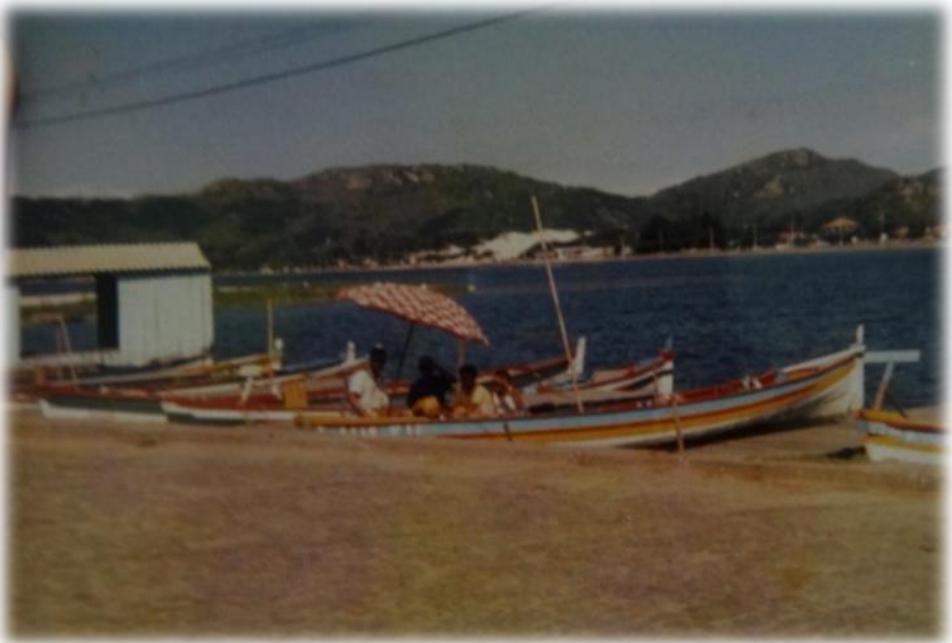
Álbum de família...

*E achei que esta historia só caberia no impossível.
Mas não, ela cabe aqui também.*
Manoel de Barros (2010, p. 406)











3.4 “OS VENTOS LEVAM-ME LONGE... LONGE...”⁵⁰

Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. Estranhei muito quando, mais tarde, precisei de morar na cidade.[...] O mundo era um pedaço complicado para um menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.

Manoel de Barros (2008, p. 71)

Os antigos moradores da Costa foram crianças em tempos de pouco dinheiro e de muito trabalho. No entanto, encontraram os seus jeitos de fazer peraltices e brincar, mesmo que fosse ao andar de barco, ajudando os pais pescadores, auxiliando nas roças, tecendo rendas ou aprendendo as tarefas domésticas. Oriundos de famílias numerosas, a reunião familiar diária já se tornava, de certo modo, brincante. Com esta constatação, não nego a organização capitalista dos modos de produção que penaliza a classe trabalhadora e os seus filhos, reduzindo os tempos de descanso e negando as possibilidades do lazer (MARCELLINO, 2013). No entanto, é importante ressaltar que, ao falarem sobre as crianças de hoje - seus filhos e netos - apresentam certa nostalgia e, invariavelmente aparecem críticas generalizadas e convergentes, tais como reflete Primavera: “*Eles hoje não querem mais essas brincadeiras, depois de 11 a 12 anos não querem mais estar com os pais. Querem sair.*”.

A chegada da luz, o acesso ao dinheiro, o aumento do tempo de estudo, os empregos fora dos espaços da Costa e o contato com turistas facilitaram e exigiram a familiaridade com a televisão, os computadores, a internet, os telefones celulares. Estabelecer o diálogo com outras

⁵⁰ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. p. 76.

culturas e ter acesso a tecnologias diferentes das utilizadas tradicionalmente na Costa, é um direito cidadão inquestionável. No entanto, o tempo que antigamente era dedicado ao convívio familiar, ao trabalho e às brincadeiras que aconteciam na natureza, hoje está fragmentado. Os moradores antigos sabem disso, como afirma Rosa:

Está muito diferente. Até um tempo, quando eram pequenos, ainda brincavam bastante. Mas depois de uns seis a sete anos prá cá, mudou muito. Hoje é tudo na tecnologia. Essas coisas de computador, telefone celular... As escolas já são diferentes, têm mais estudo, o estudo é mais complicado. É tudo muito diferente. Tenho um bisnetinho com três anos. Vive em frente da televisão com DVD. Fica lá o dia inteiro. Tem um tablet daqueles de brincar sozinho... Eu não, eram umas vinte crianças, todas brincando...

A Costa é um bairro de Florianópolis e suas crianças têm o direito de ir e vir. Têm o direito de ter acesso a conhecimentos e tecnologias para além da Costa, mas este contato não deve apagar tudo de belo e de desafiador que a Costa oferece para o brincar, para as experiências do coletivo, para a sensibilização e a convivência. Será que a questão é tão séria assim? Diria que é complexa e que as concepções dos adultos são, dialeticamente, contraditórias, pois para Marinheiro, não há muitos problemas com as crianças:

A infância de agora é um pouco diferente, tem mais liberdade. Os pais incentivam mais o estudo, até a brincadeira. Os pais já brincam com os filhos, antigamente era muito difícil isso acontecer. Os pais incentivam, levam ao shopping, antigamente não tinha. Levam para os parques. Hoje é bem diferente, a infância de hoje está muito diferente, muito legal, muito boa. A infância de hoje está com tudo. [...] Hoje você tem os computadores, os telefones. Você adquire conhecimento do mundo inteiro, antigamente não tinha nada disso. Então tinha pouca coisa para estar brincando, hoje tem muito mais brincadeiras, antigamente não comprava um brinquedinho, essa coisa toda, não existia, a gente tinha que fazer nossos próprios brinquedos.

Marinheiro vai falando e seus olhos vão brilhando, a criança que foi um dia ainda está nele, pois, na afirmativa de Bosi (1994, p. 415): “A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam.”. Marinheiro assume que, se pudesse, gostaria de ser criança hoje. Ter tudo o que não teve. Afirma que não precisaria ter o pensamento de hoje, poderia ser com o de antes. Reconhece que o desenvolvimento atual se estende para tudo, para os brinquedos, para qualquer coisa. Antigamente não tinha como pensar muito, porque havia poucas coisas e ainda mais para quem morava na Costa. Por que não era igual. Marinheiro para de falar, parece ter ficado um pouco confuso e conclui: “*A Costa da Lagoa pra mim significa...*”. Para novamente, fica pensativo, demora para continuar: “*Eu tenho tudo isso aqui, moro aqui, nasci aqui. Já trabalhei em vários outros lugares tudo...*”. Pausa novamente, conversa com a esposa, conclui: “*Então, pra mim significa tudo. A Costa tem um significado muito grande, desde criança. Gosto de morar aqui.*”. A narrativa de Marinheiro não é um amontoado de palavras sem sentido, mas é a expressão de um homem que vive a sua vida com significados, que fez e faz escolhas, que se sabe parte de um coletivo e que sabe agradecer o lugar que é seu e de todos os outros. Um homem que reconhece, como Neruda (1978, p. 272), que sempre é tempo de brincar:

Em minha casa fui reunindo brinquedos pequenos e grandes, sem os quais não poderia viver. A criança que não brinca não é criança. Mas o homem que não brinca perdeu para sempre a criança que vivia nele e que lhe fará muita falta. Edifiquei minha casa também como um brinquedo e brinco nela da manhã à noite.

*Tenho um livro sobre águas e meninos.
 Gostei mais de um menino que
 carregava água na peneira. [...]
 O menino aprendeu a usar as palavras.
 Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
 E começou a fazer peraltagens.
 Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando
 ponto no final da frase.
 Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
 O menino fazia prodígios.
 Até fez uma pedra dar flor!
 A mãe reparava o menino com ternura.
 A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta.
 Você vai carregar água na peneira a vida toda.
 Você vai encher os vazios com as suas peraltagens.
 E algumas pessoas vão
 te amar por seus
 despropósitos.*

Manuel de Barros
 (2010, p.469 – 470)



4 AS CRIANÇAS DE
 AGORA: ENTRE AS
 BRINCADEIRAS, AS
 CONVERSAS E OS
 RISOS, OS EXERCÍCIOS
 DE SER GENTE

Neste momento, após um percurso que buscou situar o leitor nos tempos e nos espaços da Costa, chego à parte central desta dissertação: as crianças de agora que vivem na Costa da Lagoa. Após a descrição do local e do percurso de mãos dadas com os velhos, passo a apresentar as crianças, as suas falas, os seus desenhos, as suas brincadeiras, o seu viver na Costa. Para tanto, estive com: Alex, Alice, Ana, Beatriz, Bianca, Bruno, Cauã, Diva, Gabriel, Guizinho, Iago, José, Lara, Leo, Mel, Raí, Tayran, Teozinho, Vitor, Yuri. Flor, Laura, Nathan e Sofia foram facilitadores de minhas aproximações com os moradores e as crianças, sendo interlocutores para esclarecimentos quando se fizeram necessários. Continuarei descrevendo os achados de pesquisa ancorada nas pequenas narrativas (BENJAMIN, 1980, 2012), mas de uma maneira diferenciada das prosas dos velhos moradores, que foram mais ouvidos, pois havia muita história para ser contada e as transcrições se tornaram densas, predominando sobre as observações e as imagens. Ao contrário, com as crianças houve mais observações, “experiências vividas”, fotografias, filmagens, pequenos diálogos e desenhos. Esta distinção de abordagem, com os velhos e as crianças, foi compreendida e fundamentada em Garcia (2003) ao evidenciar que o processo de pesquisa ressignifica a teoria, pois, de maneira geral, aquilo que sabemos ao iniciar a pesquisa não é suficiente para desenvolvê-la e concluí-la, exigindo teorias em movimento.

O meu contato com as crianças se fez de maneira mais contínua em maio e se mantém até o momento em que escrevo, via *facebook*. Iniciei a aproximação mais efetiva e intencional com as crianças, no dia cinco de maio, quando visitei a escola e, com a licença da diretora e do professor, observei as aulas de Educação Física. Foi importante este contato porque na Costa não existem espaços delimitados para o convívio das crianças e o brincar, tudo pode virar tempo e lugar de brincar. O terreno é muito acidentado, restando uma faixa relativamente estreita entre as águas da lagoa e as montanhas. A organização por aglomerados de casas - as vilas - são relativamente distantes entre si. Há um pequeno parque infantil para as crianças menores. Não há quadras poliesportivas e outros equipamentos específicos de lazer (MARCELLINO, 2013). Neste contexto, o espaço da escola, uma área gramada em suas proximidades, a lagoa à sua frente e o entorno dos restaurantes da Vila Principal, são alguns dos locais que as crianças da Costa utilizam como extensões das moradias. Nesta perspectiva, Tayran, quando questionado por mim sobre o local em que anda de bicicleta me respondeu rapidamente: “*No caminho, né Mira?*”. Assim as crianças brincam pelos espaços que têm vontade, geralmente respeitando os

quintais das casas em que não há crianças, de moradores ocasionais ou dos turistas. No entanto, a configuração geográfica torna os espaços da Costa um “território sagrado do brincar” (HORTÉLIO, 2014)⁵¹.

As crianças brincam nas matas, na lagoa, nos raros campos de grama existentes, nos barcos, nos trapiches, nas casas uns dos outros, nos galhos de árvores, nas lojas, na rampa do Posto de Saúde, no pátio da escola, no caminho que perpassa a comunidade. Ao observar as crianças transformando espaços aparentemente não brincantes em locais de traquinagens e felicidades, (re)significamos lugares, objetos e, como Debortoli (2004, p.24) reflete: “As crianças, [...] lembram ao adulto que o cabo de vassoura também pode ser um cavalo e uma caneta pode ser um foguete ou avião, que pode levar-nos a lugares e mundos jamais conhecidos, conhecer pessoas, experimentar novas relações.”. Os adultos e velhos moradores da Costa sabem destas magias e respeitam as suas crianças, pois elas são caminhos de questionamentos para despertar sensibilidades, no mesmo processo que as crianças de Tonucci (2005, p.170) fazem na convivência cotidiana: “Os guardas de trânsito quando falam conosco deveriam ser mais infantis.”.

No entanto, por mais que a comunidade seja aberta às suas crianças, escutando-as e incentivando-as a viverem as suas infâncias, alguns locais possuem algumas restrições. Há barcos com cartazes proibindo a execução de jogos, o que me fez lembrar de um texto de Eduardo Galeano (2007, p. 76, grifos do autor): “Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: *Proibido cantar*. Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: *É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem*. Ou seja: ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca.”. Assim, lendo de “cabeça para baixo”, estas placas indicam que, na Costa, as pessoas brincam e Nathan (17 anos), que há pouco tempo parou de brincar nos caminhos da comunidade, reforça esta constatação: “*Naquele campo tinha uma placa escrita: proibido jogar bola*.”. Mas também contou que: “*Tinha uma senhora, que dava um monte de balas pra gente, mas só se brincássemos de taco em frente ao seu bar. Como o lugar era bom, acabávamos ficando por ali mesmo e comendo muitas balas*.”.

⁵¹ Expressão utilizada pela educadora musical Lydia Hortélio, em depoimento inserido no documentário “Tarja branca: a revolução que faltava” que discorre sobre a pluralidade do ato de brincar e de como os adultos podem se relacionar com as crianças que ainda são. A direção e o roteiro são de Cacau Rhoden. A produção é brasileira (2014).

As crianças da Costa possuem a consciência de que a maioria dos lugares é de livre circulação para as suas traquinagens, invenções, sorrisos, conversas, brincadeiras, brigas, desentendimentos, expressões. Assim, ao sair de casa, em poucos minutos me deparava com crianças, inclusive em dias de chuva, brincando no entorno do percurso que fizesse. De certa maneira, as crianças se assemelham aos velhos e adultos que também têm poucas restrições para circular e estarem juntos, na confirmação de que, como afirma Benjamin (2009, p. 94):

Pois se a criança não é nenhum Robinson Crusoe, assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo.

Nas primeiras caminhadas as encontrava, olhava e seguia meu caminho, sem muita interferência, sem muitas trocas. Com o passar do tempo, os nossos encontros se tornavam festas, com saudações sem fim, beijos e abraços apertados, histórias compridas, brincadeiras. Um dia em que estava passeando com a Sofia, encontramos algumas crianças brincando. Quando estávamos próximas começaram a gritar. Questionei a Sofia sobre o que será que estaria acontecendo, ao que ela respondeu: “*Ai Mira, você ainda não entendeu que é por você?*”. Como evitar a emoção? Não evitei! Senti!

Neste percurso não nego o fato de que, com algumas crianças, o diálogo acabou sendo menos fluído, aproximando-me destas somente quando me permitiam. Busquei, por meio das trocas afetivas, conversas e brincadeiras (pega-pega, caça ao tesouro, esconde-esconde, jogos com bola e outros) me tornar uma companheira das crianças. Com elas compartilhei minhas histórias, minhas invenções, as frutas do pomar, o brigadeiro de colher, a máquina fotográfica, esta pesquisa. Novamente a minha história de vida ajudou, pois ainda sou uma moleca que gosta de correr de pés descalços, cabelos ao vento, gargalhando a vida e cantando com Gonzaguinha (1987): “Eu apenas queria que você soubesse; Que aquela alegria ainda está comigo; E que a minha ternura não ficou na estrada; Não ficou no tempo presa na poeira...”. Feliz, continuo a cantar: “Eu apenas queria que você soubesse; Que esta menina hoje é uma

mulher; E que esta mulher é uma menina; Que colheu seu fruto flor do seu carinho.”.

Portanto, as narrativas que compõem esta parte da dissertação foram registradas e rascunhadas no caderno de apontamentos, também em fotografias e vídeos. São compostas de mais laços do que de nós, de mais encontros do que desencontros. Ou seja, seguiram ritmos diferentes, mas compostos de notas que se encontraram e formaram melodias compreensíveis. Foram muitas “experiências vividas” (BENJAMIN, 1980, 2012; LAROSSA, 2015) que precisaram ser selecionadas. Espero que ao ler as narrativas, você, leitor, consiga entender um pouco do que é ser criança na Costa. Compreender como é delicioso quando a infância nos é oportunizada em meio a tanta natureza, aventuras, bichos, mediada com adultos que dialogam entre si. Infância esta cheia de ralados e machucados, mas principalmente de aladas marcas na alma e no coração, assim poetizada por Manoel de Barros (2010, p. 361): “Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão. Antes que das coisas celestiais.”.

Esta infância brincante que encontrei na Costa dialoga com os estudos de Verden-Zöller (2004, p. 144): “[...] no cotidiano descrevemos como brincadeira qualquer atividade vivida no presente de sua realização e desempenhada de modo emocional, sem nenhum propósito que lhe seja exterior.”. A mesma autora afirma que brincar é muito mais do que imitar os adultos como um treinamento para o futuro, pois as brincadeiras têm significado em si mesmas, são o agora. As crianças da Costa vivem estas experiências.

4.1 AS CRIANÇAS: SERES DE DIREITOS, HISTÓRICOS, SOCIAIS, POLÍTICOS, CULTURAIS

No aeroporto o menino perguntou:

- E se o avião tropical num passarinho?

O pai ficou torto e não respondeu.

O menino perguntou de novo:

- E se o avião tropical num passarinho triste?

A mãe teve ternuras e pensou:

Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?

Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?

Ao sair do sufoco o pai refletiu:

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.

E ficou sendo.

Manoel de Barros (2010, p. 469)

Nas últimas décadas, os estudos com as crianças têm assumido perspectivas outras, advindas do diálogo da pedagogia com a sociologia e com a antropologia, superando, sem negar, a psicologia. O foco desta diferente abordagem é a passagem de uma visão desenvolvimentista, classificatória e patológica das crianças, advinda da aplicação dos testes de inteligência e de protocolos de avaliação motora que constituíam grupos com rótulos: inteligentes; aptos; medianos; incapazes e outros tantos que descomprometiam os profissionais da educação e repassavam para as crianças e as suas famílias a responsabilidade pelos aprendizados e, o que é mais grave, pelos não aprendizados (PRADO, 2012; ABRAMOWICZ, 2011).

A psicologia, expandida nos Estados Unidos e na Europa, consolidou teorias de desenvolvimento e, embora tenha trazido consideráveis avanços para se compreender as crianças e atuar para facilitar seus percursos pela vida, dominou e, de certa maneira, discriminou as crianças e as suas famílias quando não se enquadravam nos padrões esperados. O maior problema foi que, ao criarem padrões desenvolvimentistas, estas teorias buscaram uma homogeneização, desconsiderando os aspectos culturais e individuais, além de compartimentar as habilidades e os conhecimentos (cognitivo, social, afetivo, linguístico, motor). Ao serem aplicadas nos processos de aprendizagem infantil, segmentaram as crianças conforme a evolução das suas aptidões e capacidades cognitivas específicas (PRADO, 2012).

A partir de 1980 a Psicologia deixa de ser hegemônica nos estudos e pesquisas sobre as infâncias⁵², sendo que no Brasil, país de miscigenações, torna-se evidente que não cabe, na plural cultura brasileira (BOSI, 1987), uma teoria que se constitua como matriz e referência padronizada de crescimento infantil. Cada criança é uma e, ao mesmo tempo, parte de um coletivo. Na compreensão destas diferenças (e semelhanças), a sociologia e, mais tarde, a antropologia, encontraram campo fértil para ampliar as suas teorias em diálogo com a pedagogia, a

⁵² Os estudos efetivados e sistematizados, no Brasil, a partir da década de 1980 têm gestado novas concepções sobre as infâncias brasileiras. Embora não sendo consensuais nas concepções teóricas e práticas, corroboraram para a construção de uma matriz epistemológica que compreende as crianças como protagonistas sociais, influenciadas e influenciadoras da cultura. Entre várias autoras, cito aquelas que subsidiaram teoricamente esta dissertação: Aguiar (1994, 1998); Faria (2002), Kramer (2002); Demartine, Faria e Prado (2002); Gobbi (2002); Cohn (2005); Prado (2012).

filosofia, a arquitetura e outras áreas que passam a estudar as crianças como seres sociais, pensantes e protagonistas de suas histórias de vida e aprendizagens. As crianças passam a ser concebidas como seres que ensinam e que aprendem, com autonomia para estabelecerem relações com crianças e adultos, explorando os tempos e os espaços. Reconhecer estas potencialidades e complexidades é caminho para reencontrar o direito das crianças à infância e às brincadeiras livres, nas quais não se limitam a apropriação de aspectos fragmentados da vida, mas nas possibilidades de questioná-la, alargá-la, recriá-la na experimentação de novos caminhos, como afirma Prado (2012, p. 18):

O que não se pode negar, entretanto, é que as crianças podem muito mais ser o que não são, ou o que ainda não são, durante as brincadeiras. Nelas, impulsionadas pelo desejo de se apropriarem das coisas do mundo, que inclui não somente o imaginário, mas também o afetivo, o corpo, o sonho, o prazer, o riso, o movimento, as crianças estão sempre prontas para mostrar outras novas possibilidades para e nesta apropriação.

Portanto, o processo de pesquisa nasceu e se manteve na práxis, com o intuito de estar comprometida, de alguma maneira, com a construção de novas concepções de ser criança. A Licenciatura em Educação Física, apesar de fornecer subsídios para desenvolver a pesquisa com as crianças, exigiu que complementasse conhecimentos com autores que têm estudado as questões culturais, as crianças, as brincadeiras. Neste percurso, considerando que a pesquisa não se propôs a estudar as crianças definidas, *a priori*, em idades cronológicas, mas em suas *desidades* (NOAL, 2006), estabeleci o diálogo entre as teorias das ciências sociais fundamentando a convivência com as crianças em concepções advindas de autores que estudam diferentes aspectos das infâncias, bem como as questões culturais e as brincadeiras, principalmente na natureza (BENJAMIN, 1980, 2009, 2012; GEERTZ, 1989; AGUIAR, 1994, 1998; CORNELL, 1996; BROUGÈRE, 1998, 2000; GOBBI, 2002, 2012; KRAMER, 2002; HUIZINGA, 2004; TONUCCI, 2005; MARCELLINO, 2005, 2013; COHN, 2005; PRADO, 2012; MANFROI; MARINHO, 2014). Assim, a pesquisa esteve fundamentada em concepções que consideram as crianças como protagonistas sociais que se comunicam pela fala, pelos gestos, pelos sons, pelos movimentos, pelos choros, pelos risos, pelos silêncios.

Crianças que brincam, aprendem, ensinam, cantam, dançam, fazem palhaçadas, ficam sozinhas.

A proposta de utilização das fotografias, como possibilidade de registrar o ocorrido e ter acesso novamente para compreender cada momento com mais detalhes, se fundamentou nos estudos de Feldman-Bianco e Leite (1998), Bittencourt (1998), Bauer e Gaskell (2002), Novaes et al. (2004) e Gobbi (2012). Estes estudos evidenciam que as fotografias podem ser “descrições densas” (GEERTZ, 1989), pois se constituem como síntese do ocorrido e, de acordo com Gobbi (2012, p. 139): “[...] participam permanentemente na vida cotidiana das pessoas, incorporadas à vida de todas as camadas sociais de formas cada vez mais diversificadas.”.

Ao focalizar a minha atenção nas crianças em seus cotidianos, fazeres, brincadeiras e relações, busquei compreender o que significa, atualmente, ser criança na Costa e, para tanto, voltei às perguntas iniciais que gestaram o tema da pesquisa: O que significa ser criança na Costa da Lagoa? Quais são as principais formas de brincar dessas crianças? Quais os significados da natureza para as crianças? Quais experiências acontecem no cotidiano da Costa da Lagoa envolvendo a natureza? Com o passar do tempo na Costa fui acrescentando outras indagações, mesmo sabendo que, talvez, não houvesse tempo para responder a estas novas perguntas norteadoras: As crianças da Costa têm brinquedos industrializados? São livres para brincar? Exploram as possibilidades brincantes da natureza? Com o que brincam? O que é proibido nas brincadeiras? Transgridem ao brincar? Meninas brincam separadas dos meninos? Há classificação por idades? Há espaços proibidos para as crianças? Quais? Por quê? O que as brincadeiras evidenciam sobre o exercício de estar juntas e de resolver conflitos? Os adultos interferem? Quando? Por quê? Quais as aprendizagens que as brincadeiras carregam? Quais as “experiências vividas”, na concepção de Benjamin (1980, 2012) e de Larossa (2015)?

As crianças foram olhadas e ouvidas como sujeitos das suas escolhas e das suas brincadeiras, também como protagonistas da pesquisa na medida em que ofereciam subsídios para indagações outras que não haviam sido previstas *a priori*. No entanto, também foram consideradas como seres históricos e sociais, como pertencentes a uma cultura e a um coletivo, no qual os adultos estão presentes e no qual existe uma organicidade, valores e comportamentos esperados. Ao estabelecer trocas efetivas com as crianças fui qualificando o meu estar com elas e ampliando o entendimento dos diferentes contextos que compõem a Costa como espaço e tempo de viver e de brincar. Nesta

perspectiva e fundamentada no conceito de “razão sensível” desenvolvido por Bruhns (2004a), com fundamentação em estudos de Maffesoli (1996, 1998, 2001), arrisquei buscar: “[...] um conhecimento mais aberto, incorporando o imaginário, o prazer dos sentidos, a emoção, o lúdico, ou seja, parâmetros não-rationais, onde múltiplas possibilidades despontam e o qual não mais se condensa numa matriz única.” (BRUHNS, 2004a, p. 98).

Neste percurso, as leituras se constituíram no suporte necessário para pensar a metodologia que a pesquisa proposta exigiu. Estes estudos contribuíram para compreender que a Costa da Lagoa é, dialeticamente: a) singular, pois mantém traços da cultura açoriana que se manifestam nos jeitos de viver de seus moradores, nos valores que defendem e nos significados que atribuem aos fatos e às coisas; b) complexa, pois se compõe de vilarejos com diferentes configurações e diferentes moradores que se aproximam e se afastam, dependendo da situação; c) parte de uma totalidade, pois não está isolada dos contextos mais amplos (municipal, estadual, nacional, mundial), influenciando e sendo influenciada permanentemente. Seus moradores estabelecem trocas com outros grupos sociais, principalmente no turismo sazonal, quando para lá convergem pessoas de culturas muito diferenciadas e, embora vivam em contato com a natureza e mantenham traços culturais que valorizam o coletivo e a vida simples, são impregnados de humanidade e, portanto, puderam manifestar características contraditórias, aparentemente antagônicas, mas partes constituintes de qualquer ser humano (delicadeza e aspereza; cooperação e competição; honestidade e esperteza; alegria e tristeza; amor e ódio). As crianças, em seu viver e em suas brincadeiras, são influenciadas e influenciam, mas têm o privilégio de conviver com mulheres e homens plenos de humanidade, mas também, dialeticamente, próximos das concepções de Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 24), pois: “[...] vivem como colaboradores iguais, por meio de uma co-inspiração na qual homens e mulheres, mulheres e homens, co-participam da criação de uma consciência mutuamente acolhedora e liberadora, que se prolonga desde a infância até a vida adulta.”

Ao construir a revisão de literatura para fundamentar teoricamente os contextos das brincadeiras infantis com e na natureza, encontrei impasses, pois como afirma Kramer (2002, p. 45): “Diversos são os modos de ler e de se apropriar das teorias; diversas são as portas de entrada, as abordagens, as posições, temas de interesse, estratégias.”. Portanto, houve uma seleção intencional dos trabalhos lidos, releituras foram realizadas na busca de compreender o que estava nebuloso e,

assim, busquei construir o chão para a pesquisa se desenvolver. Com esta concepção, fui percebendo que as crianças que moram na Costa também passam pelos processos desse novo conceito de infâncias. Embora sendo moradores de Florianópolis, cidade que tem diminuído tempos e espaços para as conversas, estas crianças estão inseridas em uma cultura peculiar, encontram-se imersas na natureza e convivem com adultos que buscam, intencionalmente, as conversas, a contação de histórias e de empoderamento dos tempos e dos espaços para viverem as suas verdades. São adultos que compreenderam, como afirma Bosi (1994, p. 82) que:

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.

Nas maneiras de ser dos adultos, as crianças da Costa têm seu presente mais humanizado, menos consumista e mais criativo, na possibilidade das brincadeiras, dos jogos, dos cantos e folguedos de outrora em diálogo com os de agora. Ao estudar os autores que estão construindo esta diferente conceituação de infâncias fui constatando que ser criança é muito mais do que estar em uma determinada etapa da vida. Também não é alguém desprovido de inteligência e de capacidade de pensar e se posicionar, como se usa, pejorativamente, para denominar adultos que, na concepção dos padrões sociais têm comportamento tolo. Para esta tradicional concepção, a infância é uma etapa da vida que precisa ser esquecida para se tornar adulto. Educador e cartunista italiano, Tonucci (2005) apresenta, com clareza, a imposta transição para um futuro que ainda será e que nega a criança que já é. Para Tonucci (2005), a cultura centrada nos adultos (adultocentrismo) afasta-os das crianças e todos perdem aprendizados significativos que esta convivência pode trazer como a imaginação, a humildade, a alegria, a amorosidade. A vida estanque, fragmentada e cronometrada se opõe aos ritmos da vida que se pretende “mais elevada” (BENJAMIN, 2009, p. 39).

Os adultos que vivem na Costa, em sua maioria, mantêm vivas as crianças que foram e que ainda são. Como as crianças, fazem perguntas, são irreverentes, visitam-se, conversam, contam histórias, riem com facilidade, falam o que lhes vêm na memória e trazem em si, na descrição de Bosi (1994, p. 83), lembranças de tempos nos quais: “A percepção era uma aventura; como um animal descuidado, brincávamos fora da jaula do estereótipo. E assim foi o primeiro encontro da criança com o mar, com o girassol, com a asa na luz.”. Estes velhos também ficam tristes, rabugentos, choram e brigam. Ao conviver com as crianças, as consideram inteligentes, possuidoras de conhecimentos e com possibilidades de conviver na comunidade, como indica a fala de vô Manoel ao contar sobre seu neto:

As crianças de hoje são mais espertas, mais violentas, falam mais, mais valentes... Violentas nesse sentido que vê uma altura e já quer ir, não tem medo desse tipo de coisa... Quem vive em apartamento, que não convive com ninguém é aquela pessoa tímida, calma... Os nossos não! Meu neto maior tem 13 anos e é bem esperto para essas coisas tecnológicas, arruma rádio, tv... Ele é assim... Eu estava em casa deitado, era uma da tarde e ele chegou e deitou com a cabeça na minha barriga e falou: “O avô está barrigudo.” Eu pensei: ele veio pra me pedir dinheiro e fala isso? (caderno de apontamentos, 12 de maio de 2014)

Em minhas observações e registros encontrei algumas evidências de que as crianças que vivem na Costa estão mais próximas das concepções de infâncias que têm se efetivado a partir de 1980. Apesar desta dissertação não focalizar a escolarização, em alguns momentos estive com as crianças, mediada pelos espaços e tempos escolares, considerando que a escola municipal da Costa é um dos espaços brincantes e acessíveis a elas. Assim, observei na escola que: a) todas rapidamente me identificaram e se mostraram receptivas, alegres, criativas e espertas, tendo liberdade para se aproximarem e estabelecerem vínculos; b) têm flexibilidade de horários para entrar e sair da escola (não existe sino); c) nas aulas de Educação Física são estimuladas a criar as suas regras, dificilmente o professor determina as brincadeiras, usando o violão em diversas partes das aulas; d) o professor tem um boneco - Guinho – que faz parte das aulas de

Educação Física e tem o objetivo de estimular a afetividade; e) são ouvidas com muita atenção pelos adultos; f) os pais participam de projetos escolares acompanhando os filhos; g) em torno de dois anos passam a transitar nos barcos sem estarem acompanhadas por um familiar, sendo cuidadas pelas professoras, vizinhos e o proeiro; h) as crianças do primeiro ano servem os seus próprios pratos.

As crianças da Costa, talvez pelo contato com a natureza e por seus tempos e espaços alargados para o viver cotidiano, manifestam significativa sensibilidade reflexiva. Uma tarde falei para a Bianca que precisava estudar e ela, demonstrando consciência do que é ser criança e o que significa a liberdade de estar no presente, brincando, mas também percebendo que o tempo passa para qualquer um, assim falou: “*Como é chato ser tu, eu também vou crescer, o ano passa em um piscar de olhos. Hoje eu tenho 10 e daqui a pouco eu já tenho 24, mas é assim mesmo... Daqui a pouco eu vou ter que passar pelas mesmas coisas que tu, eu não queria, eu queria chegar até os 14 e voltar.*”. Ouvi, sorri e pensei: Bianca, com a infância alada que tem, aos poucos vai descobrir que podemos continuar crianças pela vida afora e que estudar também tem os seus encantos.

4.2 NARRATIVAS QUE DIZEM DE IMAGINAÇÃO, DE LIBERDADES E DE SONHOS

*Eu teria dois anos; meu irmão, nove.
Meu irmão pregava no caixote duas rodas de lata de goiabada.
A gente ia viajar.[...]
Imitava estar viajando.
Meu irmão puxava o caixote por uma corda de embira.
Mas o carro era diz - que puxado por dois bois.
Eu comandava os bois:[...]
No caminho, antes, a gente precisava de atravessar um rio inventado.
Na travessia o carro afundou e os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio era inventado.
Sempre a gente só chegava no fim do quintal.
Manoel de Barros (2010, p. 470-471)*

Estamos quase finalizando as nossas travessias. Chegamos ao “território sagrado da infância” (HORTELIO, 2014). Aqui é o ponto em que encontraremos com as crianças da Costa e, quem sabe, com as nossas crianças internas. Para compreender a proposta de registro - por narrativas, fotografias, filmagens e desenhos - e posterior interpretação dos achados da pesquisa com as crianças da Costa, compartilho um

texto de Tonucci (2005, p. 17) que tem o objetivo de sintonizar concepções e sensibilizar a razão:

Conceder a palavra às crianças não significa fazer-lhes perguntas e fazer com que responda aquela criança que levantou a mão em primeiro lugar. Dessa forma, conseguem-se somente lugares comuns e estereótipos, isto é, a primeira coisa que vem à mente, e suscita-se, entre elas, uma forte competição: quem sabe responde primeiro. Conceder a palavra às crianças significa, pelo contrário, dar a elas as condições de se expressarem.

Esta concepção de Tonucci de que todas as crianças falam, que é preciso ouvi-las e compreendê-las, ficando ao lado delas, reconhecendo que são capazes de dar opinião, de fazer propostas, de ajudar a resolver problemas, orientou a minha convivência na Costa e indicou algumas trilhas naqueles momentos em que me perguntava se estava compreendendo os acontecimentos e os seus enredos em suas complexidades e contradições, para além do visível ao primeiro olhar. Esta mesma concepção de estar com as crianças assegura a liberdade de solicitar que ao ler as narrativas a seguir - que serão interpretadas, ao final, em diálogo com o referencial teórico -, você leitor, desconstrua certezas, desaprenda para tornar a aprender, acalente a vida, imagine as crianças em suas brincadeiras e risadas, permita-se a liberdade de acreditar, junto com Manoel de Barros (2010, p. 393) que: “As andorinhas sabem mais da chuva do que os cientistas.”.

4.2.1 Crianças, barcos e travessias

Dia de muito sol, peguei a barca para a Lagoa, às 9 horas. Sentei ao fundo. Eu e o Toquinho em sua casinha. O cenário é um barco, os personagens são uma menina, Lara e dois meninos. Distraída, olhava as águas quando me dei



conta que a Lara estava me olhando. Mexia no cabelo, um pouco tímida e, de repente, bateu com a mão direita no banco, ao lado dela, sinalizando para alguém sentar ao seu lado. Esperei para ver se, de fato, era comigo. Olhou-me de novo e disse: “*Mira, senta aqui.*”. Batendo novamente com a mãozinha no banco. A Lara estava de sobretudo, meia calça e sapatilha. Uma roupa muito quente para o dia. Olhei para ela e perguntei o porquê de “tanta” roupa e ela me disse, com tom de certa faceirice acabrunhada: “*Eu estou com febre, vou ao médico.*”. Os pais dela estavam no barco e começamos a conversar sobre cachorro. Ela disse: “*Eu queria um igual ao Toquinho, pai!*”. O pai sorriu e achei interessante que, apesar da Lara estar com febre, nem o pai e tampouco a mãe a proibiram de brincar com o Toquinho, mesmo sem saber se



estava vacinado e sem alguma possibilidade de contaminação.

Quando a conversa acabou, percebi que havia dois meninos ao lado do leme. Comecei a observá-los. Estavam pedindo alguma coisa para quem dirigia o barco. Conseguiram: eram dois carrinhos de brinquedo. Pegaram e saíram a dirigir os carros dentro do barco. Encostavam os carrinhos nas almofadas, passavam pilotando sobre as pernas das pessoas conhecidas, pulavam quando chegava em algum desconhecido. Assim, deram muitas voltas pelo barco: aceleradas, freadas bruscas, risadas, buzinaços. Foram, voltaram e estacionaram no painel do barco novamente. Pegaram suas mochilas para descer no canto dos Araçás. Quando estavam na fila para descer, já combinavam a brincadeira do outro dia no barco. Um deles falou: “Amanhã vou trazer meu barco de garrafa, pego uma fita na escola, amarro nele e a gente segura na corda e vai controlando na correnteza do barco.”. O outro

menino fez um sinal de aprovação com a cabeça e disse, baixinho: “*Você sabe que tem que fazer isso escondido do proeiro, ele não pode ver.*”. Desceram. Esta travessia chegou ao final para eles. Continuei no barco, sensibilizada, ao perceber os carrinhos que o piloto deixava à disposição das crianças. Desci do barco sentindo alegria de estar ali e com vontade de brincar.

4.2.2 Coisas desimportantes, um sofá descartável, aprendimentos

Era uma tarde em que o tempo estava fechado, com muitas nuvens escuras no céu. Decidi dar uma volta na vila da Praia Seca - um dos aglomerados de casas da Costa. Chegando lá, encontrei o Teozinho, estava brincando com mais três meninos: Cauã, Emerson e Maurício. Brincavam de pique esconde. Dois se escondem e dois procuram. Quando acham, devem correr e tentar pegar o outro. Começa uma nova rodada quando pegam os dois que estavam escondidos. Neste momento, inverte o papel das duplas.



Na Praia Seca, os espaços do caminho das casas e dos restaurantes se cruzam. Neles as crianças correm, riem, conversam. Depois de muito correr, sentaram em um sofá velho, que fica encostado na parede de uma das casas. O Teozinho começou a falar: “Gente, vamos decidir logo do que vamos brincar, o Cauã não pode ficar até

muito tarde, porque ainda não está muito acostumado e a sua mãe não deixa. Ele falou que pode ficar até umas sete horas da noite brincando.”.



Ficaram ali naquele sofá, sentados e pensando do que brincar. O pai de Emerson o chamou para atravessar para o Campo com ele. O Teozinho e o Cauã sabiam que não poderiam ir e já foram andando na direção das suas casas. Os meninos maiores pegaram as suas bicicletas e perguntei o que iam fazer. Responderam: “Vamos andar no campo.”. Foram para o trapiche. O pai já estava esperando dentro do barco. Colocaram as bicicletas em cima da embarcação. O pai, que era o piloto, começou a enrolar a cortina de plástico para sair. O barco começou a dar ré. Observando a cena, me perguntei: Se o único adulto está enrolando a cortina, quem está pilotando? Quando me aproximei, vi que era Emerson que estava no leme. O barco foi se afastando. O pai, tranquilo, continuou amarrando as cortinas. Um pouco preocupada, fui caminhando e pensando sobre a complexa questão da autonomia das crianças. No entanto, tudo o que havia vivido na Costa e o fato de não ter histórico de acidentes com os barcos, me permitiram ficar tranquila. Com certeza aquele pai sabia o que estava fazendo, atento e experiente, saberia interferir em qualquer necessidade.

4.2.3 A metade de um barco nos leva para onde?

Era um dia lindo de sol, estava fazendo as minhas primeiras andanças pela Costa tentando ser a mais discreta possível. Caminhava com um sorriso amarelo, tímido. O fato de eu estar sem mochila, com uma chave, um caderno e uma máquina de fotografia nas mãos, fazia-

me, no mínimo, ser bem estranha. Caminhava sem rumo, sem saber aonde ir, mas estava ansiosa para ver crianças. Então fui até a igreja, dei uma volta pelos restaurantes e voltei. Em frente a uma das lojas de roupa e artesanato, em um terreno baldio, avistei a metade de um barco. De madeira, vermelho, com Marquinhos dentro. Achei um lugar para sentar, no meio fio. Comecei a observá-lo discretamente. Arrisquei tirar uma foto. Ele viu e não reagiu. Continuei. Ele então se colocou de frente



para a ponta do barco, com as mãos segurando nas laterais.

Marquinhos começou a balançar, de um lado para outro, de um lado para outro, de um lado para outro, repetidas vezes. Aurora, menor do que ele olhava de longe. Foi se aproximando. Chegou até o barco. Marquinhos a colocou dentro, de frente para a ponta. Ensinou a segurar nas laterais. Ele ficou atrás dela e continuou a balançar de um lado para outro, de um lado para outro. Começou a fazer um barulho com a boca “bum, bum.”. Imitava o barulho do motor. Havia adultos em volta. Ninguém disse nada. Observavam. As crianças continuaram naquele balanço. Para o timoneiro as águas estavam calmas pelo ritmo e barulho

do motor. Até que chegaram ao lugar desejado, desceram e ancoraram o barco para a próxima viagem. A metade de um barco, com imaginação,



nos leva para qualquer lugar.

4.2.4 Quantas horas eu levo para ir à escola de dinossauro?

Em um dia de sol, bem quente, saí do ponto dezesseis com Laura e Nathan - jovens parceiros de Costa - para irmos fazer uma visita a um afilhado dela na Praia do Sul. Depois de meia hora de caminhada, chegamos por lá. A Patrícia recentemente teve o Lucas e mora com sua mãe, que tem mais cinco netos. As crianças daquela vila, duas meninas (Jasmim e Paloma) e três meninos (Vitor, Bruno e Leo), estavam reunidas brincando em frente da casa da avó. Como já me conheciam, não estranharam a minha presença naquele lugar. Continuaram brincando com alguns tijolos, tampinhas de garrafa, madeira, carrinhos de plástico, lona, bonecos e animais em miniatura. Dentre um desses bonecos, tinha um mais diferente, que me chamou atenção, ao questionar sobre ele, ouvi: “*A gente ganhou no McDonalds!*”. Soou estranho e, ao mesmo tempo, familiar. Cada uma estava fazendo a sua casinha. O Vitor falou: “*A minha casa está pronta, o meu quarto e o quarto da minha mãe.*”. Colocou duas miniaturas de dinossauros dentro de um carrinho, saiu empurrando e falou: “*Agora vou lá chamar a minha amiga.*”.

A avó nos chamou para comermos salada de fruta. Depois saímos e eles continuaram a brincar. Mudaram para pega-pega. Nesta, participei. Cansados, sentamos um pouco. Começamos a conversar sobre outras brincadeiras. O Leo falou: “*A gente podia brincar de Cooperbarco!*”. Todos riram e uma das meninas começou a me explicar como era: “*A gente brinca com aquele barco, que está ali na área[na grama], ou naquele vermelho[que estava na água esse dia]*”. Continuou falando dos papéis que compõem a brincadeira: “*Um fica dirigindo, outro fica na corda e faz o proeiro. O restante são os passageiros. O barco começa andar e a gente vai perguntando aonde quer ir e vamos deixando as pessoas*”. Tudo isso, vivido no imaginário, sem os barcos saírem do lugar. Enquanto ela explicava, os demais ficavam se olhando e rindo, achando engraçada aquela situação. Depois contaram de outra brincadeira que fazem no verão: “*A gente brinca também nas canoas, mas só no verão, ela fica virando e a gente se molha. Todos nós nadamos, menos o Leo. Ele só sabe mergulhar, é muito pequeno*”.



O papo foi acontecendo e ficando cada vez mais secreto: “*Mira, isso não podes contar, certo?*” Continuaram: “*Tem vezes que a gente*

entrava naquele barco vermelho, tirava o óleo, e colocava em outro. Às vezes a gente pulava do barco e se molhava todo.”. Ficaram olhando a minha reação e, quando viram que eu não recriminei, começaram a rir. Ainda falaram mais: *“Sabe aquela casa ali, como ela tem escada e tem madeira a gente sobe lá e fica escorregando.”*. Ainda fizeram uma queixa para mim: *“Tem um cara que é bem chato, uma vez a gente pediu para jogar a rede dele e ele não deixou. Eu pegaria vários peixes e os menores ficariam jogando a varinha.”*. Depois concluíram: *“O Rodolfo e o Anderson são pescadores e brincam com a gente.”*. Quando o papo já estava ficando muito sério o Vitor pegou seu dinossauro de borracha e saiu correndo falando: *“Eu vou ver quantas horas eu levo para ir à escola de dinossauro.”*.

4.2.5 Sem presente? Não acredito!

Fui convidada para o aniversário do Yuri. Pediram para ajudar a cuidar das crianças. Como sairiam da escola, cheguei por volta das 14 horas. Todos estavam bem arrumados, mas com roupas confortáveis. Raí estava com uma chuteira colorida. Olhei e comentei: *“Nossa, que chuteira maneira!”*. Respondeu em seguida: *“Eu tenho duas, essa é a minha velhinha, é para ir à escola e brincar aqui. Tenho uma nova que é para ir ao futebol com meu pai, na sexta.”* Perguntei a diferença entre as duas: *“A cor!”*. Pronto. Pergunta respondida. Conversa encerrada.

Muitas das crianças levaram presentes, inclusive as professoras. Estavam todos na sala de aula, ansiosos para a festa. Yuri bateu na porta, veio buscar a turma para ir ao seu aniversário. Quando entrou na sala, questionou: *“Quem trouxe presente?”*. Uma menina disse: *“Ai Yuri, eu esqueci, mas trago amanhã.”*. Imediatamente ele, com uma cara de desaprovção e tristeza disse: *“Eu não acredito!”*. O constrangimento logo passou.

Todos saíram correndo em direção a um restaurante que fica próximo da escola. Ali estava montada uma cama elástica, pularam muito. O Yuri, como aniversariante, podia ficar quanto tempo quisesse. Brincaram de elefante colorido, de esconde - esconde, de pega - pega, de escorregador. Comeram cachorro quente, pipoca, bolo de chocolate, cenoura, docinhos e maçã do amor. Tomaram refrigerante, água e suco.

Duas crianças tentaram subir na árvore e a professora pediu para elas descerem. Enquanto todos cantavam os parabéns, o Yuri deu um beijo na bochecha da Diva, que estava ao seu lado, todos riram muito. E o “com quem será” foi com Diva, a musa da turma. Na volta do aniversário, fui andando com as crianças para as nossas casas. No meio do caminho, eles pararam e olharam pra cima, apontaram para uma árvore bem grande e toda queimada e disseram: “*Quem mandou essa árvore crescer muito? Ela foi pega por um raio!*”. Quando voltaram a olhar para o caminho, tinha um cachorro passando e o Guizinho fazendo carinho no bicho disse: “*Essa cadela é bonitinha, não tem pulga, só tem mosca*”.





Assim é o cotidiano das crianças na Costa, diversificado, com muitos amigos e natureza disponível para aventuras e aprendizagens. Gabriel, que havia escrito o bilhete para a Diva, não estava na festa porque é de outra turma, mas com certeza ficou sabendo que ela fez parte do “com quem será” do Yuri. Não fiquei sabendo da sua reação, mas assim é a vida.

4.2.6 Chuta aí! Sempre há uma possibilidade de gol

Esta narrativa traz um campo como cenário, futebol e crianças. Em uma tarde, eu e a Flor retornávamos para a Costa, carregadas de compras. No caminho ouvi muitas vozes de crianças e gritos. Achei bem estranho, dificilmente se ouvia gritos na Costa. Ajudei a guardar as compras e fui em busca das vozes. Descobri que era no campo do seu Carlito. Quando cheguei encontrei meninas e meninos jogando bola. Passei por eles, os cumprimentei. Falei que estava dando para ouvir seus gritos, lá de casa. Riram muito, parecendo achar o máximo. Continuei andando e fingi que ia ver se meu celular pegava melhor no trapiche. Neste tempo em que fui até o trapiche, fiquei pensando em como me aproximar. Na volta, quando estava passando entre eles, a bola

veio no meu pé e logo ouvi: “*Chuta aí!*”. Pronto, era tudo o que precisava para entrar na brincadeira. Chutei uma, duas, três, quatro, cinco, seis... até que o celular da Diva tocou. Era a sua mãe, perguntando onde ela estava. Ela disse que estava jogando futebol e que



tinha uma “professora” jogando com eles. A mãe a deixou ficar mais. O celular da Diva, que estava no seu bolso, voava mais que a bola, até que o Diego falou: “*Esse celular não estraga, é dos anos sessenta.*”.

Continuamos jogando. Primeiro somente um tocava para o outro. Depois fizemos uma roda e ficava um no meio, se revezando, tentando pegar a bola enquanto os outros tocavam. E por fim organizamos duplas, a Diva falou: “*Você joga bem hem Mira, pode ser minha dupla?*”. Fui dupla da Diva. Diego me questionou: “*Você é professora do que mesmo?*”. Respondi: Educação Física e ele: “*Hum, tá explicado!*”. Seguimos jogando. Rimos dos chutes mal dados, das batidas de canela e das batidas fortes na bola. O espaço estava livre para jogarmos, a única preocupação era a bola cair no riachinho que liga a Cachoeira a Lagoa. Às oito horas da noite já estava bem escuro, o clima era frio, não tinha nenhum adulto nos observando, perguntei para eles até que horas ficariam jogando. Um dos meninos me respondeu rindo muito: “*Até uma da manhã!*”. Nesse momento os meninos começaram a me perguntar: “*Onde você mora?*”; “*Amanhã vai tá aí?*”; “*A gente vai lá te chamar pra jogar, beleza?*”. Eu já podia me considerar parte do jogo e da vida. Senti que já fazia parte da turma.

4.2.7 Bergamota azeda, limão doce?

Saí de casa para dar uma volta pela Costa. Parei e vi que havia muitas crianças em um terreno gramado, fora da escola e de frente para a Lagoa. Desci para ver, estava tendo aula de Educação Física. Algumas crianças estavam brincando de futebol, outras de pular corda, umas sete no *slackline*⁵³ e umas cinco estavam grudadas no pé de fruta, que não era muito grande. Acabei ficando por ali, pedi permissão para o professor e fui brincar com as crianças. Com o tempo, o pé de limão foi enchendo de crianças.

umas ficavam só com os dedos do pé no chão e com as pernas bem esticadas, tentando alcançar os frutos que estavam nas pontas dos galhos. Outras estavam empoleiradas no pé, escoradas e penduradas nos galhos. Ainda havia aquelas que ficavam embaixo gritando para conseguir ganhar um fruto. Elas descascavam aquele fruto e falavam: “*Hum, que delícia de bergamota!*”. Muitos já haviam descascado e chupado o caldinho do fruto. Não



⁵³ Fita elástica, amarrada entre dois pontos fixos, com altura variável de acordo com os praticantes, que podem andar e também fazer manobras de equilíbrio.

demora veio uma menina e falou: “*Mira, descasca pra mim?*”. Tentei descascar por diversos lados, mas realmente estava difícil. A casca estava muito grudada aos gomos do fruto, mas como muitos já haviam conseguido, persisti. Durante esta tentativa, a Beatriz se aproximou de mim e disse: “*Mira, olha que delícia de bergamota, prova!*”. Eu nem olhei muito bem e dei uma mordidinha no fruto. Quando eu senti, fiz uma cara de que estava ruim e azedo. As crianças riram muito e começaram a falar: “*É limão, Mira!*”. Fui sacaneada ou já fazia parte do grupo? Fiquei com a segunda opção, sem descartar a primeira. Crianças fazem as suas peraltices...



4.2.8 Macacos que mamam, crianças desmamadas

Fui encontrar com as crianças na Praia do Sul. O dia estava lindo, com um ventinho frio. Quando cheguei, perceberam que eu estava com frio e disseram: “Aqui é muito frio, por isso que é Praia do Sul, que bate muito vento sul, a Praia Seca é a mais quentinha, mais protegida.”. Começaram a me contar que estavam cuidando de um filhote de sagui que havia caído do bambuzal. Fomos até a casa da Alice para ver. Subiram muito rapidamente, brincando de quem chegaria mais rápido. Pulavam pedras, apoiavam-se em raízes de plantas, corriam em meio às árvores. Dentro de um balde estava um sagui. A mãe pediu para o Bruno pegá-lo e deu leite com a ajuda de uma seringa. Leite tomado, o Leo queria pegar um pouco o sagui no colo e o Vitor falou: “Não, tu vais apertar ele!”. Da árvore do lado da casa, vinha um barulho, bem agudo, como um grito. Era outro sagui e parecia ter vindo atrás do filhote. Então questionei as crianças, o porquê delas não entregarem o filhote, e elas: “*Ele pode ser do mal!*”. Depois de ver o bicho, voltaram correndo para frente da casa da avó, gritando: “*Quem chegar por último é mulher do padre!*”. Por ser filha de ex-padre, achei engraçado eles conhecerem esta antiga brincadeira.



Chegando lá, as meninas começaram a conversar sobre mamadeira. A Alice falou: *“Sabia que quando eu tinha dois anos, a minha mãe falava que iria jogar fora a minha mamadeira quando eu fizesse três anos?”* E continuou contando como fazia para não ser descoberta: *“Ficava embaixo da mesa para ela não ver, mas ela via e nunca jogou. Tomei mamadeira até os seis anos.”*



A Ana também relatou a sua história: *“Eu pegava a minha mamadeira para colocar o leite e tomar escondido, mas virava o leite todinho. Era muito pequena.”* Continuou contando que esta dificuldade de acertar o leite no buraco da mamadeira não impediu que continuasse mamando até que a sua mãe chegou: *“Eu ouvi os passos e fui esconder a minha mamadeira embaixo da mesa. Esparramei tudo. Ela seguiu os pinguinhos de leite, achou e jogou no lixo. Não mamei mais”*. Silêncio. Junto com as mamadeiras, algo parece ter sido perdido para sempre. Logo, porém, voltam a falar, indignadas, possivelmente repetindo o que ouvem dos adultos: *“Tem uma menina com 12 anos aqui na Costa que toma madeira quando vai dormir.”* Apontando para o Leo, disseram: *“Você pode aproveitar para tomar, tem só três anos.”*

Nesta descrição em que aparecem meninas e meninos de diferentes idades e um sagui, as mamadeiras viraram as personagens principais como fios condutores de uma etapa da infância que parece estar ficando para trás, mas que está presente em Leo, com seus três anos e no filhote que não querem devolver para a mata. Esta experiência

me fez pensar e constatar que na Costa também existem regras adultocêntricas que se impõem sobre as crianças, que transgridem, resistem e acabam vencidas, não convencidas. Às vezes, os adultos transpõem os seus próprios limites e também transgridem, outras vezes não. As crianças, de acordo com Prado (2002, p. 105): “[...] inventam as suas brincadeiras e formas de brincar, recreando, no mundo da ordem, outra ordem, alternativa, entendida pelo adulto como desordem, barulho, bagunça.”. Quando sozinhas e quando podem, transgridem. Neste episódio, permanecem muitas perguntas, mas a principal é: Usar mamadeira - como tantas outras práticas relacionadas com a infância - torna um ser humano menos capaz de viver a sua vida com autonomia? O que se ganha? O que se perde?.



4.2.9 Procura-se um cágado visto pela última vez embaixo da ponte

Dia dez de junho, acompanhei a Bianca que estava indo buscar o Iago, seu irmão mais novo, na escola. Quando chegamos ao portão o Iago, Divae Guizinho saíram correndo e falando: “Vamos lá pegar o cágado com a gente, Mira.”. Foram me puxando pelo braço e então fui com eles até o local em que, supostamente, estaria o animal. A mãe do Guizinho vinha andando mais devagar conversando com uma funcionária da escola.



Para se chegar à casa da Bianca e do Iago é necessário passar por uma ponte, bem pequena, que liga o terreno da casa com o caminho. Embaixo dessa ponte passa um córrego, estreito e raso. Foi nesse local que viram o cágado antes de irem para a escola. Quando se aproximaram do local, deixaram as mochilas pelo caminho e foram procurando o cágado. Ele estava perto de uma pedra.

Conversaram. Espiaram o cágado. Montaram uma estratégia para pegar a criatura. O Iago pegou um balde e um pedaço de pau. Mais e mais conversas. Agito geral. Foram para baixo da ponte. O Guizinho ficava cuidando o cágado para ver se ele não ia fugir. Quando estavam prestes a pegá-lo, com certeza percebendo o movimento, o cágado deu um mergulho e sumiu. Os três ficaram malucos correndo atrás, olharam embaixo de plantas, atrás de pedras e nada do bicho. Até que a mãe do Guizinhopassou por nós e começou a chamar pelo seu nome para ir embora. Diva falou: “Há que coisa, a gente podia vender ele.”.



4.2.10 Siri assustado assusta?

Em um sábado, tinha ido almoçar em um restaurante e, quando estava voltando, encontrei o Marquinhos, em frente à loja. Ele me olhou e disse: “*Eu já te conheço.*”. Parei ali para conversar com ele e, então, percebi que tinha um siri no meio do caminho. Marquinhos estava com os olhos vidrados no bicho. Fiquei mais um pouco, observei e, quando notei, tratava-se de uma brincadeira. Dele e de Luana.



Ela pegava um pedacinho de pau e colocava perto da garra do siri, assim o bicho agarrava o graveto e ela ameaçava jogar em Marquinhos. Ele então saía correndo. Mais um pouco de tempo passou e a brincadeira já se esgotava de novidade. Pensei que iriam parar de brincar. Engano! Perceberam que poderiam colocar no meio do caminho, para assustar os turistas. Quando os primeiros passaram, havia uma criança no meio, que gritou quando viu o siri e então os dois começaram a rir. Enquanto não vinham turistas, eles ficavam brincando de pular o siri e diziam pra mim: “É legal por que ele se assusta e tenta pegar a gente.”. A graça da brincadeira estava em se arriscar, visto que a picada dele machuca bastante. Por fim, os adultos que estavam próximos pediram para o Marquinhos devolver o siri para a água. Como o menino não sabia pegar o siri com a mão, os mais velhos ensinaram e

o acompanharam até a praia para soltar. O siri retornou ao seu habitat e a brincadeira chegou ao fim.



4.2.11 Correio elegante em tempos de WhatsApp?

Estava na escola, ajudando a recortar uns corações para a decoração da festa junina. Enquanto isso, olhava as crianças ensaiando as danças. O Gabriel, que não gosta muito de dançar, aproximou-se de mim e ficou ali sentado. Percebi que ele estava olhando insistentemente para dentro da sala de aula, local em que estavam outras crianças. Perguntei o que estava olhando e ele respondeu: “*Não posso falar.*”. Ri e questionei porque ele não podia falar, então perguntou: “*Você não vai contar?*”. Afirmei que não e ele falou: “Para a Diva, eu estou apaixonado.”. Ficou muito vermelho. Não falamos nada. O momento era sagrado.

Continuamos ali sentados um ao lado do outro. Pedi para ensiná-lo a recortar coração. Dei uma tesoura para ele. Ensinei. Gabriel tentou recortar uns cinco corações. Olhou. Julgou que não estavam bonitos. Perguntou: “*Mira, você pode me dar um desses que você recortou, para eu escrever um bilhete para a Diva?*”. Imediatamente e ainda encantada com a situação, concordei e entreguei um coração para ele. Gabriel entrou na biblioteca, pegou uma caneta e voltou. Ficou com o coração e a caneta na mão me olhando. Até que disse: “*Me ajuda, não sei o que escrever.*”. Disposta a ajudá-lo perguntei o que ele achava dela. prontamente respondeu: “*Eu acho linda!*”. Gabriel me olhava um pouco assustado, estagnado. Eu olhava para ele e pensava em meus primeiros bilhetes de amor. A história de Gabriel se encontrava com a minha, com as narrativas dos velhos da Costa e com a poética de Manoel de Barros (2010, p. 471): “A namorada do meu irmão dava febre no corpo dele. Isso ele contava.”. Amor é amor. Retornando das minhas próprias memórias falei para Gabriel: Escreve isso para ela, que você acha que ela é linda!

Mais uma vez me olhou e pediu para eu soletrar. Soletrei, ele escreveu, mas não ficou satisfeito com a sua letra. Pedi outro coração. Entreguei e recomeçamos. Na hora de assinar Gabriel, ele me disse: “*Eu não quero que ela saiba quem escreveu, eu até vou pedir para o José entregar pra mim.*”. Então sugeri que ele colocasse um ponto de interrogação embaixo da carta. Assim fez, ficando o resultado final: “*Diva, você é linda! Assinado: ?*”.

Dobrou, entregou para o Alex e saiu correndo para debaixo da mesa. De lá ficava observando, apreensivo, os passos de Alex indo encontrar Diva. Quando, finalmente, o coração-bilhete chegou às mãos de Diva, Gabriel escondeu o rosto com as mãos. A Diva abriu, leu e começou a olhar para os lados, para ver quem tinha escrito. Em menos de cinco minutos, Gabriel estava ao seu lado, contando a história. Ela não acreditou que tinha sido ele. Então veio me perguntar como podia fazer para ela acreditar. Rindo, mas com respeito, eu disse: Traga Diva aqui que eu confirmo. Diva veio junto com Gabriel. Confirmei e saíram



correndo para brincar.

Vivi, neste episódio, a poesia de Fernando Pessoa(Álvaro de Campos, 1972, p.399): “Todas as cartas de amor são Ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem Ridículas.[...] Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram Cartas de amor é que são Ridículas.” Os versos de Pessoa me levaram, mais uma vez, até Manoel de Barros

(2010, p. 434): “Sombra Boa não tinha e-mail. Escreveu um bilhete: Maria me espera debaixo do ingazeiro quando a lua tiver arta. Amarrou o bilhete no pescoço do cachorro e atçou: Vai, Ramela passa! [...] Quando a lua ficou arta Maria estava. E o amor se fez sob um luar sem defeito de abril.”. O amor realmente não tem idade e local, subverte todas as regras.

4.3 DESENHOS: “HOJE EU DESENHO O CHEIRO DAS ÁRVORES.”⁵⁴

*Sempre compreendo o que faço depois que já fiz.
[...] É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é defeito de nascença isso. Igual como a gente nascesse de quatro olhares ou de quatro orelhas. Um dia tentei desenhar as formas da Manhã sem lápis. Já pensou? [...] Pinte a Manhã de pernas abertas para o Sol. [...] Estava humanizada essa beleza do tempo. E com os seus passarinhos, e as águas e o Sol a fecundar o trecho.*
Manoel de Barros (2008, p. 85)

Os desenhos foram pensados desde o início da pesquisa, como caminhos para assegurar maior participação voz às crianças, mas os meses passaram tão rápidos e foram emergindo tantos detalhes da vida que se desenrolava na Costa que concluí o meu tempo de estada sem ter passado por esta experiência. No entanto, como Gobbi (2002, p. 70), ainda me perguntava sobre o protagonismo das crianças: “[...] onde estão os registros de suas passagens pela história, registros esses deixados por elas mesmas?”. Seguindo a autora e fundamentada em referenciais da sociologia, da antropologia e da história, compreendi os desenhos como registros criados por sujeitos históricos e culturais. Assim, não apresentam os limites dos textos escritos, porque, como textos visuais, podem e devem ser olhados de diferentes maneiras, ser sentidos, ser interpretados.

Decidi voltar à Costa para compreender um pouco mais as crianças, por meio de produções livres, criadas por elas: os desenhos. A Escola da Costa foi o cenário para a realização desta etapa, pela relação estabelecida com a direção e os professores, e também pela adequação

⁵⁴ BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 301.

das mesas para apoiar as folhas e materiais. Após um direcionamento mínimo de minha parte ao solicitar que se desenhassem fazendo algo que gostam de fazer, e sem demarcação de tempo para terminar, disponibilizei folhas sulfite A4, lápis preto, lápis de cor e borracha. Apliquei esta dinâmica em três dias diferentes, para possibilitar um tempo alargado para realizarem a atividade proposta e para não atrapalhar o andamento das aulas. Observei e esperei. As crianças dos três grupos mergulharam em suas obras e, aos poucos, foram concluindo. Ao todo, trinta e seis crianças, trinta e seis desenhos. Meninas e meninos entre cinco e dez anos. Fundamentada na metodologia proposta por Gobbi (2002), na medida em que iam entregando, conversava com elas sobre o que haviam desenhado e anotava atrás da folha. Constatei que quase a metade das crianças descreveu detalhes que não estavam registrados nos seus desenhos, mas que serão considerados neste texto. Por exemplo, Mel, que ocupou quase toda a folha para se desenhar sozinha, afirmou: *“Mira, como a folha é pequena, não te coube, por isso imagine que você está vindo logo atrás de mim, e estamos caminhando em um parque, que não tem balanço, mas tem lago, peixe e trepa-trepa.”*

Na sequência, com estas fontes em mãos, recorri aos textos de Gobbi (2012) para estabelecer o diálogo de minha intuição com a sua fundamentação teórica, construída em mais de 15 anos de estudos com crianças e seus desenhos. Inicialmente separei os desenhos das meninas (16) e dos meninos (20) e constatei que, embora sutilmente, as relações de gênero estavam presentes. Cinco meninos desenharam campos de futebol com detalhes do esporte oficial (traves, pequena área, centro do campo, jogadores de linha e goleiros com uniformes), enquanto as duas meninas que se desenharam jogando futebol estavam na grama, sem marcações de campo ou com bandeirinhas coloridas delimitando o espaço. As meninas se desenharam de diferentes maneiras, mas houve predominância de desenhos diversificados como: Rapunzel, na barriga da mãe, piscina, balanço na árvore, nadando em um aquário, colhendo maçã, árvores e passarinhos. No entanto, não apareceu nenhuma alusão a brincadeiras de casinha e de bonecas. Os meninos se desenharam caminhando no morro, vestidos de monstros e de *“Chucky, o boneco assassino”* (personagem de série lançada em 1988), brincando com os amigos, pulando na água e nadando na lagoa.

Uma questão curiosa foi a quase ausência de casas nos desenhos (3), a pouca presença das famílias (5), a ausência total de qualquer relação com a escola, com a leitura e com os estudos, apesar da produção dos desenhos ter sido feita em sala de aula. No entanto, os

amigos e as brincadeiras foram evidenciados em 14 desenhos ao lado da natureza que esteve presente em quase todos eles (sol, grama, montanhas, árvores, nuvens, céu, água). O sol foi o mais desenhado (13) em contrapartida com apenas uma lua nascendo, podendo indicar que, realmente, as crianças da Costa se recolhem ao entardecer para as suas casas. A água, de diferentes maneiras, esteve representada em nove desenhos, sendo que algumas crianças se desenharam nadando.

De certa maneira, posso afirmar que os desenhos extrapolaram os limites das folhas de papel e provocaram prosas interessantes. Ao perguntar para a Diva o que havia desenhado, ela disse: “*Eu, tu e o Marcelo jogando bola.*”. Ao olhar para o desenho não encontrei nenhuma bola e a questioneei sobre onde estaria e ela rapidamente me respondeu: “*A bola foi bem pra lá, porque ele deu embaixadinha para cima.*”. Ainda a questioneei se era dia ou noite e ela: “*Ué Mira, claro que era dia, você não lembra? Era aquele dia que a gente tava jogando bola!*”. Surpresa, constatei que ela se referia e lembrava de um dia em que jogamos bola juntas, embora já se passassem alguns meses. Estas misturas de recordações e de imaginários, no processo de pesquisa, fortalecem a convicção de que as experiências são inesquecíveis, tornando-se gestadoras de narrativas. Neste mesmo sentido, quando a Beatriz foi entregar o desenho a questioneei sobre o que havia desenhado e ela: “*Eu chamando a gaivota para cagar no trapiche.*”. Impossível não rir e não poetizar com Aice Ruiz (1996, p. 70): “O menino me ensina como um velho sábio o quanto sou menina.”

Ouvi, olhei mais atentamente os desenhos, problematizei a situação que estava vivendo e constatei a veracidade da afirmativa de Girardello (2011, p. 85): “[...] o trabalho de criação imaginária, numa partilha narrativa entre adultos e crianças, dá-se necessariamente em mão dupla, ou não se dá.”. As crianças se envolvem emocionalmente, dão-se inteiras ao momento presente, vivem radicalmente cada experiência. Ser capaz de uma entrega semelhante talvez seja um dos maiores desafios para quem quer estar com elas e compreendê-las.

Ouvindo o que as crianças contavam, constatei que, como Gobbi (2002, p.79) adverte, os desenhos: “Contêm em si informações que vão além dos mesmos, extrapolando o registro ou cópia fiel do que está ao redor; são portadores de sonhos, de imaginação, de vínculos constituídos entre seus produtores e aqueles ou aquilo que estava nos entornos da produção [...]”. Algumas vezes, os desenhos foram condutores de outros relatos, ainda mais distantes. Com o seu desenho na mão, que apresentava uma chuva e um lago de diamantes, Joel falou: “*Mira, sabia que estamos criando dois filhotes de gambás lá em casa? Eles estavam*

se fingindo de mortos, quando encontramos. Eu que descobri isso, meu pai e minha mãe não perceberam.”. Terá aprendido com o filme Era do Gelo?. Continuou: *“Eles são muito legais e fofos. Têm as mãos como as nossas.”*. Logo que Joel terminou de falar a Duda, que esperava para entregar os desenhos perguntou para ele, sem perder tempo: disse: *“Eu posso visitar os gambás?”*. Em outro momento, a Diva, enquanto fazia seu desenho combinava com o Gabriel, os cuidados que ele deveria ter com o gato que ela iria dar de presente, e falou: *“Você tem que pegar e fazer uma casa para ele.”*. Gabriel respondeu: *“Mas a minha casa já é uma casinha, mas qualquer coisa faço uma no sofá que vai ficar bem fofinha.”*. Estas conversas foram ouvidas, registradas e consideradas na perspectiva defendida por Gobbi (2002, p. 71): *“O desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados.”*.

Ao trabalhar com os desenhos, também busquei me aproximar da proposta de Galzerani (2002) quando inspirada em Benjamin propõe que sejamos capazes de transgredir e provocar rupturas nos muros que hierarquizam e separam crianças e adultos. Fundamentada na mesma autora, afirmo que esta busca deve partir intencionalmente de nós adultos, para que nos relacionemos com as crianças em momentos livres, de trocas e de sensibilidades. No entanto, é essencial que relações de respeito sejam construídas e que os tempos de cada criança sejam observados, pois como adverte Girardello (2011, p. 78):

Nem sempre a criança que se mostra momentaneamente parada, com o olhar fixo e aparentemente vago, precisa naquele instante da interferência automática do adulto para que faça alguma coisa, para que se envolva com os colegas ou com alguma outra proposta em andamento na sala. Às vezes, ela pode estar em plena elaboração imaginária, vivenciando o devaneio, que é parte fundamental de sua vida subjetiva.

Com estas concepções, apresento alguns desenhos para que você, leitor, possa conhecer um pouco mais das crianças da Costa, os seus cotidianos e as suas criatividade. Talvez possamos compreender melhor os nossos papéis de adultos no encontro com o novo e possamos, em caminhos de mão dupla, de mãos dadas com as crianças, repetir a frase do menino do texto de Galeano (2003, p.15): “Me ajude a olhar!”













4.4. “EU GOSTO DO ABSURDO DIVINO DAS IMAGENS.”⁵⁵

*Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:[...]
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
Fotografei a existência dela.[...]
A foto saiu legal.*

Manoel de Barros (2010, p. 379)

Este último ensaio fotográfico⁵⁶ denominado “*Eu gosto do absurdo divino das imagens.*” é mais um convite para cada leitor efetivar as suas experiências vividas (BENJAMIN, 1980, 2012; LAROSSA, 2015) mergulhando no cotidiano das crianças da Costa da Lagoa e de suas brincadeiras que acontecem em diferentes tempos e espaços. Estavam lá e se faziam visíveis para serem fotografadas, como afirma Sebastião Salgado (2000, p. 7): “Ao ver uma câmera, dão pulos de entusiasmo, riem, acenam, [...] na esperança de serem fotografadas.”. Experimentavam, o tempo todo, o exercício de se doar para as fotografias e, dessa maneira, também se tornou co-autoras dos registros iconográficos, evidenciando a constatação do próprio Salgado (2000) ao abordar as relações de cumplicidade e de trocas que se estabelecem entre aquele que fotografa e aquele que é fotografado. No percurso da pesquisa, obter as fotografias com máquina digital e celular, após a autorização dos responsáveis, se tornou um divertimento para as crianças e para mim. Cada foto efetivada suscitava agrupamentos em torno de mim para que pudessem avaliar os registros. Algumas gostando, se achando bonitas e outras nem tanto.

Novamente não utilizei legendas explicativas porque as fotografias são concebidas como textos imagéticos e falam por si

⁵⁵ Manoel de Barros. **Poesia completa.** São Paulo: Leya, 2010. p. 458.

⁵⁶ As imagens que constituem esta parte da dissertação foram efetivadas, pela pesquisadora, mediante conhecimento prévio e autorização livre e esclarecida, verbal e escrita, da comunidade da Costa da Lagoa, das pessoas e dos responsáveis pelas crianças. Foram obtidas durante o processo de pesquisa e são exclusivas para esta dissertação. Fica proibida - por princípios éticos e pela legislação vigente - a reprodução destas imagens, na íntegra, fragmentadas ou alteradas, para qualquer outra finalidade, sem a autorização prévia e escrita da autora.

mesmas. Ultrapassar os limites da racionalidade pode permitir que se perceba as possibilidades transgressoras da imaginação, dando novo olhar ao cotidiano das crianças, no encontro com a poética de Manoel de Barros (2008, p. 175): “Sapo é um pedaço de chão que pula.”. As fotografias escolhidas apresentam as crianças da Costa vivendo nos tempos e nos espaços dos caminhos, dos trapiches, dos barcos, da Farinhada, das festas escolares, do Boi de Mamão, das árvores, das trocas afetivas, das bicicletas, das pedras, das águas, dos restaurantes, dos bichos, das traquinagens, das aventuras, dos jeitos de ser, das trilhas, das pranchas ecológicas, do standup⁵⁷. Neste ensaio ouse usar a apresentação estética, não hierarquizando as fotografias por alguma provável importância. Portanto, peço que a ordem e o tamanho das mesmas sejam relativizados. Para os objetivos da pesquisa, todas são significativas e a proposta é que cada leitor faça o seu percurso. São fotos brincantes, coloridas, ensolaradas, criancieiras. Novamente insisto em não utilizar legendas, inspirada na poética de Manoel de Barros (2010, p. 303):

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a
 imagem de um vidro mole que fazia uma volta
 atrás de casa.
 Passou um homem depois e disse: Essa volta que
 o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.
 Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
 que fazia uma volta atrás de casa.
 Era uma enseada.
 Acho que o nome empobreceu a imagem.

⁵⁷ Prática de remar em pé, sobre pranchas especiais, semelhantes às de surfe, tentando manter o equilíbrio.























































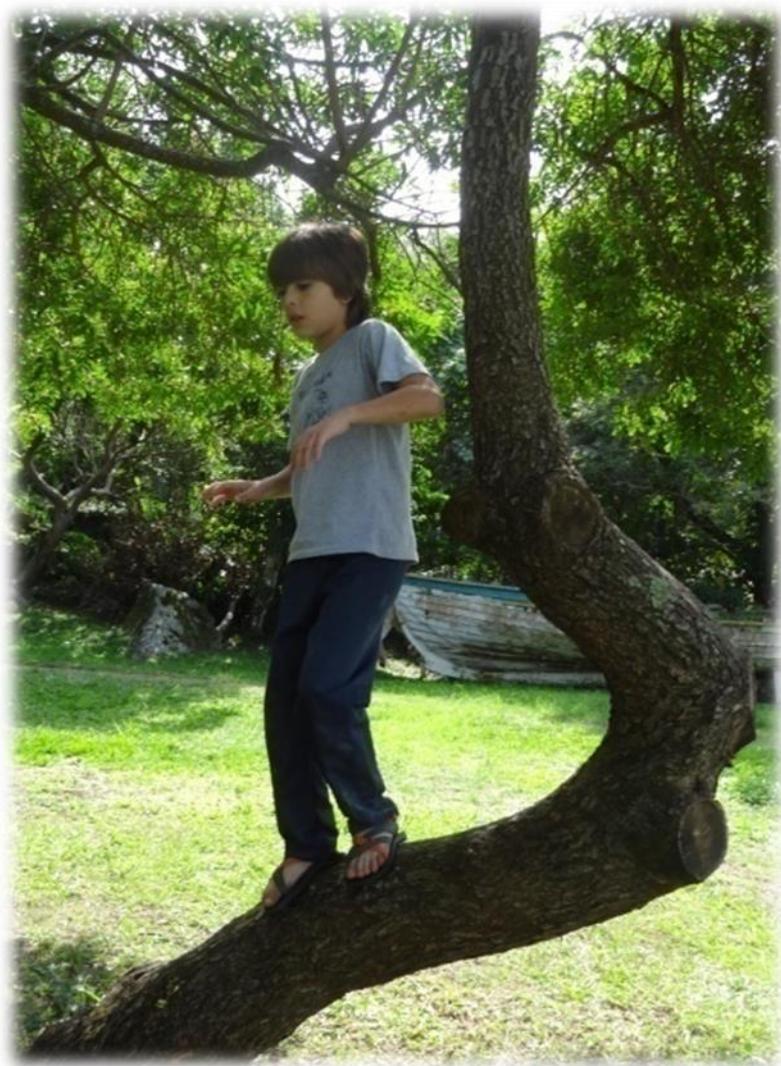
































































































4.5. “MEUS PASSOS NÃO ERAM PARA CHEGAR PORQUE NÃO HAVIA CHEGADA.”⁵⁸

*Depois eu saía correndo pelos caminhos molhados.
Havia um frescor de musgos na boca da terra. (p. 55)
Fiquei toda minada de sol na minha boca! (p. 97)
Você brincou de mim que uma borboleta no meu dedo tinha sol? (p. 99)*
Manoel de Barros (2010)

As narrativas apresentadas, tendo as crianças como personagens e as suas brincadeiras como enredo, complementadas pelos desenhos e fotografias, carregaram o objetivo de possibilitar um mergulho no cotidiano da Costa como cenário de brincar, relacionar-se, ensinar, aprender, crescer, viver. Costa que apresenta contradições, que ora libera um jovem para pilotar o barco do pai e que ora determina o momento de largar a mamadeira ou que é hora de voltar para casa interrompendo as brincadeiras. Costa que acalenta primeiros amores e que cultiva tradições esquisitas como o “com quem será”. Costa que tem crianças que chupam limão como se fosse bergamota, que brincam com um siri e que querem vender um cágado. Costa que tem travessias em barcos com cartazes proibindo jogos, mas nos quais as crianças transgridem e brincam entre adultos que fazem de conta que não estão vendo. Costa que tem barco com piloto que carrega carrinhos que ficam estacionados próximos ao leme para quem quiser colocá-los em movimento. Costa que mistura crianças, meninas e meninos, de diferentes idades, mas que mantém relações ainda marcadas pelos gêneros. Costa que impregna as crianças de árvores, águas, céu e sol, mas que não impermeabiliza para imaginários e sonhos outros, como a Disney, a Rapunzel, “Chucky, o boneco assassino”, o *McDonald’s*. Costa que tem a sua medicina popular de ervas e de benzedadeiras, mas que também leva as suas crianças ao médico quando estão com febre. Costa que, com suas gentes e territórios, constitui-se em um cenário de brincar e para as brincadeiras, pois, como Manoel de Barros (2010, p. 437) poetiza: “É fruto de uma natureza que pensa por imagens.”

A natureza, para a realização da pesquisa proposta, foi concebida como una. Somos a natureza junto com todos e precisamos da natureza para nos manter vivos. Os processos de crescimentos das crianças exigem a intencionalidade dos adultos com os quais elas convivem, para

⁵⁸ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. p. 50.

que tempos e espaços de experiências sejam pensados e construídos, mas sempre com o intuito de ampliar possibilidades, escutar sugestões e aceitar rejeições, pois os estudos de Girardello (2011, p. 76) têm indicado que:

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto - comove-se- com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita.

No entanto, dados de destruição são assustadores e nos provocam a pensar, junto a Tiriba (2010, p. 1) que: “As relações entre sistemas culturais e sistemas naturais ameaçam a continuidade da vida no planeta.”. Neste contexto, nenhum processo vivido com as crianças pode ser pensado sem que a natureza esteja presente. Para Sorrentino, Portugal e Viezzer (2009), a formação das crianças para conviver com a natureza em constantes mudanças, exige que os adultos também se eduquem, pois não é um processo que se faz de palavras, mas que acontece pela mediação das experiências de estar com e na natureza, pois a educação ambiental que se pretende é mediada pelas relações com o outro e com todas as demais manifestações da vida planetária (LUCA; ANDRADE e SORRENTINO, 2012).

Marinho e Inácio (2007) destacam o necessário reencantamento com a natureza e, nesta perspectiva, Cornell (1996) alerta para a necessidade de estarmos cientes de que a vida sempre é mais importante que as banalidades e os interesses humanos. Propõe, em seu livro “Brincar e aprender com a natureza”, várias atividades a serem realizadas com as crianças para que essas experimentem sentir o cheiro de uma flor, ouvir o coração de uma árvore, pisar sobre folhas secas, ouvir os sons das cachoeiras e das matas, sentir o toque do vento e da água. As atividades propostas, bastante simples, mas significativas, fogem dos discursos, das explicações conceituais e propõem o conhecimento mediado pelo contato direto na e com a natureza. Como

proposta metodológica, Cornell (1996, p. 7-9) apresenta alguns princípios, a saber: “Ensine menos e compartilhe mais; Seja receptivo; Seja sensível. Esteja alerta; Concentre sem demora a atenção da criança; Observe e sinta primeiro, fale depois. Um clima de alegria deve prevalecer durante a experiência.”. A leitura destes princípios permite refletir que a proposta do autor é de um profundo contato com a natureza, contato que vai muito além dos aspectos cognitivos. É uma proposta de sensibilização que envolve todo o ser, que aguça e que acalma os sentidos, na busca dialética do encontro consigo mesmo e com o outro.

Tiriba (2010) avança e propõe a superação da concepção antropocêntrica que, equivocadamente, coloca o ser humano como superior aos entes não humanos. Denuncia que os avanços científicos e tecnológicos têm provocado desastres à natureza da qual somos parte e, portanto, é urgente que se efetivem e se valorizem processos educativos que se contraponham ao uso ganancioso e especulativo do ambiente. Para a autora, esse é um necessário passo para que não continuemos matando e destruindo, como se fosse nosso o poder sobre a vida e a morte. Adverte sobre a necessidade de nos considerarmos como parte da biodiversidade, como uma espécie entre tantas outras e, esta conscientização perpassa a nossa unidade subjetiva e a nossa unidade coletiva.

Girardello (2011, p. 78-79) amplia a concepção das experiências como caminhos de sentir, de se emocionar, de viver a estética: “O estímulo imaginativo surge não só no contato com o que pode ser tocado ou percebido - como o calor do fogo, a viscosidade da lama - mas também no encontro com o incomensurável, como a multidão de estrelas no céu, o tamanho do mar, o poder das tempestades.”

As crianças da Costa, resguardadas as características de cada família e vilarejo, têm a vida e a natureza para brincarem, conviverem, saborearem, contemplarem. A lagoa é um aquático lugar brincante para nadar, andar de caiaque, *stand up* e, de quebra, fazer alguma peraltice nos barcos. Os morros, com suas árvores, trilhas e animais, são espaços de aventuras e de desafios. Em noites frias, uma fogueira aquece e diverte. A brisa traz energia, acaricia a pele, diminui o calor para as brincadeiras e ainda possibilita brincar de pipa. As crianças, resguardos os limites de toda a vida humana, crescem cercadas de sabedorias, de “circularidade cultural”; de “experiências vividas”; de “desidades” (BENJAMIN, 1980, 2009, 2012; GINZBURG, 1987; LAROSSA, 1999, 2015; NOAL, 2006; TIRIBA, 2010).

Estar na Costa, com as crianças, foi, acima de tudo, uma: “Aventura que incluiu em seu bojo a racionalidade (não a instrumental, mas a estética), a afetividade, o desconcerto da criança, o prazer e mesmo a sedução. Sedução [...] como refinamento das visões, das sensibilidades em relação à criança. Ao diferente, ao ‘outro’.” (GOBBI, 2002, p.66). O que significa ser criança na Costa? Entre tantas observações, conversas, registros e reflexões, encontrei no depoimento de Sofia, que foi professora e diretora na escola da Costa e que, por identificação e desejo, ainda reside neste espaço após a sua aposentadoria, uma fala que resume muito do que senti e vivi nestes tempos de pesquisa:

Olha, se eu fosse criança nesse momento, gostaria de ser criança na Costa. Não sei se a criança da Costa tem esse entendimento, provavelmente não tem. Mas muitas delas não têm isso presente como conceito, mas na prática isso é todo dia. Eu acho que ser criança na Costa hoje é um privilégio, porque a criança consegue ser autêntica com alguns estímulos, como a família e a escola. Porque ela tem o ambiente geográfico, no sentido científico mesmo, adequado para ser criança. E ela pode expressar e esse ambiente geográfico possibilita que a criança seja criança da forma mais espontânea possível, de forma que pode exercitar coisas que criança faz, brincadeiras de criança, que hoje é um grande achado. Em alguns lugares é uma exceção a criança poder brincar. Aqui vai brincar de canoa, vai tomar banho, vai brincar no caminho, vai andar na trilha. Sem se preocupar com aquelas coisas que outras crianças se preocupam, que não deveriam, mas se preocupam, como cuidar da sua segurança. Aqui na Costa ela tem essa chance de poder brincar como criança, usar o corpo, se movimentar, usar a imaginação. Ao mesmo tempo em que ela tem a possibilidade de estar na frente de uma tela de televisão, ela tem a possibilidade de estar na frente de uma lagoa enorme, de poder trabalhar com isso. Entende? Tem esse privilégio, essa coisa de poder fazer isso no dia a dia. E o brincar na Costa, andar e explorar o ambiente é uma coisa rotineira, não é uma exceção. As crianças que moram lá na cidade têm que escolher e ir, de

vez em quando, nos parques como o Brinca Mundi, andar na ciclovia, ir a algum parque jogar bola. Isso tudo faz parte da vida diária das crianças da Costa. Ser criança na Costa da Lagoa é poder ser autenticamente criança, poder usufruir desta fase da vida com toda a intensidade e liberdade que ela exige.

Durante os três meses em que vivi na Costa conheci estes cenários e as experiências vividas pelas crianças no cotidiano e, juntamente com Sofia e os adultos que conversei, posso afirmar que a Costa se constitui de espaços e de tempos para brincar e viver em liberdade. Tem as suas mazelas, tem os seus limites, tem as suas contradições. Que lugares e que gentes não as têm? Puxo as redes junto com as crianças, emergem das águas carregadas de peixes e com alguns entulhos. Assim é a dinâmica da vida, impregnada de coisas para guardar e coisas para serem descartadas. Nesta convicção, afirmo, com Manoel de Barros (2010, p. 50): “Meus passos não eram para chegar porque não havia chegada. Nem desejo de ficar parado no meio do caminho. Fui andando...”

*Provavelmente sobre as frondes viriam os pássaros cantar
Levando-me até os caminhos indecisos da aurora.
Entretanto havia uma pergunta que me desafiava
E um desejo obscuro nas mãos de apanhar objetos largados na tarde...
Fui andando...
Meus passos não eram para chegar porque não havia chegada
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho.
Fui andando...
As coisas eram simples. [...]
Manoel de Barros (2010, p. 50-51)*



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: "NÃO PRECISO DE FIM PARA CHEGAR." (2010, p. 348)

Quando decidi realizar um estudo etnográfico, o fiz, não somente como o possível percurso metodológico, mas por acreditar que este era o caminho para construir um processo intenso e significativo de estar na Costa durante a pesquisa de mestrado. Com a leitura de outras etnografias - para a preparação do projeto e da chegada a campo - foi possível me aproximar da compreensão do que é estar inserida em contextos plurais, diversificados e estranhos ao cotidiano de estudante da universidade. No entanto, quando peguei as mochilas e fui morar na Costa, senti a cada momento a intensidade da pesquisa etnográfica e como este processo de inserção provoca inquietações, dúvidas, encantamentos, tensões, necessidade de releituras, distanciamentos e aproximações. Sei que transformei e fui transformada ao trilhar caminhos de várias mãos, em diferentes direções.

Estas mudanças geraram questionamentos sobre os procedimentos pensados *a priori* para efetivar a pesquisa, perpassando e questionando os valores pessoais. Aprendi, cresci, fiquei mais simples, reencontrei valores do viver criancieiro, senti mais necessidade e desejo de aprofundamento teórico. Voltei aos textos estudados e busquei novos autores para compreender a simplicidade e a complexidade dos achados de pesquisa. Em meio a tantas sensações diferentes e ao aprofundamento teórico - que significaram a pesquisa e também se ressignificaram - retornei às perguntas iniciais, acrescentei outras, reli os objetivos. Pensei diariamente para que o olhar, o ouvir e o sentir continuassem focados.

Assim, nesta etapa de finalização, retomo as perguntas que inicialmente foram feitas por mim: Quais cenários e brincadeiras fazem parte da memória individual e coletiva dos velhos moradores da Costa da Lagoa, homens e mulheres? O que significa ser criança na Costa da Lagoa? Quais são as principais formas de brincar destas crianças? Quais os significados da natureza para as crianças? Quais experiências acontecem no cotidiano da Costa da Lagoa envolvendo a natureza? Com alegria, posso afirmar que as perguntas foram suficientemente respondidas.

É possível afirmar que na Costa, além de se encontrar grandes árvores de Garapuvu⁵⁹, também se encontram significativas árvores genealógicas, com raízes profundas e bem nutridas de afeto, de cuidados, de harmonia. Mesmo em dias de ventos fortes, ou grandes estiagens, as raízes conseguem manter as árvores em pé e a vontade de permanecer na Costa prevaleceu para a maioria de seus velhos

⁵⁹ Árvore símbolo de Florianópolis, Santa Catarina. Sua madeira é muito leve, é própria para a confecção de canoas.

moradores. Apesar das contradições, dos espaços ameaçados e com as suas “circularidades culturais” (GINZBURG, 1987), a Costa ainda é um lugar e uma morada de paz e tranquilidade para seus velhos, adultos, jovens e crianças.

Para os que compõem as raízes e os troncos destas árvores genealógicas - os velhos - a Costa é um território cercado de significados, lugar onde viveram as suas infâncias, permeadas de trabalho, mas também com momentos de alegrias, de encontros, de festas, de transgressões. Lugar onde criaram seus filhos, seus netos e bisnetos. Lugar onde vivem suas velhices, rodeados de cuidados, afetos e atenções. Também lugar de perdas, de tristezas, e disputas, de desavenças. No entanto, indiscutivelmente, o lugar de cada um e do coletivo. Sentem e manifestam orgulho por terem ajudado na construção da comunidade e por viverem ali.

Ao ouvi-los, com fundamentação nos estudos de Benjamin (1980, 2012) e de Bosi (1994), não busquei confirmar a veracidade do que foi narrado, tampouco procurei eventuais equívocos e esquecimentos, pois certamente a história oficial está impregnada de muito mais distorções. Reconheci em cada interlocutor o esforço de voltar no tempo e de reconstituir o que foi vivido como uma tarefa, muitas vezes, difícil de ser cumprida. Às vezes, difícil de ser estancada, pois recordações chamam recordações e seria necessário um tempo infinito para ouvir cada um. Constatei, nesta experiência, que geralmente contar não é somente descrever o vivido, mas reconstruir, olhar novamente, reviver, rememorar.

Estes troncos fortes, com trajetórias tão iguais e, dialeticamente, tão singulares, sustentam os galhos e fazem com que seja possível a vinda de folhas novinhas - as crianças. Passar os primeiros anos de vida na Costa é um privilégio, é ter a chance de viver uma infância recheada de matas, águas, bichos, histórias, brincadeiras, brigas, desentendimentos, harmonias, direito de se expressar - e dever de calar e de ouvir. As crianças da Costa, em sua maioria, parecem ter consciência da infância que vivem, pois ao serem questionadas se sentem vontade de ser adultas, imediatamente responderam: “*Adorooo ser criança!*”; “*É muito mais melhor ser criança.*”; “*É mais melhor ser criança, pra brincar, essas coisas de dinheiro, esses problemas, não precisamos pensar.*”.

Na Costa há espaços para as crianças. Estão por todos os lugares, são olhadas e ouvidas. Agem e constroem, junto com os demais, os traços, os costumes, a cultura da comunidade, assim como também sofrem a influência desta cultura. São crianças alegres, criativas,

curiosas, questionadoras, defendem as suas vontades, mas aprendem também a respeitar as vontades e direitos dos demais. Gostam de colher frutas nas árvores, de andar de barco, de nadar na lagoa, de criar esconderijos nas matas, de cuidar de bichos, de por o pé na areia, entre tantas outras atividades cotidianas que as mantêm em uma relação estreita com a natureza. Elas são natureza. Estar disponível para viver com as crianças da Costa, na Costa, foi encantador, elas revigoraram meu ser, ensinaram-me a desconstruir as minhas certezas, aguçaram o meu olhar para as coisas “desimportantes”, sensibilizaram o meu nariz para os cheiros pitorescos. Com elas, reaprendi a falar com o nada, a sentir o coração da formiga, a rir do pum do cachorro. Para estas crianças, imbricadas com a natureza local e com as suas próprias essências, as coisas e os bichos falam, sendo preciso estar atento e silenciar para escutar. Para estas crianças há experiências para serem vividas e sentidas, não para serem explicadas e fragmentadas. Elas possuem estas sensibilidades, pois assim como afirma Manoel de Barros (2010, p. 425): “Por viver muitos anos dentro do mato, moda ave. O menino pegou olhar de pássaro [...]”.

Com as crianças da Costa - que convivem com adultos que estão presentes, que sugerem e interferem, mas que também sabem deixar a vida acontecer - reaprendi a pensar em mistérios acontecendo no cotidiano, a estar presente por inteiro, a viver experiências, a dar sentido para a vida e aos processos da pesquisa. A concepção de não buscar padrões estabelecidos *a priori* possibilitou estar com as crianças de maneira mais livre e criativa. Assim, embarcamos juntas em aventuras que nos levaram a lugares que talvez não existam, a conversar sobre a vida que há nas profundidades da lagoa, nos azuis do céu e nos mistérios das matas, a imaginar que algum barco poderia nos levar para águas nunca navegadas: “o que existe para além do horizonte, do encontro do céu com a água, do outro lado do mar?”.

Fundamentada em Girardello (2011) também aprendi que a natureza expande e transborda a imaginação das crianças para além do que nos parece imenso e distante, acontecendo também na aparente simplicidade do cotidiano que ganha luz e cores por meio dos maravilhamentos que os movimentos da vida e da natureza provocam. Constatei que as teorias são importantes, mas que os mergulhos no campo de pesquisa possibilitaram descobertas outras que são singulares e que também são caminhos de respostas para a maior de todas as perguntas: “Quem sou?”. Os momentos e os encontros vívidos na Costa se constituíram em experiências que me tocaram, provocaram pensamentos, problematizaram as certezas, trouxeram, em diálogo com

a poética de Cecília Meireles (2001), aprendizagens, desaprendizagens e outras aprendizagens.

Os espaços e os tempos da Costa, sempre em movimentos dialéticos, contam-nos das famílias, das histórias, dos nascimentos, das mortes, dos amores, das transgressões, dos encontros e dos desencontros. Algumas casas resistiram mais do que as mãos que as construíram e são pontos de referência da vida que se viveu e que se vive na Costa. Habitar a pesquisa possibilitou compreender que ser criança outrora e agora, na Costa, é ter em mãos o direito e a magia de ser parte de uma história que é contada e recontada por seus velhos moradores e ouvida por todos. É saber-se parte de um coletivo que, apesar de qualquer possível limitação, se quer livre, brincante, constituído de seres em diálogo permanente uns com os outros e de todos com a natureza. É possuir o tempo e o espaço para os encontros, as conversas, os diálogos, as trocas, as brincadeiras, as experiências. É sentir e manifestar a ânima de estar vivo, poder ser e poder mudar a cada novo amanhecer. Também foi interessante constatar o encontro com os estudos de Bosi (1994) e sentir como, durante as conversas com os velhos moradores, as lembranças dos irmãos e familiares se reportam mais nitidamente para a infância, empalidecendo com o passar do tempo, com a chegada da vida adulta. Parece ser necessário sentir-se novamente criança para ser possível perceber a vida em seu todo, podendo indicar que, mesmo na Costa, o viver adulto carregado de fazeres e obrigações, acaba resultando em um afastamento da vida que se quer plena, podendo trazer o risco de cada um perder-se de si mesmo e dos seus afetos.

Neste alerta, tornam-se significativas as pesquisas etnográficas efetivadas na Costa e em comunidades semelhantes, nas quais ainda há a presença de narradores e nas quais ainda se tem ouvintes atentos. Arrisco afirmar que a minha presença e a de outros pesquisadores têm reacendido a experiência das narrativas nos velhos moradores, ampliando a busca e a reorganização de fotografias, documentos e outras marcas do que foi vivido. Este registro, mesmo que em formato acadêmico, somado a tantos outros já concluídos e a outros que virão, pode ser condutor das memórias que se querem vivas e passadas de geração a geração. Os velhos moradores, ao contarem sobre os seus tempos de infância, compartilharam com as crianças de agora as lembranças de infância, as histórias e as brincadeiras preferidas, como já evidenciado nos estudos de Girardello (2011). No entanto, este recontar não é uma simples evocação ao passado ou uma tentativa de estagnar tradições, pois cada criança ouve de um jeito e cada uma vai brincar e

guardar em sua memória o que fizer sentido em sua vida. Assim, em um movimento espiral, sempre aberto e sempre crescente, as maneiras de ser criança na Costa vão se alterando, mediadas pelo que vai ficando registrado na memória de cada geração e de cada ser que ali vive. Portanto, não há como estancar os significados de ser criança na Costa em conceitos fechados, pois neste momento em que caminho para a conclusão deste texto, os velhos moradores - as crianças de outrora - e as crianças de agora que participaram desta pesquisa já são diferentes, embora, dialeticamente, ainda sejam os mesmos.

Chegando ao fim desta dissertação, mas longe de saciar as curiosidades e as inquietações como pesquisadora, avalio que a etnografia me oportunizou uma caminhada consciente e significativa pelas trilhas e travessias da Costa. O convívio com as pessoas, em especial com os antigos moradores e as crianças, fizeram-me sentir que “Os homens deste lugar são uma continuação das águas.” (BARROS, 2010, p.199). Posso afirmar que a minha estada na Costa foi uma “experiência vivida” (BENJAMIN, 1980, 2012; LAROSSA, 2015) em minha trajetória pessoal, como estudante e profissional. Também sei que foi para os moradores, principalmente os velhos e as crianças que participaram da pesquisa. Deste modo as conversas fluíram, as relações flutuaram, as fotografias mergulharam e meu ser segue a sua navegação sabendo que há laços e compromissos que são para sempre, pois, na companhia de Manoel de Barros (2010, p. 348): “Não preciso de fim para chegar.”.

*Sentir o sol. Gostar de ver as coisas todas.
Gostar de estar ali caminhando. Gostar de estar assim esquecido.
Gostar desse momento. Gostar dessa emoção tão cheia de riquezas
Íntimas.
Pensar nos livros que agente leu, nas alegrias dos livros lidos.
Manoel de Barros (2010, p. 60)*



FONTES, ÁGUAS E
SABEDORIAS

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, A. L. G.; FINCO, D. (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 17-36.

AGUIAR, C. M. **Educação, cultura e criança**. Campinas: Papirus, 1994.

AGUIAR, C. M. **Educação, natureza e cultura**: um modo de ensinar. 1998. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BARROS, M. de. **Entrevista** concedida a Bianca Ramoneda no dia 11 de setembro de 2002. Disponível em: www.leiabrasil.org.br/old/entrevistas/barros.htm Acesso em: 25 jul. 2014.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008.

BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BAUER, M. W. ; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BECK, A. Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, Vol. 7, No. 10, p. 8-24, Editora da UFSC, 1991.

BENJAMIN, W. (1892-1940) **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v. 1).

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

BENJAMIN, W. Textos escolhidos. In: BENJAMIN, W. et al. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 1-85.

BITTENCOURT, L. A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, B.;

LEITE, M. L. M. (Orgs.) **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998. p. 197-212.

BORGES, E.; SCHAEFER, B. O. **Vozes da Lagoa**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Fundação Banco do Brasil, 1995.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegamu na escola, e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BOSI, A. (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. **Lutar com a palavra**: escritos sobre o trabalho do educador. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

BRASIL. **Resolução Nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BRUHNS, H. T. **A busca pela natureza**: turismo e aventura. São Paulo: Manole, 2009.

BRUHNS, H. T. Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção. **Movimento**. 2004a;10:93-104. Disponível em: <http://clacso.redalyc.org/articulo.oa?id=115317720006> Acesso em: 27 nov. 2014.

BRUHNS, H. T. Meio ambiente. In: GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b. p.152-157.

BRUHNS, H. T. O ecoturismo e o mito da natureza intocada. **ActaScientiarum. Human and Social Sciences** Maringá, v. 32, n. 2, p. 157-164, 2010, p. 157-164. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/8677/8677> Acesso em: 05 dez. 2014.

CARRERO, G. C.; HANAZAKI, N. **A pesca e turismo na percepção dos moradores da comunidade da Costa da Lagoa, Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil.** [2011]. Disponível em: <http://www.seb-ecologia.org.br/viiceb/resumos/67a.pdf> Acesso em: 31 ago. 2014.

CARUSO, J. P. L. **Rendas da vida:** relações matrimoniais na Costa da Lagoa. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

COHN, C. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CORALINA, C. **Melhores poemas.** São Paulo: Global, 2004.

CORNELL, J. **Brincar e aprender com a natureza.** São Paulo: Melhoramentos, 1996.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?.** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEBORTOLI, J. A. O. Brincadeira. In: GOMES, C. L. (org). **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.19-24.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005.

DIAS, E. **Perfil sócio-econômico, histórico e cultural da comunidade da Costa da Lagoa, ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC.** 2001. 140 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) Faculdade de Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

DIAS, L. G. **O poder da e na voz delas:** benzedoras da Ilha de Florianópolis/SC. 2013. 154 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC), Florianópolis, 2013.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

FARIA, A. L. G.; FINCO, D. (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2011.

FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (Orgs.) **Desafios da imagem:** fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FONTOURA, H. A. da. Revisitando dados e refletindo sobre o uso de vídeo em etnografia. In: MATTOS, C. L. G. de; FONTOURA, H. A. da. **Etnografia e educação:** relatos de pesquisa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALEANO, E. **As palavras andantes.** 5. ed. Porto alegre: L&PM, 2007.

GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. Campinas/SP: Autores Associados, 2002. p. 49-68.

GARCIA, R. L. (Org.) **Método:** pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIMENO, S. I. D. **Destino viaja de barco: um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de modernização (1930-1990)**. 1992. 178 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política)- Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIRARDELLO, G. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas , v. 22, n. 2, p. 72-92, Ago. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 dez. 2014.

GIRARDELLO, G. **Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa**. 1998. 223 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação/Jornalismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

GOBBI, M. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p.69-92.

GROSSI, M. P. (Org.). **Trabalho de campo & subjetividade**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade, 1992.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Uma análise das condições de vida da população brasileira 2012**. 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2012/default.shtm>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

KONDER, L. **O que é dialética**. 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

KRAMER, S. A autoria e a autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LAGROU, E. M. A sedução do objeto. In: SILVA, V. G. da; REIS, L. V. de S.; SILVA, J. C. da. **Antropologia e seus espelhos**: a etnografia vista pelos observados. São Paulo: FFLCH/USP, 1994. p. 90-109.

LAGROU, E. M. Uma experiência visceral: pesquisa de campo entre os Kaxinawá. In: GROSSI, M. P. (Org.). **Trabalho de campo & subjetividade**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade, 1992. p. 19-40.

LAROSSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAROSSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LUCA, A. Q. de; ANDRADE, D. F. de; SORRENTINO, M. O diálogo como objeto de pesquisa na Educação Ambiental. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 589-606, maio/ago. 2012.

LUZ, E. P. A. da. **Na reversa do vento**: a cultura náutica da Costa da Lagoa - Florianópolis/SC. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) - Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MALUF, S. W. Bruxas e bruxaria na Lagoa da Conceição: um estudo sobre representações de poder feminino na Ilha de Santa Catarina.

Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 34, p. 99-112, fev. 1992.

MALUF, S. W. **Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, 187 p.

MANDELA, N. **Pensador**. [201-?]. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzM1NjIw/>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

MANFROI, Miraíra Noal; MARINHO, Alcyane. Praça da poesia: entre histórias e brincadeiras. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.2, jun/2014 p. 254-282.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2013.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

MARINHO, A. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidade de resistência. IN: MARINHO, M.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 01-28.

MARINHO, A.; INÁCIO, H. L. de D. Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLEER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MEIRELES, C. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MINAYO, M. C. de S. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, Jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 17 jan. 2015.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA Jr., C. E. **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MUEHE, D. ; CARUSO JR., Francisco. Batimetria e algumas considerações sobre a evolução geológica da Lagoa da Conceição - Ilha de Santa Catarina. **Geosul**, v.4, n.7. p 32- 44, Florianópolis, 1989.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V. M.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 61-93.

NERUDA, P. **Confesso que vivi**: memórias. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

NOAL, M. L. **As crianças Guarani/Kaiowá**: o mitãreko na Aldeia Pirakuá/MS. 2006. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NOVAES, S. C. Imagem em foco nas ciências sociais. In: NOVAES, S. C. et al. (Orgs.) **Escrituras da imagem**. São Paulo: FAPESP: Editora da USP, 2004. p. 11-18.

PEREIRA, M. F. S. **Gravidez, corpo e pessoa**: a formação da criança na Costa da Lagoa (Florianópolis). 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PERES, F. L. **Rodando o engenho**: reflexões teórico-metodológicas sobre a brincadeira de fazer vídeo, na perspectiva da mídia-educação.

2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, abr. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 26 dez 2014.

PESSOA, Fernando (Álvaro de Campos). **Fernando Pessoa - obra poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.

PIAZZA, W. F. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Lunardelli, 1983.

PIMENTEL, G.G. de A. Lazer e natureza no turismo rural. IN: MARINHO, M.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 131-156.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. n. 10, 1992, p. 200-215.

PORTELLI, A. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. 14, 1997. p. 7-24.

PRADO, P. D. **Educação e culturas infantis: crianças pequenininhas brincando na creche**. São Paulo: Képos, 2012.

QUEIROZ, M. I. P. de (Org.) Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. R. M. (Org.) **Experimentos com história de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

RIAL, C. S. **O mar de dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição**. 1988. 171 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.

ROSA, G. **Primeiras estórias**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROSA, J. A. M. **Turismo social: um estudo de caso na Costa da Lagoa** - Florianópolis/SC. 2002. 61 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de

Produção) -Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

RUIZ S., A. **Desorientais:** hai-kais. São Paulo: Iluminuras, 1996.

SALGADO, S. **Retratos de crianças do êxodo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SANTOS, S. R. dos. **Olhar pelas fronteiras** - o diálogo estético entre esferas sociais. 2013. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SANTOS, M. A redescoberta da natureza. **Revista estudos avançados,** São Paulo, v.14, n.6, 1992. p. 95-106.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Editora da USP, 2004.

SCHWADE, E. Poder do “sujeito”, poder do “objeto”. In: GROSSI, M. P. **Trabalho de Campo & Subjetividade.** Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade. Laboratório de Antropologia. Programa de Pós Graduação em antropologia social, 1992. p.41-52.

SILVA, M. A. S. da. **Os desencantos da ilha da magia:** projetos urbanos e manutenção da cultura açoriana em Florianópolis – SC. Anais dos Encontros Nacionais da Anpur. Recife. V.15, 2013

SILVA, M.R. **O assalto à infância no amargo da cana-de-açúcar:** Onde está o lazer/lúdico? O gato comeu? 2000. 369 f. Tese (doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SPINK, M. J. P. ; MENEGON, V. A pesquisa como prática discursiva. In: SPINK, M. J. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999. p. 63-92.

SORRENTINO, M.; PORTUGAL, S.; VIEZZER. Educação ambiental de jovens e adultos. **Anais...** Jornada Internacional de Educação Ambiental: Belém do Pará, 2009.

THOMAS, J. R.; NELSON J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

TIRIBA, L. Crianças na natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2010. p. 1-20. Disponível em: [file:///C:/Users/Mira%C3%ADra/Downloads/2.9_artigo_mec_crianças_natureza_lea_tiriba%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Mira%C3%ADra/Downloads/2.9_artigo_mec_crianças_natureza_lea_tiriba%20(2).pdf). Acesso em: 13 jul. 2013.

TONUCCI, F. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

TONUCCI, F. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: ARTMED, 2005.

TRICHÊ, P. B. M.; MORETTI-PIRES, R. O. Pesquisa etnográfica. In: SANTOS, S. G. dos; MORETTI-PIRES, R. O. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. p.105-111.

TRIVIÑOS, A. N. S. Dialética e pesquisa em Ciências Sociais. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS/Sulina, 1999.

VELHO, G. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, abr. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jul. 2014.

VELHO, G. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VERDEN-ZÖLEER, G. O brincar na relação materno-infantil. In: MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLEER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004. p. 117-216.

VIGARELLO, G. Prefácio à história do corpo. In: COBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. 2. ed. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008a. p. 7-13.

VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. In: COBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. 2. ed. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008b. p. 303-400.

APÊNDICES

APÊNDICE A - POÉTICAS DE MANOEL DE BARROS
UTILIZADAS NO SUMÁRIO

“Deixei uma ave me amanhecer.” (2010, p. 275)

“Imagens são palavras que nos faltaram.” (2010, p. 263)

“Os ventos levam-me longe... Longe...” (2010, p. 76)

“Hoje eu desenho o cheiro das árvores.” (2010, p. 301)

“Eu gosto do absurdo divino das imagens.” (2010, p. 458)

“Meus passos não eram para chegar porque não havia chegada.” (2010, p. 50)

“Não preciso de fim para chegar.” (2010, p. 348)

APÊNDICE B - CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS,
VÍDEOS E GRAVAÇÕES**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC**
GABINETE DO REITORCOMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
ENVOLVENDO SERES HUMANOS – CEP SH

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA: EDUCAÇÃO, BRINCADEIRAS E NATUREZA”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado

APÊNDICE C - CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS,
VÍDEOS E GRAVAÇÕES (MENORES)



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA
CATARINA - UDESC**
GABINETE DO REITOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
ENVOLVENDO SERES HUMANOS –
CEPSH

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de meu filho/dependente para fins da pesquisa científica intitulada “SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA: EDUCAÇÃO, BRINCADEIRAS E NATUREZA”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas ao meu filho/dependente possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, o meu filho/dependente não devem ser identificado por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso, e que as fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade e guarda do grupo de pesquisadores do estudo.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Sujeito Responsável pelo Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Responsável pelo Sujeito Pesquisado

**APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA -
UDESC**
GABINETE DO REITOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO
SERES HUMANOS – CEPESH

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada, “SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA: EDUCAÇÃO, BRINCADEIRAS E NATUREZA”, tendo como objetivo geral investigar as relações estabelecidas pelas crianças moradoras da Costa da Lagoa em Florianópolis (SC) entre a educação, o brincar e a natureza. Além disso, tem como objetivos específicos: 1) Investigar os espaços de lazer existentes na Costa da Lagoa (SC) voltados às crianças residentes nesta comunidade, bem como se dão suas apropriações; 2) Investigar as diferentes formas de brincar das crianças moradoras da Costa da Lagoa de Florianópolis (SC); 3) Analisar o cotidiano destas crianças, detectando suas experiências com e na natureza.

Mediante fixação de moradia da pesquisadora em uma casa na Costa da Lagoa, e a apresentação da mesma e de suas intenções com a pesquisa para a comunidade, começarão a ser realizadas observações da vida das pessoas que moram na Costa da Lagoa, e os pontos relativos a como era a vida na infância dos que hoje são adultos serão anotados em um caderno de campo, e depois transcritos para o computador, e passaram posteriormente pelo aval das pessoas observadas. Também serão realizadas entrevistas “não-diretivas”, ou seja conversas informais sobre como foi ser criança na Costa da Lagoa e a relação desses adultos, a partir de suas memórias, com a natureza, educação e brincadeiras durante suas infâncias. Todas as entrevistas serão registradas com um gravador de áudio e realizadas individualmente, em um espaço reservado,

preferencialmente no local onde a pessoa mora, e em dias e horários de preferência da própria pessoa, previamente agendados. As observações e entrevistas serão realizadas em nome do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), não sendo obrigatório responder a todas as perguntas da entrevista.

Os riscos em participar dessa pesquisa serão mínimos por envolver apenas observações e entrevistas, as quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os participantes em seus contextos. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas e as anotações feitas por meio das observações não serão compartilhados com o grupo como um todo. Ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, à descrição da sua entrevista e, se desejar, poderá alterar seu conteúdo. A sua identidade será sigilosamente preservada, pois cada participante da pesquisa será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo incluem: contribuir para o desenvolvimento de investigações sobre a temática em questão, a qual ainda é pouco explorada no cenário científico nacional; estimular a realização de novas pesquisas que auxiliem no entendimento das questões relacionadas a educação, crianças, brincar e natureza; e possibilitar que você tenha acesso a conhecimentos e informações sobre estas questões.

A pessoa que estará acompanhando os procedimentos será a Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho e a aluna de mestrado Miráira Noal Manfroi. Salienta-se que a senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Dessa forma, solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção da dissertação e outros trabalhos científicos. A sua privacidade será mantida através da não identificação do seu nome. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em posse do pesquisador principal desta pesquisa e outra com a senhor(a). Agradecemos a sua participação.

PESQUISADOR PARA CONTATO: Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho
TELEFONE: (48) 84162002

ENDEREÇO: Rua Vereador Ramon Filomeno, 357, ap.: 1001
Torre 1, Parque São Jorge, Itacorubi, 88034-495, Florianópolis -
Santa Catarina.

ASSINATURA:

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos –
CEPSH/UFSC

Campus Universitário Trindade – Campus, Florianópolis (SC)
CEP: 88040-900. Telefone: (48) 3721-9206

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao estudo e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome completo por extenso:

Assinatura: _____

Local e data: _____

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (MENORES)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
GABINETE DO REITOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES
HUMANOS – CEPESH

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada, “SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA: EDUCAÇÃO, BRINCADEIRAS E NATUREZA”, tendo como objetivo geral Investigar as relações estabelecidas pelas crianças moradoras da Costa da Lagoa em Florianópolis (SC) entre a educação, o brincar e a natureza. Além disso, tem como objetivos específicos: 1) Investigar os espaços de lazer existentes na Costa da Lagoa (SC) voltados às crianças residentes nesta comunidade, bem como se dão suas apropriações; 2) Investigar as diferentes formas de brincar das crianças moradoras da Costa da Lagoa de Florianópolis (SC);3) Analisar o cotidiano destas crianças, detectando suas experiências com e na natureza.

Mediante fixação de moradia da pesquisadora em uma casa na Costa da Lagoa, e a apresentação da intenção da mesma para a comunidade, começarão a ser realizadas observações da vida das crianças que moram na Costa da Lagoa, e essas serão anotadas em um caderno de campo. Serão realizadas entrevistas “não-diretivas”, ou seja conversas informais sobre como é ser criança na Costa da Lagoa e a relação dessas crianças com a natureza, educação e brincadeiras. Todas as entrevistas serão registradas com um gravador de áudio e realizadas individualmente, em um espaço reservado, preferencialmente no local onde a criança mora ou brinca. Ainda serão registradas algumas fotografias e vídeos, com a intenção de mostrar situações peculiares. Por fim as crianças farão um desenho retratando como ela se enxerga no contexto onde vive,

esse desenho será realizado na escola, em dia e horário definidos com a diretora e os (as) professores(as).

As perguntas serão realizadas em nome do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Não é obrigatório responder a todas as perguntas, mas salienta-se os riscos em participar dessa pesquisa serão mínimos por envolver apenas observações, caderno de campo, entrevistas, desenhos, fotografias e vídeos, os quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os participantes no contexto que estão inseridos. Para reduzir esses desconfortos, os materiais coletados não serão compartilhados com o grupo como um todo. Ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, aos seus registros (entrevista, desenho, fotografias, vídeos e anotações), se desejar, poderá alterar seu conteúdo. Além disso, a identidade do(a) seu(ua) filho(a)/dependente será preservada, pois cada participante do estudo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo incluem: contribuir para o desenvolvimento de investigações sobre a temática em questão, a qual ainda é pouco explorada no cenário científico nacional; estimular a realização de novas pesquisas que auxiliem no entendimento das questões relacionadas a educação, crianças, brincar e natureza; e possibilitar que você tenha acesso a conhecimentos e informações sobre estas questões.

A pessoa que estará acompanhando os procedimentos será a Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho e aluna de mestrado Miraíra Noal Manfroi. Salientamos que o(a) senhor(a) poderá retirar o(a) seu(ua) filho(a)/dependente do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Dessa forma, Solicitamos a sua autorização para o uso dos dados do(a) seu(ua) filho(a)/dependente para a produção de artigos técnicos e científicos. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em posse do pesquisador principal desta pesquisa e outra com a senhor (a). Agradecemos a participação do(a) seu(ua) filho(a)/dependente.

PESQUISADOR PARA CONTATO: Prof^ª. Dr^ª. Alcyane Marinho
TELEFONE: (48) 84162002
ENDEREÇO: Rua Vereador Ramon Filomeno, 357, ap.: 1001
Torre 1, Parque São Jorge, Itacorubi, 88034-495, Florianópolis -
Santa Catarina.
ASSINATURA:

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos –
CEPSH/UFSC
Campus Universitário Trindade – Campus, Florianópolis (SC)
CEP: 88040-900. Telefone: (48) 3721-9206

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao estudo e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome completo por extenso:

Assinatura: _____

Local e data: _____

APÊNDICE F - TERMO DE ASSENTIMENTO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
GABINETE DO REITOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES
HUMANOS – CEP SH

Eu _____ aceito
participar da pesquisa “SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA:
EDUCAÇÃO, BRINCADEIRAS E NATUREZA”.

Declaro que as pesquisadoras Miráira Noal Manfroi (Mira) e AlcyaneMarinhom e explicaram todas as questões sobre o estudo que vai acontecer. As pesquisadoras observarão nossa vida e irão fazer algumas anotações em seus cadernos das coisas que lhe chamarem atenção. Também teremos conversas com elas sobre como é ser criança aqui na Costa da Lagoa, como que a gente se relaciona com a natureza e do que brincamos. Elas irão registrar essas conversas com um gravador de áudio, sendo que será realizada com uma criança de casa vez, no local onde moramos ou brincamos. Serão registradas algumas fotografias e vídeos, com a intenção de mostrar situações únicas do nosso dia a dia. E ainda faremos um desenho, na escola, em dia e horário marcado, retratando como nós enxergamos no lugar onde vivemos.

Compreendi que não sou obrigado(a) a participar da pesquisa, eu decido se quero participar ou não.

A pesquisadora me explicou também que o meu nome não aparecerá na pesquisa.

Dessa forma, concordo livremente em participar do estudo, sabendo que posso desistir a qualquer momento, se assim desejar.

Assinatura _____ da
criança/adolescente: _____

Assinatura _____ dos
pais/responsáveis: _____

Ass.

Pesquisadora: _____

Dia/mês/ano: _____

ANEXOS

ANEXO A - PARECER COMSUNSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UDESC

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE SANTA CATARINA - UDESC

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SER CRIANÇA NA COSTA DA LAGOA: EDUCAÇÃO, BRINCADEIRAS E NATUREZA**Pesquisador:** Alcyane Marinho**Área Temática:****Versão:** 2**CAAE:** 31022014.2.0000.0118**Instituição Proponente:** FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 701.067**Data da Relatoria:** 26/06/2014**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Geral

Investigar as relações estabelecidas pelas crianças moradoras da Costa da Lagoa em Florianópolis (SC) entre a educação, o brincar e a natureza.

Objetivos específicos

- Investigar os espaços de lazer existentes na Costa da Lagoa voltados às crianças residentes nesta comunidade, bem como se dão suas apropriações.
- Investigar as diferentes formas de brincar das crianças moradoras da Costa da Lagoa de Florianópolis (SC).
- Analisar o cotidiano destas crianças, detectando suas experiências com e na natureza.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios são apresentados de forma adequada no projeto resumido, bem como no projeto detalhado e nos TCLE (para adultos e menores).

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi

CEP: 88.035-001

UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3321-8195

Fax: (48)3321-8195

E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE SANTA CATARINA - UDESC



Continuação do Parecer: 701.067

Os benefícios e vantagens são explicados adequadamente, sendo esclarecido que o estudo pode contribuir para o desenvolvimento de investigações sobre a temática em questão e estimular a realização de novas pesquisas que auxiliem no entendimento das questões relacionadas a educação, crianças, brincar e natureza.

Quanto aos riscos, são previstos riscos mínimos, pois a pesquisa envolve apenas observações e entrevistas, as quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os participantes em seus contextos. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas e as anotações feitas por meio das observações não serão compartilhados com o grupo como um todo. É esclarecido ainda que, ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, à descrição da sua entrevista e, se desejar, poderá alterar seu conteúdo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo etnográfico. A coleta de dados irá combinar diversos instrumentos e fontes: observações participantes, imagens (antigas e produzidas pela pesquisadora), desenhos das crianças, conversas informais e entrevistas não-diretivas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto é acompanhado dos seguintes documentos obrigatórios:

- Folha de rosto apresentada;
- Declaração da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis;
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores e para adultos: redigidos em linguagem acessível e cumprindo todos os quesitos obrigatórios.
- Consentimento para vídeos, fotografias e gravações para menores e para adultos: o formulário foi corretamente elaborado.
- Projeto detalhado: está preenchido de forma adequada.
- Termo de Assentimento para menores.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências anteriores:

- 1- Realizar as adequações nos TCLE (para maiores e para menores), detalhando os instrumentos de coleta de dados e os riscos.
- 2- Incluir o Termo de Assentimento para menores.

Pendências cumpridas.

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi

CEP: 88.035-001

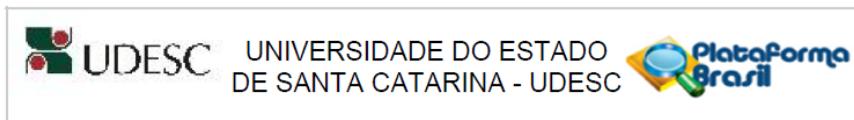
UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3321-8195

Fax: (48)3321-8195

E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 701.067

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado Aprova o parecer da Relatoria.

FLORIANOPOLIS, 27 de Junho de 2014

Assinado por:
Luciana Dornbusch Lopes
(Coordenador)